

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

ALUIZIO ALFREDO CARSTEN

OCUPAÇÃO HUMANA DA BACIA DO RIO DAS CINZAS: UMA HISTÓRIA  
DE POVOS SEM HISTÓRIA

MARINGÁ

2012

ALUIZIO ALFREDO CARSTEN

OCUPAÇÃO HUMANA DA BACIA DO RIO DAS CINZAS: UMA HISTÓRIA DE  
POVOS SEM HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPH, linha de pesquisa em *Fronteiras, Populações e Bens Culturais*, da Universidade Estadual de Maringá para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Lucio Tadeu Mota

MARINGÁ

2012

Aos meus pais, Maria Helena e José Aluizio Carsten que me ensinaram e motivaram a trabalhar com braços e intelecto para sobreviver. Essa dissertação não contou com recursos financeiros institucionais.

“O trabalho da escrita acadêmica é solitário. É composto de distúrbios neurovegetativos, histeria, insônia, solidiedade, tesão e muita perseverança. A dor de se trabalhar só, porém, é atenuada por tudo o que se recebe de ajuda, afeto e sustento das vidas que nos cercam ao fazer”.

José Alberione dos Reis

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é resultado das pesquisas que desenvolvi junto ao Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória da Universidade Estadual de Maringá (Tulha), enquanto bolsista de iniciação científica. Portanto aos membros que compõem a Tulha devo meus agradecimentos, em especial ao meu orientador Lucio Tadeu Mota que desde o primeiro contato guiou meus estudos com inúmeros conselhos, sugestões e tempo utilizado comigo, sem ele esta dissertação não estaria realizada.

Agradeço a Josilene Aparecida de Oliveira que foi amiga de estudos e campo que com seu apurado “instinto” materno me ajudou nas primeiras lições.

Agradeço também a José Henrique Rollo Gonçalves que além de professor, foi um grande amigo, sendo o espelho onde tentei sempre buscar referência intelectual. Durante os anos que estive em Maringá o Zé foi o chefe do grupo de nome amigos que me acolheram como o garoto da Tulha. Minha trajetória acadêmica não foi iniciada na Universidade Estadual de Maringá, mas em Curitiba, e aos amigos da capital também devo meus agradecimentos a Moacir Elias dos Santos que ajudou a despertar em mim o desejo de estudar. A Equipe do Museu Paranaense nos anos de estagiário: Martha B. Morales; Valdinei Martins e Maureen Javorski. Do Museu Paranaense devo agradecer em especial à arqueóloga Dra. Claudia Inês Parellada que não só ajudou moralmente, mas que estendeu a mão em momentos de dificuldades e que não se preocupou somente se eu comia para

poder estudar, mas muitas vezes possibilitou que estudar fosse possível. Agradeço por ter aberto os olhos de um menino que sonhava, mostrando que se tiver oportunidade, trabalhar duro e principalmente não desistir perante as dificuldades que sua história lhe impõe é possível fazer de sonhos realidade.

A “menina” Letícia Fernandes (a Saci do Sarandi), que esteve ao meu lado durante a fase crítica do trabalho, viajando, palpitando, procrastinando, apoiando, bebericando e principalmente sacaneando. Essa menina foi a chuva de alegria dessa dissertação. A ela, mar aberto!

Ao meu irmão Evandro Carsten e minha sobrinha Mabily B. Carsten. Aos amigos: Roberto (Tche); Grazi; Fabio (turquinho); Cecília; Gustavo; Carla; Zé Antônio; Arnaldo; Didi; Roberto; Fernando; André; Alex; Sonia; Wilson; Marcos; Vanessa; Tisciane; Carlos Eduardo (Carlota); Letícia Tomokuni; Keros; Glauco; Henrique; Lanna; Pedro (bolachão), Felipe (Boto), Ana (Lazarenta), Juli, e a todos os colegas que no momento não mencionei, mas que de qualquer forma aguentaram meu constante mau humor, ouvindo desabafos, e tantas vezes me fizeram sorrir frente aos momentos angustiantes que envolveram desde o processo de seleção, realização dos créditos e elaboração da dissertação.

Aos vários técnicos de informática, que inúmeras vezes salvaram o conteúdo desta dissertação, em especial ao Kleber W. Ribeiro que recuperou a última versão depois de um “pau” catastrófico.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá pela formação proporcionada.

Em especial a Professora Hilda Pivaro Stadniky que sempre atenciosa e disposta incentivou a todos.

Agradeço a Regional do IPHAN em Curitiba em especial a técnica Elenita Rufino que gentilmente disponibilizou com a maior presteza a documentação que precisava para que esse trabalho fosse possível.

Ao professor Dr. Marcelo Chicati pela colaboração na confecção dos mapas. Ao arqueólogo Igor Chmyz que gentilmente me recebeu no CEPA/UFPR e que além de seu tempo e atenção me disponibilizou sua bibliografia. Agradeço pelo uso das bibliotecas e também a gentileza de seus funcionários: UFPR; Museu Paranaense; Biblioteca Municipal de Tomazina e Biblioteca Central da UEM.

Agradeço também aos meus familiares que muitas vezes me abrigaram. Aos colegas de trabalho na Escola Estadual Castro Alves e aos meus alunos que muitas vezes não entenderam os motivos de minhas angústias, mas mesmo assim colaboraram para que meus dias fossem gratificantes.

## RESUMO

A historiografia que escreveu sobre a ocupação da Bacia do rio das Cinzas desconsiderou as populações indígenas que habitam e habitaram a região. Desde a década de 1950 que a ideia de Vazio Demográfico permeia os textos acadêmicos. A partir dos dados fornecidos pelas pesquisas arqueológicas, e com o uso de fontes diferenciadas foi possível contrariar essa visão. A pesquisa aponta que a presença indígena na região foi sempre marcada por resistências, e que na bacia hidrográfica do rio das Cinzas existem registros de ocupação humana a no mínimo 9630±40 anos AP.

**Palavras-chave:** Bacia do rio das Cinzas; Ocupação; Arqueologia; História Indígena e História Regional.

## RESUMEN

La historiografía que escribió sobre la ocupación humana en la cuenca hidrográfica del río das Cinzas, omitió los pueblos indígenas que habitan y habitaron la región. Desde la década de 1950 la idea de vacío demográfico impregna los textos académicos. A partir de los datos proporcionados por la investigación arqueológica, y el uso de diferentes fuentes fue posible contrarrestar este punto de vista. La investigación muestra que la presencia indígena en la región ha estado siempre marcada por la resistencia, y que en la cuenca del río das Cinzas hay vestigios de ocupación humana por lo menos 9630±40 años AP.

**Palabras clave:** Cuenca del río das Cinzas, ocupación, Arqueología, Historia Regional y Historia Indígena.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
O QUE?.....	11
COMO?.....	12
ONDE?.....	21
FIGURA 1 – MUNICÍPIOS PERTENCENTES AO SISTEMA HIDROGRÁFICO DA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	24
POR QUÊ?.....	25
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>32</b>
<b>A CONSOLIDAÇÃO DE UM EQUÍVOCO: A BACIA DO RIO DAS CINZAS NA HISTORIOGRAFIA SOBRE O CHAMADO NORTE PIONEIRO DO PARANÁ.....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>55</b>
<b>ARQUEOLOGIA NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....</b>	<b>55</b>
CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E OS DADOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	57
TABELA 1 – FICHAS DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CONSULTADAS POR MUNICÍPIOS.....	59
FIGURA 2 – MUNICÍPIOS QUE INTEGRAM A BACIA DO RIO DAS CINZAS COM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CADASTRADOS NO CNSA.....	61
A HISTÓRIA QUE SURGE DA TERRA.....	63
TABELA 3 – VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	63
TABELA 4 – TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	65
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>75</b>
<b>BACIA DO RIO DAS CINZAS: VAZIO AGUDO? NÃO, ESTAVA CHEIO DE TUDO.....</b>	<b>75</b>
TABELA 5 MUNICÍPIOS COM NOMES DE VARIAÇÕES INDÍGENAS.....	75
FIGURA 3 – TERRAS INDÍGENAS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	79
FIGURA 4 – MAPA ELABORADO POR CURT NIMUENDAJU UNKEL MARCANDO A PRESENÇA INDÍGENA NO RIO LARANJINHA E RIO DAS CINZAS.....	89
TABELA 6 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DATADOS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	92
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>107</b>
APÊNDICE I: TABELA 2 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	108
APÊNDICE II: FIGURA 5 – DISTRIBUIÇÃO DAS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS.....	127
<b>ANEXO.....</b>	<b>128</b>
ANEXO 1- FICHA MODELO DO CNSA.....	129

"É preciso colher as flores de que  
rezam velhos autores".

Carlos Drummond de Andrade

## INTRODUÇÃO

### O que?

Criou-se um mito de ocupação das “terras devolutas” do Nordeste paranaense, região conhecida atualmente como Norte Pioneiro do Paraná, mas que também já foi conhecida como região do Valuto<sup>1</sup>. Desde a década de 1950, intelectuais de diferentes procedências trataram a história regional como se a ocupação desse espaço tivesse começado a partir da chegada de fazendeiros mineiros e paulistas, em meados do século XIX. A consolidação desse equívoco tem como marco a obra *Norte Velho, Norte Pioneiro*, do historiador Ruy Christovam Wachowicz, publicada em 1987. Desde então, a abordagem da história da região está principalmente reduzida às questões trabalhadas por ele.

É comum encontrar nas obras que abordam o tema afirmações de que, quando os fazendeiros mineiros chegaram à região, as terras estavam vazias e prontas para serem ocupadas. Essa ideia de “terras vazias” que foi exaustivamente repetida pela historiografia regional, desconsidera ou desqualifica a presença de populações indígenas que habitaram esse território. No entanto, existem dados arqueológicos que evidenciam a presença de populações pré-coloniais no território da bacia hidrográfica do rio das Cinzas, sistema hídrico que percorre grande parte dessa região denominada de Norte Velho do Paraná.

Motivado por minha experiência pessoal como nativo daquela região e por referenciais teóricos metodológicos diferentes daqueles dos historiadores

---

1 O termo Valuto é usado para referenciar as terras entre os vales de rios, a historiografia paranaense utilizou-se do termo para denominar as terras dos vales dos rios Itararé e Cinzas.

que abordaram a história da região até o momento, propus-me a investigar o processo de povoamento da bacia do rio das Cinzas. Através do diálogo entre história e arqueologia, é possível se contrapor à ideia de que a ocupação da região foi iniciada por fazendeiros mineiros, e que antes desses a região era vazia.

### Como?

O conceito de uma história nova, que ampliou a noção de documento contrariando assim a escola positivista, foi difundida pelos fundadores da revista *Annales d' Histoire Économique et Sociale*, criada em 1929. Desde então, historiadores chamam a atenção para contribuição de outras disciplinas e de novos tipos de abordagens e metodologias. Embora essa nova noção de documento tenha contribuído para ampliar as fontes, e a transdisciplinaridade seja palavra recorrente nas aulas de professores universitários, essa ideia metodológica não é aplicada frequentemente em análises históricas regionais. Tampouco é comum o uso de dados arqueológicos nesse tipo de abordagem histórica.

Lewis Binford aponta que para trabalhar com esses dados a primeira ideia que temos que rejeitar é a de que os arqueólogos são simplesmente uns historiadores estranhos, que trabalham numa situação de desvantagem, devido ao fato de não terem registros escritos à sua disposição. No entanto é preciso reconhecer as diferenças fundamentais entre os dados utilizados pelas duas disciplinas<sup>2</sup>.

---

2 BINFORD, Lewis R. A tradução do registro arqueológico. In: **Em busca do passado**. Mira – Sintra: Europa – América, 1991.p.29.

Bruce G. Trigger aponta em seu livro *Além da história: os métodos da pré-história*, que a história, é no sentido mais estrito, o estudo da mudança desde os tempos mais remotos até o presente<sup>3</sup>. Ele ressalta que a história humana (distinta da história natural) tenta colocar os acontecimentos da espécie numa ordem cronológica e procura explicá-los. Para ele, o historiador tem como dados básicos os relatos das ideias ou do comportamento dos seres humanos; o pré-historiador (arqueólogo), no entanto, deve se satisfazer com o estudo dos restos materiais de culturas passadas, que resistiram aos agentes de decomposição e foram recuperados. A história mais recente baseia-se em documentos que se perpetuaram de geração em geração desde o tempo em que foram escritos, porém a história dos períodos mais antigos baseia-se, mais frequentemente, em documentos escritos obtidos através de escavações arqueológicas<sup>4</sup>.

É evidente que o diálogo entre história e arqueologia é frutífero, pois juntos tendem a aprofundar mutuamente a crônica do desenvolvimento humano. Diferem, todavia, quanto aos tipos de fontes utilizadas e quanto à modalidade de reconstrução visada.

Embora o adjetivo préhistorique tivesse sido usado por Tournal desde 1833 (...), o nome pré-história foi proposto pela primeira vez, para designar uma disciplina, num livro cujo título era *The Archaeology and Prehistoric Annals of Scotland*, publicado por Daniel Wilson, em 1851. Wilson definiu a pré-história como um estudo relacionado a períodos ou tipos de

---

3 TRIGGER, B.G. **Além da história: os métodos da pré-história**. São Paulo-SP: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1973.p.1.

4 Trigger (1973, p. 3-4) explica que a maior parte dos nossos conhecimentos sobre história da China ou da Grécia e Roma clássica provém de documentos escritos, nestes casos, as evidências arqueológicas servem apenas para confirmar ou completar fontes conhecidas, porém é importante salientar que a Arqueologia não é uma ciência auxiliar da História, e que sistemas de escrita e uma boa parte dos registros do antigo Egito e da Mesopotâmia estiveram perdidos durante muitos séculos e a reconstrução da história dessas antigas civilizações só foi possível através da estreita cooperação entre arqueólogos e filólogos.

dados históricos cujo o registro não fora intencional. O termo foi utilizado por Sir John Lubbock em 1865, em seu livro *Prehistoric Times*, tornando-se, trinta anos mais tarde, de uso universal (...). Embora o termo tenha sido ocasionalmente criticado, tem o mérito de salientar (talvez de um modo que a definição de Wilson não tenha deixado claro) que a pré-história enceta o estudo do passado do homem onde cessa a história registrada. Os autores de língua inglesa consideram que o início do período pré-histórico em cada região começa desde o momento em que não existem mais testemunhos escritos apropriados<sup>5</sup>.

Se História é estudo da mudança desde os tempos mais remotos até o presente, a função do historiador é a de ordenar, organizar e buscar explicar esses acontecimentos vivenciados pelo homem em uma linha temporal. Para isso o historiador deve - e necessita - manter o diálogo com outros ramos das ciências, captando novos recursos para compreender e explicar a história.

Até a primeira metade do século XIX, muitos eruditos acreditavam que o mundo tinha menos de 6.000 anos e havia pouca consciência de que a maior parte da trajetória humana foi percorrida sem o conhecimento da escrita. Essa visão da história se fundamentava na crença definida na época, que acreditava ser a terra envolvida por uma série de catástrofes universais, cada qual seguida por uma nova criação divina. De acordo com este raciocínio, o homem foi criado somente depois da última catástrofe geral. Devido à crença de que a história do homem tinha pouca espessura de tempo, é possível que achados paleontológicos e/ou arqueológicos fossem explicados de maneira fantástica. Assim, pode-se supor que um ser mitológico como o dragão tenha origem no contato de um homem de boa imaginação com um fóssil de dinossauro. Os vestígios arqueológicos

---

5 TRIGGER, B.G. **Além da história: os métodos da pré-história**. São Paulo-SP: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1973. p. 3-4.

acabavam sendo associados a povos conhecidos como chineses, fenícios, ou vikings.

No século XIX, essa ideia de catastrofismo geológico foi “superada” e substituída pela teoria do geólogo britânico Charles Lyell (1797 – 1875), o qual indicou que, as forças produtoras das formações geológicas do passado operavam da mesma maneira que as forças geológicas atuais<sup>6</sup>. Charles Lyell abriu caminho para a teoria de seu amigo Charles Robert Darwin (1809-1882) e de Alfred Russel Wallace (1823-1913) sobre a evolução biológica e a origem das espécies. Essa teoria, por sua vez, suscitou a ideia de que a existência do homem remonta a um tempo muito mais distante do que se pensava até então, e que ele e sua cultura deviam ser produtos de criação gradual em oposição à criação repentina<sup>7</sup>. Com o desenvolvimento da geologia moderna, combinada com a teoria da evolução biológica proposta por Darwin e Wallace, começa a se desenvolver um trabalho conjunto de estudos das formações geológicas do pleistoceno.

Como resultado desta experiência, os arqueólogos se habituaram a agrupar os artefatos ou descobertas culturais de acordo com o nível em que estavam situados e tentaram evidenciar as relações de desenvolvimento entre os diferentes níveis. Desta cooperação frutífera nasceu uma nova disciplina, cujo objetivo foi buscar os vestígios da história do homem no período obscuro que antecedeu sua decisão de escrever em tabletes um registro imperfeito de seus múltiplos pensamentos e experiências<sup>8</sup>.

---

6 TRIGGER, B.G. **Além da história: os métodos da pré-história**. São Paulo-SP: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1973. p. 3.

7 Embora tenha sido por muito tempo difundido que a teoria sobre a Origem das Espécies era de autoria única de Charles Darwin. No entanto, sabe-se hoje que também deve ser creditada a Alfred Wallace que colaborou de maneira crucial para o desenvolvimento das ideias publicadas por Darwin. Para saber mais, ver; PAPAVERO, N.; SANTOS, C. F. M.. Nos bastidores da teoria da evolução: Wallace e Darwin. In: SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. (Org.). **História das Idéias: Viajantes, Naturalistas e Ciências na Modernidade**. 1ª Ed. Maringá-PR: Eduem, 2010, v. 1, p. 118 -145.

8 TRIGGER, B.G. **Além da história: os métodos da pré-história**. São Paulo-SP: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1973. p. 3.

Com uma metodologia que utilize apenas de fontes escritas para compor a história humana não chegaríamos tão longe. Sabemos que não há documento nenhum que tenha o registro do primeiro homem que habitou a Terra. Sem esse comprovante de residência escrito, devemos nos atentar a outras fontes e outros saberes para que possamos reconstruir e aproximar ao máximo a trajetória humana.

Hoje, com o avanço das pesquisas em Geologia, Arqueologia, Antropologia, Biologia e tantas outras áreas da ciência não nos restam dúvidas de que o homem, assim como todos os demais seres vivos do planeta, foi gerado por um processo natural, de longo prazo, denominado evolução biológica. Devido ao desenvolvimento da antropologia biológica e da genética sabemos que a origem do homem moderno (*sapiens - sapiens*) se deu no continente africano<sup>9</sup>. Mesmo com o desenvolvimento de todas as áreas do conhecimento que investigam o passado humano, explicações fantásticas também circularam pelo breve século XX, ideias como as de Erich von Däniken<sup>10</sup>, perpetuaram-se no imaginário popular, e ganharam grande importância nos programas televisivos. Embora seja divertido, e até mais interessante ter esses tipos de devaneios pseudocientíficos, tais esquisoteorias só são boas para histórias de ficção científica. No plano social,

---

9 NEVES, W.; PILÓ, Luis Beethoven. **O povo de Luzia**. 1ª Ed.. São Paulo-SP: Editora Globo, 2008.p.52.

10 Obscuro gerente de hotel suíço, duas vezes condenado por fraude e desfalque, Erich Von Däniken escreveu em 1968 um livro chamado *Eram os Deuses Astronautas?*, que juntamente com seus numerosos sucessores análogos, vendeu mais de 25 milhões de exemplares em mais de 32 países – provavelmente mais de que todos os livros de arqueologia combinados. Suas ideias não eram originais, mas ficaram associadas ao seu nome. Colocadas de forma simples, atribuem tudo no passado humano que parece difícil ou bizarro (grandes monumentos, desenhos enigmáticos) a visitantes do espaço exterior. Apesar de acreditar ou não nesse conceito de “deuses astronautas”, ele o tornou muito mais conhecido e respeitado do que qualquer teoria arqueológica, a suprema conquista para um blefador. (BAHN, 1993,p.35).



elas ajudam a tecer e urdir preconceitos, pois quando os vestígios arqueológicos são relegados a extraterrestres, automaticamente se desqualifica as populações responsáveis pela construção de grandes monumentos, parece mais fácil conceber que nosso planeta tenha sido visitado por engenheiros e empreiteiras extraterrestres do que tentar entender processos e técnicas utilizadas por nossos antepassados.

Vere Gordon Childe aponta que, pela inclusão da pré-história, o âmbito da história ampliou-se cem vezes. Assim, a arqueologia cobriu um período de mais de 500.000 anos, ao invés de apenas 5.000<sup>11</sup>. Essa inclusão da história reconstruída por meio de arqueólogos, geólogos, biólogos e outros saberes das ciências naturais contribuiu para um melhor entendimento da trajetória humana, que permaneceu sem escrita durante a maior parte de seu percurso.

Outro aspecto importante para essa pesquisa é a elaboração de mapas que demonstrem a distribuição dos sítios arqueológicos na bacia do rio das Cinzas. Para Ian Hodder e Clive Orton, uma análise espacial da distribuição dos sítios permite visualizar como ocorreu a ocupação da região a partir dos dados das pesquisas realizadas até o momento.

(...) el trabajo arqueológico de los últimos años há avanzando en dos principales direcciones. La primera supone un intento de describir y analizar las distribuciones de una forma más rigurosa con objeto de obtener mayor precisión y fiabilidad. Ejemplos de este enfoque son los trabajos de Whallon (1973;1974) y Dacey (1973). Estos y otros ejemplos se analizarán en los próximos capítulos. Una caracterización más completa de las distribuciones definidas posibilita una base mejor para la interpretación. En general se trata de un enfoque cuantitativo y/o estadístico<sup>12</sup>.

---

11 CHILDE, V. Gordon. **A Evolução Cultural do Homem**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores, 1964.p.22.

12 HODDER, I; ORTON, C. **ANÁLISIS ESPACIAL EN ARQUEOLOGÍA**. Editora Crítica, Barcelona 1990.

Embora com métodos e fontes diferentes, arqueólogos e historiadores investigam o desenvolvimento do homem através do tempo. Cada qual com suas vantagens e limites. Ao historiador podem emergir ocasionalmente detalhes que possibilitem avançar e relação com a fonte arqueológica, ou vice e versa. O arqueólogo não trabalha com o individual, suas pesquisas, por terem como fonte a cultura material, sempre abordam o coletivo. Ora, não é possível escrever a biografia de um caçador-coletor a partir dos vestígios deixados pelo seu grupo, mas é exequível recompor parcialmente, através de hipóteses, o modo de vida de um grupo de caçadores-coletores que partilharam de uma mesma tradição ou tecnologia. É claro que o historiador também se depara com limites, como o fato de as pessoas omitirem ou distorcerem a verdade em documentos e criarem uma subjetividade que é problemática ao trabalho do historiador.

Defendo que a arqueologia é uma forma de pensar a história e não uma simples disciplina auxiliar, tampouco ela é sinônimo de pré-história. Os dados arqueológicos são documentos históricos por direito próprio e não meras confirmações de textos escritos. Exatamente como qualquer historiador, um arqueólogo estuda e procura reconstituir o processo pelo qual se criou o mundo em que vivemos – e nós próprios, por sermos criaturas do nosso tempo e do nosso ambiente social. Dessa forma a arqueologia investiga a trajetória humana através de sua cultura material, tendo como fonte tudo que o homem produz, utiliza e descarta.

Não cabe aqui separar história de pré-história, assim como não faz sentido distinguir historiador de pré-historiador ou etno-historiador. O que

existe é um historiador que tenta se debruçar acerca da cultura material dessas populações que ainda não possuíam um sistema de escrita para testemunhar sua história. Deu-se o nome de Etno-história para separar a história de populações, da chamada história “verdadeira”, ou seja, que fazem parte de uma genealogia europeia.

Talvez tenha-se designado assim a etno-história para separá-la da “verdadeira” história, o estudo dos supostamente civilizados. Porém o que fica evidente, do estudo da etno-história, é que os objetos dos dois tipos de história são os mesmos. Quanto mais a etno-história conhecemos, mais claramente a história “deles” e a “nossa história” emergem como parte da mesma. Em consequência, não pode existir uma “história negra” separada de uma “história branca”, mas apenas o componente de uma história comum, suprimida ou omitida dos estudos convencionais por motivos econômicos, políticos ou ideológicos<sup>13</sup>.

Em seu livro, Wolf salienta que nos foi ensinado, tanto nas salas de aulas como fora delas, que existe uma entidade chamada ocidente, e que podemos pensar nesse ocidente como se fosse uma sociedade de civilização independente e oposta de outras sociedades e civilizações. Para ele muitos de nós crescemos crendo que esse ocidente tinha uma genealogia linear conforme a qual a Grécia antiga deu origem à Roma, Roma à Europa cristã a Europa cristã ao Renascimento, o Renascimento ao Iluminismo e o Iluminismo à democracia política e à Revolução Industrial. A indústria em conjunto com à democracia, produziu por sua vez os Estados Unidos da América onde encarnam os direitos a vida, a liberdade, e a busca da felicidade. É com essa premissa que se desenrola a história de como os bons ganham dos maus. Ele ainda afirma que não existem sociedades isoladas, e que a história das diferentes populações do globo estão interconectadas.

---

13 WOLF, E. R. **A Europa e os Povos sem História**. São Paulo-SP: Edusp, 2005. p. 43.

Portanto, assim como Bruce G. Trigger não separa história de pré-história, Eric Wolf não faz distinção entre a história dos chamados civilizados com a história de populações não europeias.

A partir das ideias de Bruce G Trigger e de Eric Wolf comecei a pensar a forma como foi escrita a história do chamado Norte Pioneiro do Paraná, e me propus a escrever uma nova versão da história da região, usando dados da arqueologia. Com essa orientação é possível contribuir para a história da ocupação do território da bacia do rio das Cinzas. Pois, até então, a historiografia regional insiste exaustivamente em priorizar o processo de reocupação que repete a saga dos colonizadores que conquistaram as terras entre as confluências dos rios Itararé e Tibagi. Dessa forma incluirei na historiografia regional, uma história pré-colonial, a história da ocupação da bacia do rio das Cinzas.

Embora essas novas fontes descobertas e interpretadas por arqueólogos cubram grande parte de lacunas historiográficas, a arqueologia também tem seus limites. Paul Bahn referiu-se à arqueologia como um grande e perverso quebra-cabeça inventado pelo diabo como instrumento de tortura, pois nunca pode ser terminado, não se sabe quantas peças estão perdidas, e não se pode trapacear olhando o fundo da caixa, e muitas das peças estão perdidas para sempre<sup>14</sup>.

O trabalho foi lento e árduo, mas foi com essa perspectiva que tentei esboçar uma explicação sobre a ocupação da bacia do rio das Cinzas, contrapondo-a, assim, à ideia das terras devolutas, desabitadas e somente

---

<sup>14</sup> BAHN, Paul. Manual **do blefador: tudo que você precisa saber sobre arqueologia para nunca passar vergonha**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Ediouro, 1993.p. 6.

ocupadas com o advento da chegada de populações vindas de Minas Gerais a partir da segunda metade do século XIX.

### **Onde?**

O Norte Pioneiro está localizado, em parte, no Segundo Planalto, denominado também de Planalto de Ponta Grossa, na região dos Campos Gerais, e, em parte, no Terceiro Planalto. Ambos inseridos na bacia do rio Paraná.

Reinhard Maack, em seu livro *Geografia física do Estado do Paraná*<sup>15</sup> escreveu que, na área do Norte Pioneiro, ocorre uma grande variedade de tipos de solos, que se destacam pela fertilidade natural e estes se localizam predominantemente no Terceiro Planalto. O solo é do tipo terra roxa estruturada, com solos bem desenvolvidos, profundos, argilosos, bem drenados e com elevada fertilidade natural. Na área localizada no Segundo Planalto predominam três outros tipos de solos: latossolos vermelho-escuros, ácidos, com baixa fertilidade, suscetíveis ao processo de lixiviação intensa, conforme o regime de chuvas, e ocorrendo em áreas com relevo suavemente ondulado e plano; podzólicos vermelho-amarelos, solos profundos, ácidos e com moderada fertilidade natural; litólicos, solos minerais, jovens, rasos, com menor aptidão agrícola e suscetível à erosão. Ele afirma que nos vales dos rios Paranapanema, Tibagi e Itararé (bacias hidrográficas que estão no entorno da bacia do rio das Cinzas), ocorre clima subtropical úmido mesotérmico (Cfa), de verões quentes, geadas pouco frequentes e chuvas com tendência de concentração nos meses de verão.

---

<sup>15</sup> MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba-PR: BADEP/UFPR/IBPT, 1968.

De acordo com a publicação do IBGE<sup>16</sup>, a área da bacia do rio das Cinzas é caracterizada pela existência de três regiões fitogeográficas, sendo elas: Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Mista e Savana Arborizada. Ocorrendo, também, as formações pioneiras com influência fluvial. A altitude local é em torno dos 500 metros, condicionada a transição entre a Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Ombrófila Mista, predominando os elementos da primeira. A savana arborizada é representada apenas por indivíduos isolados. Estes cerrados ocorriam entremeados às florestas em especial nos trechos mais elevados. No entanto, devido à ocupação agropecuária, as comunidades de cerrado locais foram descaracterizadas não sendo mais possível distinguir seus limites de ocorrência regional.

Nesta dissertação, considerando que as populações que viviam naquela área não conheciam as divisões regionais estabelecidas pelos geógrafos e pelos poderes públicos, delimito a bacia do rio das Cinzas em função de sua posição estratégica entre as confluências dos rios Itararé, Paranapanema e Tibagi. Dessa maneira pretendo estabelecer possíveis ligações entre as populações que habitaram a bacia do rio das Cinzas e todo Norte Pioneiro e as populações que habitaram as bacias hidrográficas vizinhas.

O rio das Cinzas nasce na Serra de Furnas e recebe dois importantes afluentes, o rio Laranjinha (margem esquerda) e o rio Jacarezinho (margem direita). Sua bacia conta com 9.653,86 km<sup>2</sup>, localizando-se sobre os aquíferos: Serra Geral Norte, Guarani, Paleozóica Superior e Paleozóica

---

16 IBGE. **Manual Técnico da vegetação Brasileira (Manuais Técnicos de Geociências n°.1)**. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Derna, 1992.

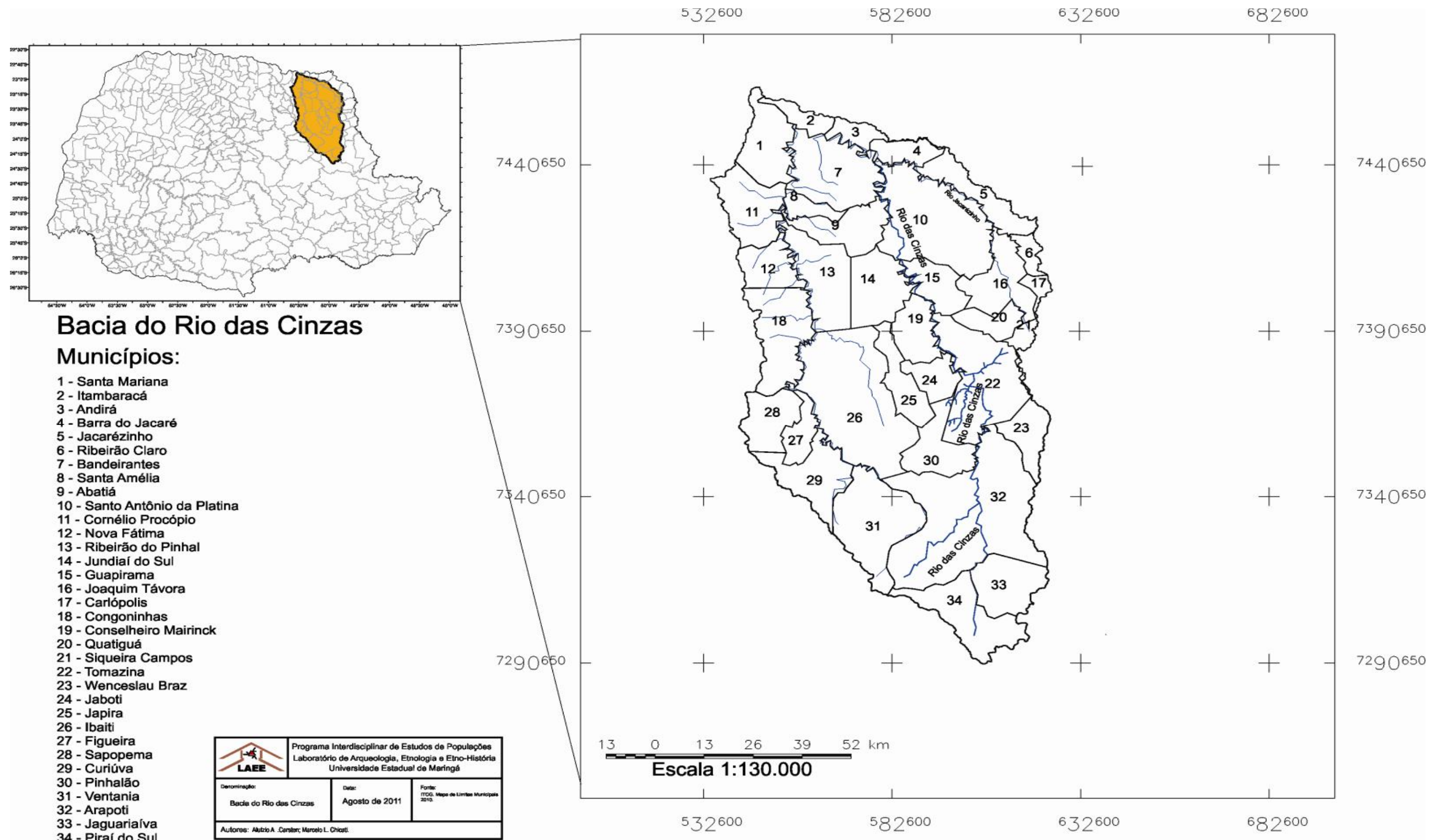
Média Superior e percorrendo as formações geológicas de Piramboia – Botucatu, Rio do Rastro e Serra Geral. Trata-se de uma área do Segundo Planalto paranaense, cujo clima é considerado Sub Tropical Úmido Mesotérmico com temperaturas entre 18 e 22° C. Também há variação de clima Cfb (Subtropical com chuvas bem distribuídas durante o ano e verões amenos) a Cwa (Subtropical com verões quentes e invernos secos), predominando, entretanto, o clima Cfa (Subtropical com chuvas bem distribuídas durante o ano e verões quentes) <sup>17</sup>.

A bacia do rio das Cinzas faz parte da bacia do rio Paranapanema, inserindo-se, portanto, no sistema hidrográfico do rio Paraná. Ela abrange um total de trinta e quatro municípios: Piraí do Sul, Jaguariaíva, Arapoti, Ventania, Curiúva, Wenceslau Braz, Figueira, Sapopema, Ibaiti, Tomazina, Jaboti, Guapirama, Siqueira Campos, Pinhalão, Japira, Congonhinhas, Ribeirão do Pinhal, Jundiá do Sul, Conselheiro Mairinck, Quatiguá, Joaquim Távora, Carlópolis, Nova Fátima, Santa Amélia, Cornélio Procópio, Santa Mariana, Abatia, Santo Antonio da Platina, Jacarezinho, Bandeirantes, Barra do Jacaré, Andirá, Itambaracá e Ribeirão Claro (Figura 1).

---

17 SUDERHSA (Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental). Disponível em:  
<<http://www.suderhsa.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38>>  
Acesso em 1 mar 2009.

Figura 1 - Municípios pertencentes ao sistema hidrográfico da Bacia do rio das Cinzas<sup>18</sup>



<sup>18</sup> Alguns municípios possuem territórios em mais de uma bacia hidrográfica: Andirá, Arapoti, Barra do Jacaré, Carlópolis, Congoninhas, Curiúva, Itambaracá, Jacarezinho, Jaguariaíva, Piraí do Sul, Ribeirão Claro, Sapopema, Siqueira Campos e Wenceslau Braz, são municípios que parcialmente fazem parte da bacia do Rio das Cinzas, mas que por opção metodológica foram incluídas totalmente na pesquisa já que as populações pré-coloniais não se limitavam somente a esse ambiente por nós delimitado.



## Por quê?

Os historiadores, em sua grande maioria, ao fazerem história regional delimitam como espaço de estudo as divisões políticas da região sobre a qual escrevem e estabelecem como ponto de partida a chegada do colonizador ou do “pioneiro”. Quando muito dedicam um curto primeiro capítulo a “pré-história” da região. Dessa forma a história das populações indígenas que ocuparam esse território fica à margem da história regional, seja porque ainda permeia o conceito de história como o relato da trajetória e desenvolvimento de populações com domínio da escrita ou por essa história ser apenas a história dos que ocuparam novas terras, trazendo para esse novo território, um novo modo de produção. Sendo assim o que existe é uma história “branca”, a história do “vencedor” que se sobrepôs a natureza e toda sua adversidade para instalar o seu modo de vida, desconsiderando populações diferentes dela.

Como afirmei acima, o conhecimento histórico construído sobre a região foi sintetizado no livro *Norte Velho, Norte Pioneiro* do professor Ruy C. Wachowicz, que fez um apanhado da produção historiográfica que o antecedeu, além de contribuir com suas próprias pesquisas para a história do Paraná. Seu outro livro, *História do Paraná*, cuja edição definitiva saiu em 2001<sup>19</sup>, tornou-se a referência básica do modo pelo qual os historiadores que o sucederam reduziram a história do “Norte Velho / Norte Pioneiro” à uma reprodução das questões trabalhadas

---

<sup>19</sup> WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. 9ª Ed. Curitiba-PR: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

pelo autor. Desta maneira, sobre o Norte Pioneiro do Estado do Paraná a historiografia paranaense nada mais produziu de influente.

O chamado Valuto compreende a região do rio Itararé, onde hoje é a divisa entre os Estados do Paraná e de São Paulo. Segundo o autor, o processo de ocupação de terras devolutas naquela área se dá na confluência do rio Itararé com o rio das Cinzas e se estende em direção ao rio Tibagi. Segundo Ruy Wachowicz,

Os tropeiros mineiros, ao demandarem com os animais adquiridos no extremo sul do país, obrigatoriamente tinham que atravessar o rio Itararé, atual divisa entre os Estados do Paraná e S. Paulo.

Em suas rápidas passagens pelo Itararé, tomavam conhecimento da existência pouco mais ao norte, de vastas extensões de terras devolutas, às margens do mesmo Itararé.

Fracassado o movimento sedicioso de inspiração liberal de 1842 em São Paulo e Minas Gerais, a situação política de muitos desses tropeiros e/ou proprietários de terras tornou-se delicada. O próprio líder desse movimento em São Paulo, Rafael Tobias de Aguiar, batido pelo então Barão de Caxias em Sorocaba e Itararé, refugiou-se inicialmente em Jaguariaíva e depois no Rio Grande do Sul.

As terras despovoadas nos vales do Itararé e Cinzas começaram a despertar interesse e se tornaram mais conhecidas. Por volta de 1842 - 43, um desses mineiros tropeiros e proprietário de terras, Domiciano Corrêa Machado, oriundo de S. Caetano da Vargem Grande, atual Brazópolis, instalou-se na Margem esquerda do Itararé<sup>20</sup>.

A metodologia utilizada por esse historiador não permitiu um recuo anterior à passagem dos tropeiros, pois na perspectiva em que ele e outros trabalharam, a história estaria sendo feita por esses homens que instauravam um novo sistema, um novo modo de vida. A partir desse ponto zero, que é o marco da entrada do modo de vida ocidental, a

---

<sup>20</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba-PR: Gráfica Vicentina, 1987.p. 80-81.

historiografia construiu uma estrutura textual cronológica, que omite qualquer acontecimento anterior à chegada desse modo de vida, e assim se fez o vazio.

Ao contrário dos historiadores, os arqueólogos não iniciam suas pesquisas em uma data pré-determinada. Elas são desenvolvidas a partir da estratigrafia dos sítios escavados, observando retrospectivamente o processo de ocupação através de vestígios materiais.

A arqueologia moderna tende a desembaraçar-se da coleção, da procura incerta de objetos isolados, para dedicar-se a pesquisas organizadas. Embora o conceito de estratificação tenha sido elaborado no século XIX, ele só se tornou habitual depois da segunda guerra (...). O estudo da estratificação, ou seja, o estudo dos vestígios deixados por grupos humanos no seu enquadramento geológico conduziu à definição de um método geral a que se denominou de "estratigrafia". A escavação estratigráfica tende à reconstituição, tão fiel quanto possível, dos acidentes que influíram nos diferentes níveis de ocupação do "solo": abandonos, destruições, remanejamentos etc... Para dizer o mesmo de outra maneira, trata-se não de isolar coleções de objetos, mas, ao contrário, de estudar as *relações* existentes entre esses objetos. Essas relações são consideradas entre outros elementos analisáveis, alicerces, fossas, objetos de uso doméstico que a escavação procura colocar em evidência. O corte vertical, que resume a sucessão das camadas, é complementado pelas aberturas horizontais, que permitem compreender a função dos conjuntos encontrados. O objetivo supremo da estratigrafia reside em tornar evidente a sucessão no espaço de estruturas que se sucederam no tempo<sup>21</sup>.

No Paraná as pesquisas arqueológicas já possibilitam um novo entendimento do povoamento desse território e de suas reocupações. As ocupações mais antigas da região Sul do país estão relacionadas ao

---

21 SCHNAPP, Alain. A Arqueologia. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). **História: Novas Abordagens**. 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Livraria Francisco Alves Editora S. A. 1986. p. 2-3.

povoamento original da América do Sul, quando todas as áreas do continente foram pelas primeiras vezes ocupadas por populações humanas.

Desenvolvi, juntamente com meu orientador, projetos de iniciação científica durante a graduação em História na Universidade Estadual de Maringá<sup>22</sup>. Neste estudo foi constatado que a área que compreende a bacia do rio das Cinzas ainda não possui uma explicação sobre seu processo de ocupação humana, porém, conta com uma grande quantidade de vestígios materiais das populações que antecederam a colonização moderna do Norte Pioneiro. No ano de 2009 constatamos nos limites ecológicos da bacia do rio das Cinzas 118 sítios arqueológicos pesquisados, em dez dos trinta e quatro municípios que formam o sistema hidrográfico. Apesar da pequena área investigada, os dados produzidos a partir da pesquisa arqueológica são suficientes para a formulação de hipóteses visando estabelecer uma explicação mais consistente sobre a ocupação humana da bacia do rio das Cinzas e consequentemente do Norte Pioneiro do Paraná.

A historiografia paranaense vem se dedicando pouco à história pré-colonial do Estado. Salvo algumas exceções, este estudo tem ficado a cargo apenas de arqueólogos, que apesar do importante trabalho que desempenham, nem sempre são motivados pela problemática de pesquisa de uma região e sim pela preocupação legítima de diagnosticar

---

22 CARSTEN, A.A.; MOTA, L.T. **Relatório de Pibic - Organização e regularização do acervo arqueológico do senhor José Aluizio Carsten da cidade de Tomazina.** Maringá-PR: UEM/CNPq, 2008. E CARSTEN, A.A.; MOTA, L.T. **Relatório Pibic – Cadastramento e georeferenciamento de sítios arqueológicos na Bacia do rio das Cinzas no Norte do Paraná.** Maringá-PR: UEM/CNPq 2009.

o patrimônio arqueológico e registrar as informações presentes nos sítios arqueológicos para um possível estudo futuro. Sem essas informações essa pesquisa seria inviabilizada.

A opção por escrever a história da ocupação de uma bacia hidrográfica é motivada por orientações teórico-metodológicas. Ela não é comum na historiografia brasileira. São poucos os estudos e as propostas metodológicas para desenvolvê-los. Um dos raros trabalhos é o de Diogo Cabral de Carvalho.<sup>23</sup> O autor atenta para importância do recorte em unidade geográfica para análises de história ambiental, no entanto, é possível ampliar essa ideia de análise a aplicar ao estudo de ocupação de territórios, pois a bacia hidrográfica é um espaço físico delimitado, alheio a divisões políticas ou ideológicas.

Assim, ancorados nessas orientações, organizamos nosso trabalho da seguinte forma. O primeiro capítulo, *A consolidação de um equívoco: a bacia do rio das Cinzas na historiografia sobre o chamado Norte Pioneiro do Paraná*, aprofunda a questão, apenas indicada nesta introdução, de como os historiadores que escreveram sobre o Norte Pioneiro do Paraná abordaram o processo de ocupação. O segundo capítulo, *Arqueologia na bacia do rio das Cinzas*, versa inicialmente sobre o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos e sua contraprodução. Em seguida, é tratado das pesquisas arqueológicas realizadas na bacia hidrográfica e das tradições arqueológicas nela constatadas. O terceiro capítulo, *Bacia do rio das cinzas: vazio agudo?*

---

23 CABRAL, Diogo de Carvalho. A bacia hidrográfica como unidade de análise em história ambiental. In: **Revista de História Regional**. Ponta Grossa-PR: Editora UEPG, 1996. E em FEBVRE, Lucien. **A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história**. Lisboa: Edições Cosmos, 1991.

*não, estava cheio de tudo*, aponta retrospectivamente a presença das populações que habitaram a bacia do rio das Cinzas. Marcada a presença dessas populações, chamo atenção para a necessidade de novas pesquisas na área. Embora essa dissertação não tenha abordado todos os aspectos da ocupação, ela pontua a presença humana na região, e abre novas perspectivas de pesquisas.

“Quem não reflete, repete.”

Provérbio chinês.

**CAPÍTULO I**  
**A CONSOLIDAÇÃO DE UM EQUÍVOCO: A BACIA DO RIO DAS**  
**CINZAS NA HISTORIOGRAFIA SOBRE O CHAMADO NORTE**  
**PIONEIRO DO PARANÁ**

O território chamado de Valuto constitui hoje a região do Norte Pioneiro do Estado do Paraná. Os autores que se encarregaram de escrever a história regional agiram de duas maneiras: (a) a puseram em contexto maior, interconectando a história da região com a história do Estado do Paraná, ou (b) restringiram sua ocupação às frentes pioneiras. Nos dois casos, a história da região do Norte Pioneiro ficou ofuscada, já que as outras regiões do Paraná, como os Campos Gerais e o chamado Norte Novo (Noroeste), foram trabalhadas de forma mais intensa na historiografia do Estado.

É importante salientar que a história de ocupação da bacia do rio das Cinzas se inter-relaciona com a ocupação da região do Norte Pioneiro, mas não está restrita a ela. O rio das Cinzas nasce na região dos Campos Gerais e seu curso superior teve sua ocupação pela sociedade nacional iniciada em um momento anterior ao do chamado Norte Pioneiro. Dos 34 Municípios contidos nesse sistema hidrográfico, quatro deles não fazem parte da divisão política chamada Norte Pioneiro. São eles, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Arapoti e Ventania. Todos estão localizados na região dos Campos Gerais.

A denominação “Norte Pioneiro” surgiu, segundo Joaquim Vicente de Souza, no dia 19 de março de 1964, na cidade de Jacarezinho,



durante uma reunião de representantes da lavoura e associações rurais da região até então chamada de Norte Velho. Conforme o autor, ele próprio sugeriu o novo nome.

Representando a Associação Rural de Siqueira Campos, ali também estive aproveitando de uma boa oportunidade e, para variar o tema específico tão tenebroso, pedi a palavra e lancei a idéia de se denominar a nossa Região de "NORTE PIONEIRO", em substituição a de Norte Velho de então, meio pejorativa. Fiz um apelo veementemente aos presentes para solidarizarem-se com esta nova. E obtive um esplêndido sucesso pela aclamação entusiástica de todos os presentes, que a saudaram com uma estrondosa salva de palmas<sup>24</sup>.

O Nordeste paranaense chamado de Norte Pioneiro ou Norte Velho teve sua história associada ao Norte do Paraná como um todo. Geógrafos e historiadores esboçaram estudos sobre sua ocupação, mas essa história se configurou a partir da história do colonizador desse território.

Salette Magdalena Cambiaghi em seu artigo *O Povoamento do Norte do Paraná* publicado no ano de 1954 atribui aos espanhóis, principalmente aos jesuítas os primeiros núcleos de população no Norte do Paraná, mas considera que os primeiros núcleos efetivos de população se dão com a fundação da Colônia Militar de Jataí e dos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo. Após esses primeiros núcleos, ocorre a ocupação do nordeste paranaense.

Vemos aparecer aí grande número de fazendas e núcleos urbanos, que hoje constituem cidades relativamente desenvolvida. Aparecem então: Nova Alcântara, que é Jacarèzinho de hoje, fundada por mineiros; Espírito Santo do Itararé, por onde passava o caminho para

---

<sup>24</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro – Norte Velho, Siqueira Campos no cenário do Norte do Paraná**. Curitiba-PR: Imprensa Oficial, 2007. p. 10.

Sorocaba, origem do atual município de Ribeirão Claro; Tomazina; Cambará; Santo Antônio da Platina; Colônia Mineira, atual Siqueira Campos, etc.

O povoamento desse trecho foi como que uma expansão da cultura cafeeira do estado de São Paulo, que, depois de percorrer esse estado de leste a oeste, penetrava no Paraná, uma vez que encontrou solo e clima propícios ao seu desenvolvimento.

Os povoadores que para aí se dirigem são principalmente paulistas, mineiros e fluminenses, que são, por tradição, plantadores de café e se sentem atraídos pela fertilidade do norte do Paraná, zona nova e favorável a essa cultura<sup>25</sup>.

Nice Lecocq Müller aponta, em seu artigo *Contribuição ao estudo do Norte do Paraná*, que o povoamento do Norte do Paraná teve início no século XVII. A autora afirma que, durante o século XVIII, o Norte do Paraná ficou inteiramente à margem das correntes de colonização.

Foi somente em meados do século XIX que se processou a retomada da colonização do Norte do Paraná, de forma mais efetiva, mas assim mesmo tímida: trata-se da fundação da Colônia Militar de Jataí e dos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo da Serra<sup>26</sup>.

Ela ainda salienta que, na segunda metade do século XIX, foi aberta nova fase de povoamento para o Norte do Paraná, a região do Norte Pioneiro.

Essa ocupação foi feita a partir de 1862, efetuando-se as primeiras penetrações através dos cursos superior e médio do rio Itararé. Eram fazendeiros paulistas que, seguindo a marcha para Oeste do café, foram atraídos pelas manchas de terra-roxa da região sedimentar permo-carbonífera. Surgiram então, os primeiros núcleos: Colônia Mineira (1862), hoje Siqueira Campos; Santo Antônio da Platina (1866), Venceslau Brás e São José da Boa Vista (1867). Desses núcleos, que balizam a frente pioneira da época, a expansão prosseguiu para Oeste,

---

25 CAMBIAGHI, S. M. O Povoamento do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. V. 2. Londrina: Humanidades, 2007.p. 76.

26 MÜLLER, N. L. Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. V. 2. Londrina: Humanidades, 2007.p.34.

tendo pleno desenvolvimento até o rio das Cinzas: além dele, esmorecia e perdia vitalidade. A configuração do relevo contribuiu para que essa primeira penetração cafeeira perdesse seu impulso inicial: a rede hidrográfica, correndo para o Norte, abre espigões de orientação NE-SW, que dificultavam a marcha do povoamento no sentido tradicional. Posteriormente, com a ligação ferroviária Jacarezinho-Jaguariaíva-Curitiba (1930), e indiretamente atingida pela evolução econômica do planalto, a região de Cinzas foi tomada de surto progressista, de que ficou à margem apenas a área compreendida entre o rio Cinzas e o Laranjinha, até hoje pouco povoada<sup>27</sup>.

Para outros autores, a ocupação do Norte Pioneiro se dá a partir da década de 1860, quando fazendeiros paulistas e mineiros iniciaram plantações de café e a formação de fazendas. No livro *História do Paraná* (1969) Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen, escrevem que os fazendeiros paulistas e mineiros ficaram sabendo das terras pelos mateiros que percorriam a região, e que difundiram a notícia da existência de grandes manchas de terras roxas a serem ocupadas.

A partir da década de 1860, penetrando pelos cursos superior e médio do Itararé, fazendeiros paulistas e mineiros, iniciaram plantações de café e a formação de fazendas no Norte paranaense.

Os mateiros que percorriam a região, haviam difundido a notícia da existência de grandes manchas de terras róxas. Concessões de terras foram requeridas, mediante a aquisição feita a baixo preço, ainda ao Governo Imperial e, nesta primeira frente pioneira que chegaria apenas até o rio das Cinzas, surgem os núcleos de Colônia Mineira (1862), Tomazina (1865), Santo Antonio da Platina (1866), Venceslau Braz, e São José da Boa Vista (1867).

Era a frente pioneira constituída por fazendeiros, grandes proprietários isolados que empreendiam a empresa, com suas famílias e empregados, espontaneamente, procurando as terras do Norte do Paraná, para plantar café e, em menor escala, para criação de gado.

---

27 MÜLLER, N. L. Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. V. 2. Londrina: Humanidades, 2007.p. 35.

As fazendas, nesta fase, constituem grandes propriedades; o colono é, ainda, geralmente nacional e assalariado, enquanto que a produção escoa exclusivamente por São Paulo. As técnicas agrícolas e o regime de trabalho são todos um prolongamento das práticas tradicionais paulistas.

A penetração, porém, em território paranaense, somente ganharia expressão, como onda povoadora, no início do século XX quando a conjuntura nacional tornaria procuradas e preferidas, para o café, as terras do Paraná. Este Estado, por não haver ainda ultrapassado as suas quotas de produção, estava fora do alcance das leis restritivas ao plantio do café, advindas das crises de super-produção, não incidindo sobre os seus cafeeiros as taxas que já gravavam aqueles do Estado de São Paulo<sup>28</sup>.

Américo Machado da Luz publicou no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense um artigo intitulado *Norte Pioneiro: Um pouco da sua História*. O autor não aborda o problema da ocupação do território e seu texto é elaborado a partir de suas memórias. No início do artigo ele escreve sobre sua viagem de Curitiba a Jacarezinho. Posteriormente, salienta que havia falta de comunicação entre a capital e o Norte do Paraná<sup>29</sup>, fazendo com que o desenvolvimento da cafeicultura na região se desse exclusivamente por agricultores paulistas e de outros Estados.

Em Curitiba, por incrível que pareça, pouco se sabia sobre o que acontecia no Norte do Paraná, uma zona nova, que surgia com um surto espantoso de desenvolvimento, graças, exclusivamente, ao plantio do café, por agricultores vindos de São Paulo e de outros Estados.

Era mais fácil, na Capital do Estado, obter-se informações sobre uma viagem ao Amazonas ou até mesmo à Europa, do que saber-se alguma coisa de

---

28 BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba-PR: GRAFIPAR, 1969. v.1, p. 213-214.

29 Para saber mais sobre essa falta de comunicação entre o Norte do Paraná e a Capital Curitiba, ver: MARSON, Elzio dos Reis. **No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política integracionista no Paraná (1920-1975)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Assis-SP, 2005.

concreto sobre o que se passava, logo ali, no norte do Estado<sup>30</sup>.

Rene Mussalam salienta, em sua dissertação de mestrado *Norte Pioneiro do Paraná: formação e crescimento através dos censos*, que o Norte do Paraná, de maneira geral, começou a ser ocupado no século XVI. Sobre o assunto, afirma o autor:

Portanto, apesar da fundação da Colônia Militar de Jataí, e dos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo, permaneceu o Norte do Paraná, até o último quarto do século passado, como sertão praticamente desconhecido e desabitado<sup>31</sup>.

Mussalam também afirma que a região do chamado Norte Pioneiro teve sua ocupação a partir da segunda metade do século XIX.

É na segunda metade do século XIX que tem início uma nova fase de povoamento. Desta feita, as primeiras penetrações efetuaram-se através dos cursos superior e médio do Rio Itararé, ainda na década de 1850, por fazendeiros mineiros e paulistas, que, seguindo a marcha para Oeste do café, foram atraídos pelas manchas de terra roxa. Assim, surgiram os primeiros núcleos: São José da Boa Vista – ex-São José do Cristianismo (1853); Colônia Mineira – atual Siqueira Campos (1863); Tomazina (1867); e Santo Antônio da Platina (1886). A partir daí, a expansão prosseguiu para o Oeste, tendo pleno desenvolvimento até o Rio das Cinzas. A distribuição da rede hidrográfica – correndo aqui para o Norte – impediu que essa penetração tivesse pleno desenvolvimento, pois a marcha do povoamento no sentido tradicional tende a seguir – a exemplo do Estado de São Paulo – movimentos leste-oeste <sup>23</sup>. Não encontraram os povoadores, portanto, os suaves espigões leste-oeste que em São Paulo convidam neste sentido. Entre o Itararé e o Rio das Cinzas formou-se uma população numerosa e vários núcleos urbanos surgiram. No entanto, só foi tomada de surto progressista essa região do Cinzas – quando se efetivou a ligação ferroviária

---

30 LUZ, Américo Machado Da. Norte Pioneiro: um pouco de sua história. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba-PR, V. XVIII, 1973. p. 99.

31 MUSSALAM, René. **Norte Pioneiro do Paraná: formação e crescimento através dos censos**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Curitiba-PR: UFPR, 1974. p. 19.

Jacarezinho-Curitiba (05/10/1930), cujo objetivo principal era a exploração do carvão de pedra<sup>32</sup>.

Nadir Cancian também defendeu sua dissertação de mestrado, *Conjuntura Econômica da Madeira no Norte do Paraná*, no mesmo ano de 1974 e na mesma instituição, a UFPR, que René Mussalam. Cancian aponta quatro grandes etapas na ocupação do Norte do Paraná. A primeira seria o período das missões; a segunda começaria com a Fundação da Colônia Militar do Jataí, em 1855; a terceira foi a ocupação do chamado hoje Norte Pioneiro. Após a ocupação do território que a autora chamou de “região de Cinzas”, referindo-se a região banhada pelo rio das Cinzas, ocorre a quarta etapa, que para ela se processa em duas novas fases. Escreve Cancian:

Na segunda metade do século XIX, mais especificamente, a partir de 1862 deram-se as primeiras penetrações através dos cursos superior e médio do rio Itararé, por fazendeiros paulistas e mineiros, em busca de novas terras para o café.

São deste período a Colônia Mineira (1862) hoje Siqueira Campos; Santo Antônio da Platina (1866); Jacarezinho e Ribeirão Claro (1866); Venceslau Braz (1867); São José da Boa Vista (1867).

A expansão prosseguindo para Oeste chega até o rio Cinzas. Só prossegue além, com a ligação ferroviária Jaguariaíva – Curitiba (1930), quando há “novo surto progressista”<sup>33</sup>.

Maria Adenir Peraro, em sua dissertação de mestrado *Estudo do Povoamento, Crescimento e Composição da População do Norte do Paraná de 1940 a 1970*, defendida no Departamento de História da UFPR, fez algumas considerações sobre a colonização do Norte do

---

32 MUSSALAM, René. **Norte Pioneiro do Paraná: formação e crescimento através dos censos**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Curitiba-PR: UFPR, 1974. p. 19-20.

33 CANCIAN, Nadir. **Conjuntura Econômica da Madeira no Norte do Paraná**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Curitiba: UFPR, 1974. p. 79.

Estado do Paraná. Peraro considera que o processo de ocupação e povoamento da região Norte do Paraná esta diretamente ligada à expansão de culturas cafeeiras, e que se efetivou em três zonas sucessivas, cada qual com características próprias: Norte Velho; Norte Novo e Norte Novíssimo. Segundo ela, o processo de povoamento do Norte do Paraná teve dois grandes marcos como ponto de divisão. O primeiro foi a instalação da primeira colônia no Norte do Paraná – a Colônia Militar do Jataí (1855) – e a fundação dos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo da Serra (1859).

E o segundo também na década de 1850, por fazendeiros paulistas e mineiros que penetrando a oeste dos cursos superior e médio do Itararé, que provocaram o surgimento dos primeiros núcleos: São José da Boa Vista; - Colônia Mineira; - Tomazina e Santo Antônio da Platina.

Outros núcleos foram mais tarde fundados também por mineiros e paulistas cuja finalidade era a mesma dos primeiros – formação da cultura cafeeira – resultando na fundação das cidades de Jacarezinho (1886), Ribeirão Claro, Santo Antônio da Platina, Carlópolis (1894) e Joaquim Távora (1917). Com Ourinhos como “Boca de Sertão” ou “Ponta de Trilho”, para o Norte do Paraná, a colonização se expandiu em direção oeste, sendo Cambará (1904) o primeiro marco de penetração. Bandeirantes fundade em 1921 e Cornélio Procópio em 1924, também foram resultados desta expansão colonizadora ao longo do rio Paranapanema<sup>34</sup>.

A autora ainda caracteriza a região do Norte do Paraná como zona pioneira, apontando as características para se definir tal termo.

Em síntese, as características principais de uma zona pioneira são as seguintes:

- 1 – Préexistência de matas virgens, ou sertão bruto.
- 2 – Construção de estradas e ferrovias.

---

34 PERARO, Maria Adenir. **Estudo do Povoamento, Crescimento e Composição da População do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História. Curitiba-PR: UFPR, 1978. p. 24-25.

3 – Crescimento rápido da população e expansão rápida da área cultivada.

4 – Preexistência de latifúndios, em pleno sertão bruto, adquiridos por particulares ou companhias de terras, antes da chegada da estrada de ferro.

Impossível negar estas assertivas, já que nos defrontamos com dados que demonstram a veracidade da existência de zonas pioneiras na região Norte do Paraná e como se verá mais adiante no Norte Novo<sup>35</sup>.

Na publicação do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) do ano de 1981, *O Paraná: Economia e Sociedade*, a presença indígena é desqualificada e sua resistência é apontada como insuficiente.

Por outro lado, afora a débil resistência imposta pela rarefeita população indígena, o Norte do Paraná era um “espaço aberto”, ou seja, a colonização moderna comandada pelo capital não encontrou pesadas estruturas sociais, como aquelas herdadas do escravismo colonial, tal como em outras regiões do Brasil, e a moderna produção que aí instalar-se não teve que lutar contra entraves pré-capitalistas<sup>36</sup>.

Em um curso de História do Paraná realizado em dezembro de 1984 na Biblioteca Pública do Paraná, o professor Igor Chmyz da UFPR (Universidade Federal do Paraná), apontou datações que recuavam o povoamento do Paraná em 6.000 anos<sup>37</sup>. No mesmo curso, o professor Ruy Cristovam Wachowicz ministrou um curso sobre as *FRENTES PIONEIRAS* na história do Paraná. Apesar da apresentação dos dados arqueológicos por Igor Chmyz, ao tratar da ocupação do Paraná Wachowicz desconsidera tais informações e afirma:

---

35 PERARO, Maria Adenir. **Estudo do Povoamento, Crescimento e Composição da População do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História. Curitiba-PR: UFPR, 1978. p. 26-27.

36 IPARDES – Fundação Édison Vieira. **O Paraná: economia e sociedade**. Curitiba-PR, 1981.p. 72.

37 CHMYZ, I. Pré-história do Paraná. In: **Historia do Paraná. Idéias em Debate**. Curitiba-PR: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, v 5, 1986.



O Paraná é um Estado ainda jovem, recentemente ocupado. A história de sua ocupação esta ainda para ser escrita. Hoje trago um mapa. E o mapa que fiz das regiões culturais do Estado do Paraná, tomando-se por base a procedência da população que ocupou o Estado. Ai vocês vêem o Paraná tradicional, o velho Paraná. O Paraná do caboclo, o Paraná do luso-brasileiro, o Paraná do africano e o Paraná do imigrante. No norte, está a população que entrou no Estado atraída pelas terras rochas. E a *frente cafeeira*. A rigor, já no século passado, esta frente estava presente no Estado. A terceira região é a que chamo de *frente sulista*, oriunda do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina<sup>38</sup>.

Wachowicz ainda salienta que, naquele momento (ano de 1984), estava trabalhando com território do Norte Pioneiro, região que compreende grande parte da bacia do rio das Cinzas. Ele conceitua os termos *frente de ocupação* e *frente de colonização*.

Entendo por *frente de ocupação* aquela vanguarda de origem predominantemente cabocla que espalhou-se pelo interior do Paraná numa verdadeira faixa em leque, que vem desde a região de Jaguariaíva, São Jerônimo, Ortigueira, Cascavel, Pato Branco. A *frente de ocupação* apresentou-se sempre como uma população rarefeita e predadora da natureza. Essa posição de que o caboclo não destrói as matas, as reservas florestais, é romance. Não se esqueçam que o caboclo é também descendente do índio, e este foi quem ensinou a botar fogo no mato. Era o índio que liquidava com muitos bosques, colocando fogo nos campos para que a relva viesse mais bonita e para que os campos no ano seguinte tivessem condições de albergar melhor os animais, ou seja, animais de abate, de caça. Existe muito de romance sobre esse assunto. O fato é que o caboclo, sendo descendente do índio, vai destruir a mata nestas frentes de ocupação, justamente para fazer a sua posse<sup>39</sup>.

Em seu livro *Norte Velho, Norte Pioneiro* publicado em 1987, Ruy C. Wachowicz fez um apanhado da produção historiográfica que o antecedeu, além de contribuir com suas próprias pesquisas sobre o

---

38 WACHOWICZ, R. C. Frentes Pioneiras. In: **Historia do Paraná. Idéias em Debate**. Curitiba-PR: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, v 5, 1986, p. 138.

39 WACHOWICZ, R. C. Frentes Pioneiras. In: **Historia do Paraná. Idéias em Debate**. Curitiba-PR: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, v 5, 1986, p. 139.

assunto. Mesmo com toda a repercussão desse trabalho e do já citado *História do Paraná*, Wachowicz não pretendeu dar conta de todos os aspectos da história regional. Embora já tivesse instrumentos suficientes para não afirmar que as terras do Norte Pioneiro do Paraná eram desocupadas, Wachowicz abre mão das informações apresentadas por Igor Chmyz sobre a presença indígena, e se preocupa mais em resgatar uma memória dos colonizadores da região, implicando em um equívoco metodológico que acaba por reafirmar a ideia de que as terras estavam vazias e prontas a serem ocupadas. Na apresentação do livro o autor salienta que:

A memória dos colonizadores dos antigos sertões paranaenses está desaparecendo. Mas, para que tal não acontecesse, seria preciso que o historiador paranaense saísse do conforto de sua "urbe" e do seu "domus" e enfrentasse as dificuldades do interior, a poeira, o desconforto e muitas vezes a incompreensão. Infelizmente, na prática, é muito difícil encontrar historiadores com essa visão social. Debruçar-se sobre a história dessas comunidades "in loco", não da "status". Escolhemos o Norte Pioneiro paranaense para a presente pesquisa, justamente por se tratar de uma área das menos conhecidas pela nossa historiografia. Há uma quase que ausência de bibliografia referente a essa região. Suas raízes são inclusive desconhecidas pelos próprios historiadores. Esperamos que "Norte Velho, Norte Pioneiro" venha iniciar o preenchimento desta lacuna<sup>40</sup>.

Assim, como Ruy Christovam Wachowicz, não teve, não tenho a pretensão de dar conta de todos os aspectos da história do Norte Pioneiro, mas pretendo contribuir para o preenchimento de uma parte da lacuna, que é a ocupação pré-colonial da bacia hidrográfica do rio das Cinzas, área central da região. Mais de vinte anos após Wachowicz

---

40 WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba-PR: Gráfica Vicentina, 1987.p. 4.

escrever o livro de referência para a região, à área ainda é pouco conhecida pela nossa historiografia, e, assim como no período em que ele se debruçou sobre ela, ainda há poucas publicações que tratem da história do Valuto.

Wachowicz, que buscou um aprofundamento maior sobre a história do “Norte Pioneiro” do Paraná, afirma que a ocupação do território começa na primeira metade do século XIX. Para este, um dos fatos que deram início àquele processo foi a passagem de tropeiros e latifundiários mineiros pelo registro do Itararé. O desejo de posse de terras férteis inicia a reocupação da região da atual divisa entre Paraná e São Paulo. A margem esquerda do rio Paranapanema, considerada desabitada, começou a ser conquistada a partir da margem esquerda do rio Itararé e foi ocupada com base na hidrografia. Quem fazia a posse procurava a cabeceira de um riacho e, ali estabelecido, tornava-se o “dono da água”, isto é o dono do terreno que margeava o riacho<sup>41</sup>.

Sérgio Odilon Nadalin, em seu livro *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações*, salientou que o objetivo dele não foi tratar das migrações indígenas, ou seja, das teorias concernentes relativas ao processo de ocupação mais antiga do território que viria um dia denominar-se Paraná.

---

<sup>41</sup> Essa informação de que as pessoas se tornavam “donos da água” onde se estabeleciam deve ser vista com cautela. Embora essa ideia tenha sido propagada pela historiografia paranaense, encontramos a primeira referência do fato no livro *Norte Velho, Norte Pioneiro* do historiador Ruy Wachowicz. A informação é resultado de uma entrevista feita pelo professor, ao senhor Artur Correa Machado, que lhe passou essa informação. No entanto a conversa dos protagonistas ocorreu em dezoito de setembro de 1985, e o processo do qual tratavam aconteceu em meados do século XIX.

Originada da tradição historiográfica que periodizava uma “pré-história” fundada na ausência de documentos escritos, tradição essa não sem vínculos com uma visão *eurocêntrica* da história, a historiografia tem tratado do “Paraná” e do Brasil a partir do momento em que a região adquire, digamos, “expressão histórica”. Esta acentuação foi assinalada pelo “*Descobrimento*”, e a partir do reconhecimento e exploração do território pelos conquistadores, que o faziam em nome dos interesses europeus: dos monarcas, da Igreja e dos comerciantes<sup>42</sup>.

Embora não tenha intenção, é possível que o título e a problemática do livro de Nadalin deixem implícitos esses preconceitos. Com efeito, na medida em que o tema fixa-se na época “pós-cabraliana” da História do Brasil, seu conteúdo parece reforçar essa memória historiográfica. Porém, o autor salientou que a temática da história pré-colonial não faz parte de sua problemática e justifica.

Porque, de um lado, não terei espaço para tratar dessa questão de maneira conveniente, decente e aprofundada; de outro, e principalmente, tal tema não faz parte da problemática deste trabalho, uma vez que pretendo sempre reforçar o caráter dúbio das migrações de alguma forma engendradas nos quadros do mundo ocidental<sup>43</sup>.

Nadalin ainda ressalta que os termos *migração* e *migrações* referem-se igualmente ao processo de conquista e ocupação/povoamento do território por uma determinada população “*branca*”, constituída então por uma civilização colonial. Desta maneira, o autor parte da ocupação colonial da região da bacia do rio das Cinzas e justifica a sua opção metodológica para não tratar das populações indígenas que ocuparam a região.

---

42 NADALIN, Sérgio Odilon. **Ocupação do território, população e migrações**. Curitiba-PR: SEED, 2001. p. 13.

43 NADALIN, Sérgio Odilon. **Ocupação do território, população e migrações**. Curitiba-PR: SEED, 2001. p. 13.

Em conformidade com Wachowicz, as autoras Lucinéia Cunha Steca e Mariléia Dias Flores atribuem à ocupação do Valuto à passagem de tropeiros e latifundiários mineiros pelo registro do Itararé.

Entre os primeiros colonizadores dessa Região Norte Pioneira haviam muitos mineiros e paulistas. Aos primeiros, interessava mais a garantia da posse do terreno, atendendo ao seu desejo latifundiário. Já os paulistas, com menos posse, vinham pelo interesse em trabalhar na região e formar lavouras.

Entretanto, por volta de 1840, fazendeiros mineiros em dificuldades econômicas passaram a conduzir tropas no Rio Grande do Sul e para isso, passavam pelo Registro de Itararé (espécie de barreira alfandegária) na divisa entre Paraná e São Paulo. Foi assim que souberam da existência de terras férteis e devolutas na região<sup>44</sup>.

Após a citação acima, as autoras afirmam, baseando-se em Wachowicz, que a ocupação dos mineiros teve como base a hidrografia. Instalando-se na cabeceira, tomavam posse, eram os “donos da água”. Essa afirmativa é problemática, já que Wachowicz usa como fonte o depoimento de Antônio Lopes de Assis gravado no dia 18 de setembro de 1985, no município de São José da Boa Vista. E o período ao qual o entrevistado se refere é o da chegada dos fazendeiros mineiros, que ocorreu em meados do século XIX, mais de um século antes da entrevista.

No ano de 2004 o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) publicou *Leituras Regionais – Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense*. Esta publicação traz, sobretudo, aspectos socioeconômicos da região. No capítulo 2, onde tratarei da a dimensão social do espaço estudado, será abordada a

---

<sup>44</sup> STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina-PR, Eduem, 2001. p. 123.

questão do processo de ocupação e a dinâmica populacional no Norte Pioneiro do Paraná. A publicação atestou o processo de ocupação do Norte Pioneiro estabelecido pelo historiador Ruy C. Wachowicz.

O processo de ocupação da mesorregião Norte Pioneiro teve início em meados do século XIX, ainda no período imperial, e se intensificou basicamente em decorrência de dois fatores, concomitantes e independentes: a necessidade estratégica vislumbrada pelo poder central de interligar o litoral brasileiro à distante Província de Mato Grosso, e a imigração de fazendeiros mineiros, e posteriormente de paulistas, atraídos pela disponibilidade de vastas extensões de terras férteis e devolutas, no norte paranaense (WACHOWICZ, 1988)<sup>1</sup>.

A frente pioneira, que desde os primórdios foi formada por grandes propriedades dedicadas ao plantio do café, introduziu na região um escasso povoamento, permanecendo, durante várias décadas, conectada quase que exclusivamente com São Paulo, em função dos avanços da Estrada de Ferro Sorocabana. Somente no início do século XX verificou-se um adensamento populacional mais expressivo na região, em um movimento precursor da grande expansão fronteiriça que iria se alastrar por todo o norte central e noroeste paranaenses, nos decênios seguintes, registrando-se em certas áreas do Norte Pioneiro, algumas iniciativas colonizadoras, de dimensões modestas<sup>45</sup>.

Fica claro na bibliografia citada que os historiadores que abordaram o processo de ocupação do chamado Norte Pioneiro do Paraná o fizeram a partir da passagem de tropeiros na região do Itararé. Nenhum dos autores preocupou-se de maneira particular com as populações indígenas que ocuparam a região. No panorama local também é possível encontrar esta mesma perspectiva.

Luciano Arantes Sanches, em seu livro *Tomazina: Cidade das Belezas Naturais* escreveu a história da cidade que foi uma das primeiras a serem fundadas na região do Norte Pioneiro do Paraná.

---

<sup>45</sup> INSTITUTO Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Leituras Regionais: Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense**. Curitiba-PR: IPARDES: BRDE, 2004. p. 23.

Sanches desconsidera a história pré-colonial da região e até mesmo as relações entre as populações indígenas e os primeiros colonizadores no momento do contato, colaborando dessa maneira para a perpetuação da ideia do território desabitado. Ao tratar das origens da população da cidade, o autor não faz conexão com a história regional do Norte Pioneiro do Paraná e começa o texto dissertando sobre como o fundador da cidade adquiriu as posses das terras.

O Major Thomaz Pereira da Silva adquiriu por compra de Domiciano Corrêa Machado, em 1865, duas posses de terras, Boa Vista, na margem direita do rio das Cinzas e a outra posse no rio Laranjinha, compraram na mesma ocasião de sociedade com Elias Ribeiro do Valle, Antonio Rodrigues Pulgas e Manoel de Souza Guerra, de Joaquim de Azevedo, as posses Ribeirão Grande, situadas na margem esquerda do mesmo rio, motivos esses que foram levados pela:

[...] decadência da mineração dos diamantes, que é mais ou menos paralela a do ouro, tem também causas semelhantes. Veio agravá-la um fator: a depreciação das pedras, devidos ao seu grande afluxo no mercado europeu. O governo português tentou impedir a queda dos preços restringindo a produção e a venda; mas seus crônicos apertos financeiros obrigavam-no frequentemente a abrir mãos das restrições e lançar inoportunamente no mercado grandes quantidades de pedra. O seu valor veio assim, de que em queda, até princípios do século XIX.

Em novembro de 1867, período em que o Brasil se encontrava em "plena guerra contra os paraguaios, que perdurou de 1864-1869" [Davi Carneiro], o Major Thomaz transferiu sua residência da comarca de Itajubá, sudoeste de Minas Gerais, próximo da divisa com o estado de São Paulo e Rio de Janeiro, que se encontrava numa altitude de 856 metros, sendo distanciada da capital Belo Horizonte por aproximadamente 433 Km,, para o sertão do Rio das Cinzas, norte do Paraná. Procurava desse modo colocar sua numerosa família, dentro de uma grande área de terras onde todos pudessem prosperar e viver folgadoamente, desfrutando de exuberantes terras-massapé, e de um grande potencial hidrográfico<sup>46</sup>.

---

46 SANCHES, Luciano Arantes. **Tomazina: Cidade das Belezas Naturais**. Tomazina-PR: Editora Espaço da Sophia, 2009. p. 11-12.

A maioria dos autores que analisaram ou descreveram o processo de (re)ocupação da região hoje chamada Norte do Paraná buscou confirmar ou construir um discurso dominante.

Desde 1950, muitos foram aqueles que descreveram e analisaram o processo de (re)ocupação da região hoje situada ao norte do estado do Paraná. Além dos escritores locais que normalmente escreviam pequenos estudos sobre a sua cidade, geógrafos historiadores, sociólogos, antropólogos e economistas, entre outros, como membros da academia, tiveram uma posição diferenciada nesse processo, pois procuravam analisar essa questão de um ponto de vista científico. A maioria deles procurou confirmar o discurso dominante, quando não construí-lo. Outros buscaram questioná-lo, demonstrando outras possibilidades de análise desse processo<sup>47</sup>.

Uma constante no discurso dominante ao qual Nelson Tomazi se refere é a omissão ou desqualificação da presença indígena na região. Lucio Tadeu Mota, em seu livro *As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*, reeditado em 2009, diz que é comum encontrar afirmações em livros didáticos, obras sobre o pioneirismo e até em discursos oficiais que as terras do Norte do Paraná eram desabitadas. Para Mota isso é o “mito do vazio demográfico”. O autor salienta que esses termos todos foram criados pelas classes dominantes, que tentaram apagar as populações indígenas da história.

A evidente presença indígena no Paraná não é, entretanto, registrada pela história da região, e o objetivo da primeira parte deste trabalho é mostrar como se construiu a idéia do vazio demográfico.

Pois, na maioria dos discursos oficiais, em livros didáticos, nas obras sobre o pioneirismo no norte do

---

47 TOMAZI, N.D. Construções e Silêncios Sobre a (Re)ocupação da Região Norte do Estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná**. 1ª Ed. Maringá-PR: EDUEM, 2007. p. 51.



Estado, nos trabalhos acadêmicos que tratam da ocupação da região a partir de 1930, é comum encontrar-se a afirmação de que essas terras eram “devolutas”, “selvagens”, “desabitadas”, “estavam abandonadas”, “virgens”, “selváticas”, “sertão bravio”. As terras do setentrião, do oeste e sudoeste paranaense, para o colonizador dos anos de 1920 aos anos de 1950 estavam desabitadas, vazias, prontas para serem ocupadas e colonizadas. É o mito do vazio demográfico.

Ao lado dessa falácia, a classe dominante apaga um dos sujeitos da história: os povos indígenas. A ocupação da região é tida como pacífica, sem lutas ou resistências, uma vez que, segundo a versão oficial, os povos indígenas simplesmente não existiam<sup>48</sup>.

Na história do Norte pioneiro a ideia do vazio demográfico aparece com mais força, já que, para a historiografia, a região foi tratada como área de terras devolutas<sup>49</sup>. Todos os autores que apresentei e que tratam do povoamento da região partem do princípio que Tomazi chama de (re)ocupação, e nenhum trabalho aborda as populações indígenas da região. No Norte Pioneiro, assim como no resto do Estado do Paraná, a historiografia trata da ocupação da região como se ela tivesse sido pacífica, sem lutas ou resistências, uma vez que segundo a ideologia do vazio demográfico essas populações indígenas simplesmente não existiam<sup>50</sup>.

Constantemente em publicações de diversas áreas do conhecimento científico acerca de aspectos do Norte Pioneiro do Paraná é repetida a história tradicional, que foi até o momento, trabalhada de forma mais completa pelo historiador Ruy Christovam Wachovicz. Esses

---

48 MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2ª Ed. Revisada e Ampliada. Maringá-PR: Eduem, 2009.p. 14.

49 A expressão “terras devolutas” constantemente é encontrada nos textos que tratam da região do Norte Pioneiro e se refere à ideia de terras desocupadas.

50 Sobre a questão do vazio demográfico, ver MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2ª Ed. Revisada e Ampliada. Maringá-PR: Eduem, 2009.

trabalhos não tiveram o objetivo de esmiuçar a história da região, mas apenas contextualizar o trabalho no espaço em que foi realizado. Em vários trabalhos acadêmicos de áreas que não a da história, são utilizadas informações da historiografia tradicional para elaborar o contexto da região estudada. Mesmo sendo o objeto de estudo alheio à história da região, os pesquisadores atentam o público para o pioneirismo dos mineiros que ocuparam a região do “Valuto”, e assim a ideia do vazio demográfico persiste em textos científicos, contribuindo para a marginalização histórica das populações indígenas que habitaram a região.

No entanto é possível constatar a presença indígena na região através de outros meios que não os trabalhos acadêmicos. Um exemplo são as memórias de moradores da região e os relatos de viajantes. Joaquim Vicente de Souza, em seu livro de memórias, *Norte Pioneiro – Norte Velho, Siqueira Campos no Cenário do Norte do Paraná*, traz recordações e fatos acerca da cidade de Siqueira Campos e do Norte Pioneiro. Sem formação técnica e fontes adequadas, o autor faz um grande esforço ao tentar escrever sobre a presença indígena na região e sobre o período que antecedeu a chegada dos mineiros que “ocuparam” a região. Ele salienta que, antes do caminho percorrido pelo branco, havia o trilho do bronzeado, e que antes do intruso havia o nativo.

Sem fontes, Joaquim Vicente de Souza se utiliza de uma memória coletiva e romantizada acerca dos indígenas da região de Siqueira Campos.

Esta região, segundo historiadores e indianólogos, era habitada pela grande nação dos índios Guaranis, selvagens de proverbial mansidão, e que viviam da caça e da pesca pela floresta e rios destas paragens. Destes índios ainda temos muitas notícias, inclusive de testemunhas vivas, que deles contam muitos passados quando por aqui transitavam dos seus aldeamentos do Tijuco Preto (Pirajú) e São João Batista do Rio Verde (Itaporanga), em andanças para outro grande aldeamento no Pinhalsinho (Ribeirão do Pinhal), às margens do rio Laranjinha<sup>51</sup>.

Souza afirma que o território era habitado pelos índios Guarani e que destes existem muitos "causos" que eram contados pelos mais velhos que viviam na região. O autor admite as limitações de seu trabalho e que só vai acrescentar as notícias sobre Frei Pacífico de Montefalco, que para ele é o imortal missionário e que dos Guarani seria o grande mestre, guia, e até pai.

Joaquim Vicente de Souza apresenta um texto paradoxal. A vontade de escrever sobre os indígenas que habitaram a região do Norte Pioneiro do Paraná antes da chegada dos brancos fez aflorar o orgulho cristão de "civilizar os pobres selvagens", mas ao mesmo tempo salienta que infelizmente os índios não puderam sobrepujar o branco.

Sentimos também como cristãos herdeiros desta bela doutrina civilizadora, o orgulho que já antes de nossos avós, cuidava aqui um pastor espiritual das almas dos pobres selvagens que, infelizmente não puderam sobrepujar o branco, ou com ele conviver, quando a história desta região e deste país, talvez fosse contada com muito mais beleza e candura sentimentais. Isto porque, se recuperada em tempo, cultivada e evoluída a bela linguagem dos guaranis e dos tupis, hoje fazíamos estrebuchar o mundo de inveja, face ao mavioso hino que se constituía o idioma Tupi. O tupi era pelos mesmos índios chamados de "nheêngatú", ou língua bela e é mesmo de tal formosura e encantamento, que deveria ser o idioma nacional brasileiro. À tal sutileza e elegância do

---

51 **SOUZA**, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro – Norte Velho, Siqueira Campos no cenário do Norte do Paraná**. Curitiba-PR: Imprensa Oficial, 2007. p. 16.

linguajar tupi, acrescentemos a função prosódica peculiar com suas acentuações tônicas inerentes, somente a esta língua, e que dá uma força como o mais poderoso idioma do mundo. Como exemplo, vejamos alguns termos deste idioma selvagem<sup>52</sup>.

Alice do Amaral Faria, em seu livro de memórias *Alma da Terra Cambará: Portal de Ouro do Norte Pioneiro*, publicado em 2001, descreve de forma romântica a visita que ela e sua mãe fizeram a sua irmã Maria José em Bandeirantes – PR, em data não esclarecida.

Algum tempo depois eu e a minha mãe fomos passar algum tempo em Bandeirantes, porque minha irmã Maria José estava passando mal com a gestação. Foi uma época bonita em minha infância, esse contato com os índios. Eram muito dóceis e já um tanto civilizados. Nessa reserva quem morou muitos anos, foi um português com o nome de João Cravo. À tardinha, íamos até o riacho ver as índias tomarem banho, nuas. A princípio, minha mãe ficou constrangida, mas depois foi se acostumando. Ali, era seu habitat e como todo índio eles eram muito puros. Não havia nenhuma maldade pois isso é parte da natureza deles. Para ir à sua aldeia (Taba) tínhamos que atravessar uma “pinguela”. Eles obedeciam as ordens de meu cunhado, o qual chamavam de chefe branco. Muitos podem duvidar de minha narrativa, mas é a pura verdade. É só se informar em Bandeirantes onde ficava a venda de João Cravo, para constatar a verdade<sup>53</sup>.

Como foi demonstrado aqui, os autores que trataram da região do Norte Pioneiro ou do território da bacia do rio das Cinzas, por questões metodológicas ou políticas, consideraram apenas a história dos grandes fazendeiros ou pessoas de posses, auferindo-lhes, o título de primeiros povoadores do território hoje chamado Norte Pioneiro do Paraná. Esses

---

52 SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro – Norte Velho, Siqueira Campos no cenário do Norte do Paraná**. Curitiba-PR: Imprensa Oficial, 2007. p. 20.

53 FARIA, Alice do Amaral. **Alma da Terra Cambará: Portal de Ouro do Norte Pioneiro**. Curitiba-PR: Opta Gráfica e Editora, 2001. p. 192-193.

autores não se ocuparam de escrever uma história das populações indígenas que habitaram a região antes da chegada do homem branco, ou se restringiram apenas a escrever sobre as relações entre as duas culturas, a partir do momento da chegada dos conquistadores. Nossos antecessores acreditaram na fidelidade e na importância dos documentos oficiais que tinham disponíveis para a escrita da história porque são produtos do meio social e de seu tempo histórico.

Até o momento, a região do chamado Norte Pioneiro (região onde esta inserida a maior parte da bacia hidrográfica do rio das Cinzas) não foi alvo de pesquisas que abordem as populações que ali estiveram antes da chegada das frentes pioneiras, portanto todos abordaram a (re)ocupação da região. No próximo capítulo, apontarei as evidências obtidas por pesquisas arqueológicas que comprovam a presença de outras populações na região antes dos migrantes provenientes de outros estados da Federação e de outras regiões do Paraná.

A ciência não é construída por novidades. Novos sistemas não aparecem com cada nova tese de doutorado; ao contrário, o progresso é o processo de construir sobre o que já foi aprendido.

Robert C. Dunnell

## CAPÍTULO II

### ARQUEOLOGIA NA BACIA DO RIO DAS CINZAS

Nesse capítulo procuro demonstrar como as pesquisas arqueológicas podem ser utilizadas para reescrever a história da ocupação dos territórios da bacia do rio das Cinzas no norte do Paraná.

A arqueologia no Brasil é uma ciência relativamente nova, mas seus resultados são muito significativos para entendermos não só a História pós-colonial de nosso país, mas, sobretudo, sua história pré-colonial.

No Brasil, no final do século XIX e início do XX, tivemos as primeiras escavações arqueológicas realizadas na Amazônia e em sambaquis localizados no Litoral Sul. Esse período descritivo-classificatório constituiu o início da Arqueologia sistemática e marcou seu reconhecimento enquanto disciplina<sup>54</sup>.

No entanto, é somente a partir da segunda metade do século XX que se inicia o período responsável pela profissionalização de arqueólogos brasileiros. Essa formação está intimamente ligada à história da Arqueologia paranaense, pois foi no Paraná que surgiu um dos mais importantes programas de pesquisa arqueológica o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas). Foi também nesse estado que ocorreram os primeiros seminários de arqueologia acadêmica.

Na Arqueologia brasileira, o Estado do Paraná pode ser considerado o berço da profissionalização dos

---

54 OLIVEIRA, J. A. **História da arqueologia paranaense: um balanço da produção arqueológica no Estado do Paraná no período de 1876-2001**. Dissertação (Mestrado) – Programa associado de pós-graduação em História UEM/UEL. Maringá-PR, UEM, 2002.

arqueólogos, sempre lembrado pelos escritores desta história. Mas, curiosamente, a história da pesquisa no estado não foi ainda objeto de interesse. Nem mesmo os arqueólogos paranaenses fizeram menção da formação dos pesquisadores, da criação de instituições, do desenvolvimento da pesquisas e dos problemas ao longo de sua existência.

A publicação da produção bibliográfica arqueológica no Paraná é extensa, mas limita-se a relatórios de pesquisas, que são apresentados de forma desconecta da história, das mudanças e das práticas sociais e da prática científica<sup>55</sup>.

Na bacia do rio das Cinzas e nas suas proximidades foram realizadas diversas pesquisas arqueológicas. As primeiras ocorreram no ano de 1964 e, desde então, não cessaram, o que gerou uma extensa documentação. Porém, as pesquisas arqueológicas não foram consideradas por historiadores que até então se dedicaram a escrever sobre essa região.

Em busca de outra interpretação para a história regional da bacia do rio das Cinzas, utilizei os dados gerados pelas pesquisas arqueológicas sobre a região e adjacências. Eles constam da base de dados do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), embora as fichas do CNSA não permitam construir grandes interpretações sobre as populações que habitaram a região, elas revelam tecnologias por eles utilizadas e que marcam a presença dessas populações, parte das fichas está disponível no site do IPHAN<sup>56</sup>.

---

55 OLIVEIRA, J. A. **História da arqueologia paranaense: um balanço da produção arqueológica no Estado do Paraná no período de 1876-2001**. Dissertação (Mestrado) – Programa associado de pós-graduação em História UEM/UEL. Maringá-PR, UEM, 2002.

56 SISTEMA de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do>> Acesso em: 13 jun 2011.



## **Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos e os dados arqueológicos dos municípios da bacia do rio das Cinzas**

Esse banco de dados contém informações sobre todos os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no país. O problema é que sua atualização não é constante, portanto, alguns trabalhos possivelmente realizados na bacia do rio das Cinzas ainda não foram adicionados ao CNSA e não farão parte desta pesquisa.

A falta de uma política de gerenciamento arqueológico tem contribuído em muito para a perda de dados importantes sobre a ocupação humana do Brasil. A incapacidade de gerir e fiscalizar não somente as pesquisas que são efetuadas como também a qualidade das mesmas, têm um impacto negativo muito grande na produção de conhecimento sobre o passado de nosso país. O chamado Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos é um reflexo direto não somente da falta de infra-estrutura do IPHAN como também das divisões políticas dentro do próprio IPHAN. O Cadastro Nacional não cumpre sua função primordial que é informar da existência de sítios arqueológicos existentes no território nacional. Além dos dados não serem atualizados faltam informações vitais sobre os sítios como coordenadas, vestígios resgatados, etc. No caso específico da publicação das coordenadas dos sítios a justificativa é que se trata de uma questão de segurança. Esquece-se em primeiro lugar que a maioria dos sítios arqueológicos pesquisados, principalmente pela Arqueologia de contrato deixam de existir após a execução das obras. Em segundo lugar se as autoridades municipais bem como as organizações comunitárias soubessem e fossem notificadas da existência de sítios arqueológico em suas regiões a fiscalização contra destruição deste Patrimônio aumentaria sobre modo. Parte-se da idéia de que esconder e não divulgar ainda são melhores meios de proteger os bens arqueológicos<sup>57</sup>.

---

57 PELLINI, J. R. Georeferenciamento de Sítios Arqueológicos na região Centro Oeste do Brasil. Resultados Preliminares. In: **XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Florianópolis.-SC, 2007.

A primeira fase da pesquisa ao CNSA foi realizada entre os dias 26/07/2010 e 06/08/2010 na Superintendência Regional do IPHAN no Paraná em Curitiba. Por questão metodológica os municípios que possuem mais de uma bacia hidrográfica foram totalizados como pertencentes à bacia do rio das Cinzas. Já que nem sempre é possível apontar em que bacia o sítio arqueológico se encontra, ou pela falta de informação contida na ficha ou por erro metodológico do pesquisador que a preencheu. Na primeira análise das fontes constatei que nem sempre a bacia hidrográfica apontada na ficha correspondia à bacia correta em que o sítio está inserido.

Nessa primeira coleta de dados na regional do IPHAN foram contabilizadas 130 fichas de sítios arqueológicos pesquisados no território da bacia do rio das Cinzas. Todas as fichas dos sítios arqueológicos cadastrados e entregues ao IPHAN até o dia 30/07/2010 foram digitalizadas, contabilizadas, separadas por município e arquivadas no LAEE – UEM (Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória da Universidade Estadual de Maringá).

No primeiro semestre de 2011, durante a confecção desta dissertação, foi realizada uma nova pesquisa no CNSA, desta vez via Internet, já que o IPHAN as disponibiliza parcialmente no site da instituição. A versão disponibilizada na Internet é frágil e somente é disponível após a ficha ser entregue pelo arqueólogo na regional do IPHAN, que as envia para a sede da instituição em Brasília. O IPHAN de Brasília recebe fichas das regionais de todo o país, por esse motivo ocorre uma discrepância de tempo muito grande entre as fichas serem

entregues pelos arqueólogos e serem disponíveis no site. Até o dia 13/06/2011 estavam disponíveis no site do IPHAN 202 fichas de sítios arqueológicos de municípios que pertencem à bacia do rio das Cinzas. Observe na tabela abaixo como em pouco menos de um ano os números evoluíram.

**Tabela 1 - Fichas de sítios arqueológicos consultadas por municípios.**

Municípios	Fichas consultadas na Regional do IPHAN em Curitiba - 30/07/2010	Fichas coletadas no CNSA do IPHAN via Internet - 13/06/2011	Total de fichas por Municípios
Andirá	14	16	16
Arapoti	17	116	133
Bandeirantes	01	01	01
Carlópolis	12	12	12
Curiúva	25	13	38
Itambaracá	26	27	27
Jacarezinho	01	00	01
Jaguariaíva	10	02	12
Joaquim Távora	00	01	01
Nova Fátima	03	03	03
Pinhalão	03	00	03
Piraí do Sul	10	02	12
Ribeirão Claro	06	08	08
Sapopema	01	00	01
Wenceslau Braz	02	01	02
<b>Total</b>	130	202	270

Além do acréscimo de fichas disponíveis devido à alimentação do banco de dados, também é interessante observar que um novo município surgiu no CNSA disponível na Internet, Joaquim Távora. Enquanto outros não foram atualizados, tendo número menor de fichas disponíveis, e outros ainda não tiveram nem uma ficha cadastrada.

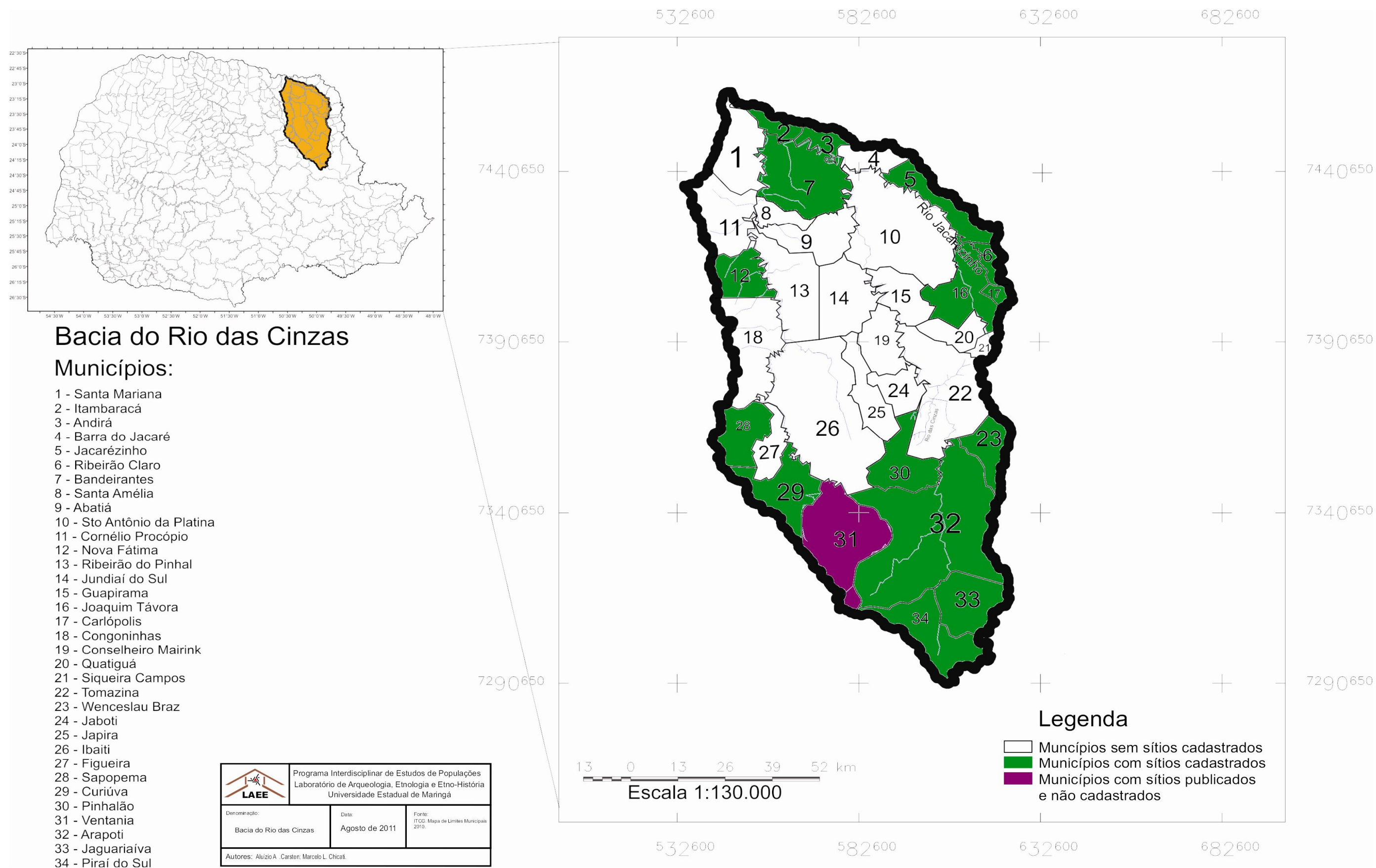
Depois da conferência das fichas coletadas na Regional do IPHAN em Curitiba, com as coletadas no CNSA disponível na Internet, foi possível contabilizar o número atualizado de sítios cadastrados na bacia do rio das Cinzas e compactar em tabela as informações mais relevantes para essa pesquisa. (Tabela 2 - Apêndice I).

Dos 34 municípios da bacia do rio das Cinzas, 16 foram pesquisados e 15 possuem sítios cadastrados no CNSA<sup>58</sup>. (Figura 2).

---

58 No município de Ventania foram encontrados diversos sítios com pinturas rupestres, porém os dados não estão disponíveis no CNSA, mas as informações dos sítios podem ser constatadas em: GOTTARDI NETO, A. Análise cerâmica do projeto Cavernas de Morro Azul. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo-SP, v. 5, p.63-75, 1995. E em PARELLADA, C.I. As pinturas rupestres em Morro Azul/Ventania-PR. In: **Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Boletim de Resumos. João Pessoa-PR: Editora Universitária/UFPB, 1993, p.68.

Figura 2 – Municípios que integram a Bacia do Rio das Cinzas com sítios arqueológicos cadastrados no CNSA.



Com as fichas recolhidas, iniciei o levantamento bibliográfico sobre os sítios arqueológicos pesquisados na bacia do rio das Cinzas, tendo como base o item “bibliografia” da ficha do CNSA. Também foram consultados importantes periódicos como: Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Revistas do Museu Paulista, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, Revista do CEPA – da Universidade Federal do Paraná, Teses e dissertações da biblioteca da Universidade Federal do Paraná – Sessão História e Antropologia. Foram pesquisados também outros documentos como relatórios técnicos, artigos em revistas especializadas e anais de eventos.

A falta de publicação sobre os sítios arqueológicos pesquisados na bacia do rio das Cinzas dificulta sua localização, uma vez que as fichas disponibilizadas na Internet pelo IPHAN não possuem localização espacial em coordenadas geográficas ou em UTM, somente características descritivas dos sítios.

É inadmissível que sejam realizadas tantas escavações e tão pouco seja publicado, tão pouco conhecimento seja produzido, aspecto este que fica ressaltado na Arqueologia de Contrato. Muito se fala das deficiências metodológicas e técnicas do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), e nos perguntamos o que realmente mudou na Arqueologia do país nos 20 anos. Perguntamo-nos se o PRONAPA com todas as suas deficiências não produziu mais conhecimento do que a chamada Arqueologia de Contrato, que possui teoricamente mais meios e está presente em todos os recantos do país. Evidentemente isso não significa que não existam bons trabalhos de Arqueologia de Contrato<sup>59</sup>.

---

59 PELLINI, J. R. Georeferenciamento de Sítios Arqueológicos na região Centro Oeste do Brasil. Resultados Preliminares. In: **XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Florianópolis, 2007.

Para Pellini, dificultar o acesso aos relatórios finais ao público interessado é uma contravenção em relação a legislação existente, não é somente contra a lei, mas um grande desserviço à ciência. O acesso aos dados dos sítios arqueológicos não é adequado para o pesquisador, o sistema é contraproducente, já que muitas das fichas de cadastramento foram entregues ao IPHAN, mas ainda não foram disponibilizadas no site do instituto.

Sendo a maior parte das publicações relatórios de pesquisas, reproduzirei aqui a descrição de cada sítio conforme consta nos relatórios de pesquisa que compreendem a bacia do rio das Cinzas.

### **A história que surge da terra**

Dos 270 sítios arqueológicos, 221 são sítios caracterizados com vestígios cerâmicos, 111 com vestígios líticos, sendo 89 de lítico lascado, 11 de lítico polido e em 11 sítios não foram especificados se o lítico é lascado ou polido. Também foram registrados 6 sítios rupestres e 6 sítios com vestígios históricos. (Tabela 3).

**Tabela 3 – Vestígios arqueológicos na bacia do rio das Cinzas.**

<b>Vestígios arqueológicos</b>	<b>Quantidade</b>
Cerâmicos	221
Líticos lascados	89
Líticos polidos	11
Líticos não especificados	11
Rupestres	06
Históricos	06

A partir da análise das fichas do CNSA e da leitura da bibliografia encontrada sobre as pesquisas arqueológicas na bacia do rio das Cinzas,

podemos constatar que antes da entrada dos grandes fazendeiros mineiros e paulistas na segunda metade do século XIX, diferentes grupos humanos ocuparam a região. Foi constatada a presença de pelo menos três tradições arqueológicas que remetem a populações etnicamente distintas na bacia do rio das Cinzas no período pré-colonial, além de duas tradições rupestres associadas à sítios da tradição Itararé-Taquara<sup>60</sup>. Existem também sítios históricos com cerâmicas da tradição chamada de Neobrasileira, por terem sido confeccionadas e utilizadas por populações negras, caboclas, indígenas e não indígenas, mas essa não será aqui discutida. (Tabela 4).

---

60 Em 1967 Igor Chmyz publicou um artigo definindo uma nova fase cerâmica no Estado do Paraná, distinta das cerâmicas classificadas como Tupiguarani, o arqueólogo a chamou de "Fase Itararé" (CHMYZ, 1967). No mesmo ano Eurico Miller define no Estado do Rio Grande do Sul a "Fase Taquara" (MILLER, 1967). Um ano depois em 1968 Chmyz sugeriu que com o resultado de suas pesquisas, essas cerâmicas fossem reunidas em conjuntos, que seriam agora, uma tradição, a "Tradição Itararé". A sugestão foi anunciada durante o Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata que ocorreu em 1968. No mesmo evento, Pedro Ignácio Schmitz sugeriu a denominação "Gê Meridional" para a tradição, ou seja, associá-la aos Kaingang e Xokleng, falantes de língua Jê e habitantes históricos da região (SOUZA, 2009). Embora os termos tenham sido forjados no mesmo ano e na mesma publicação, Astolfo Gomes de Mello Araujo aponta que, "Chmyz já parecia enxergar a Tradição Itararé como manifestação ampla, se estendendo por vasta área no Paraná e Santa Catarina (Chmyz, 1968a:123), tecendo inclusive comparações com a cerâmica descrita por Menghin (1957). Assim, seria impropriedade adotar o nome Taquara em detrimento de Itararé. Em segundo lugar, denominar o complexo de Tradição Planáltica é igualmente impropriedade; a cerâmica e até mesmo algumas casas subterrâneas se estendem até o litoral, principalmente em Santa Catarina e Paraná. Quanto à proposta de Brochado, o autor perpetua as supostas diferenças entre Itararé e Taquara colocando-as como estilos diferentes, e ainda propõe uma divisão entre Taquara e Taquaruçu. Araujo, 2007 ainda salienta que a precedência de publicação deve guiar qualquer tipo de decisão em matéria de denominações científicas, deixando de lado informações orais ou pesquisas não publicadas. O autor sugere três opções pela sua ordem de preferência: A) Utilizar o termo Tradição Eldoradense, ou Tipo Eldoradense (Becker e Schmitz, 1969) uma vez que a mesma foi reconhecida dez anos antes na Argentina, e a precedência do termo é inquestionável. B) Utilizar o termo Tradição Itararé, uma vez que a mesma foi definida antes da Tradição Taquara no território brasileiro. C) Utilizar o nome composto Tradição Itararé-Taquara" (Araujo, 2007). Nesse trabalho usarei o nome composto Itararé-Taquara, termo utilizado também por Araujo, em seu trabalho, já que o termo é mais conhecido pelos pesquisadores.



Tabela 4 – Tradições arqueológicas na Bacia do rio das Cinzas.

Tradições	Sítios
Tupiguarani	63
Itararé-Taquara	32
Umbu	13
Não atribuídos	161

As tradições arqueológicas foram definidas pelos pesquisadores ligados ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). A terminologia foi criada para buscar uma classificação para agrupar, e compreender os achados arqueológicos brasileiros. A tradição é definida por um grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal. Atualmente, embora tenha alguns problemas, a tradição ainda se caracteriza uma estratégia classificatória usada no Brasil<sup>61</sup>.

No Paraná foram identificadas quatro tradições, relacionadas a grupos de caçadores-coletores estão às seguintes tradições: Bituruna, Umbu, Humaitá e Sambaqui. Existem também as tradições Itararé-Taquara e Tupiguarani, que estão filiadas a grupos de agricultores e ceramistas. Para as pinturas e gravuras rupestres caracterizam-se as tradições Planalto e Geométrica<sup>62</sup>.

Todos os profissionais que realizaram pesquisas arqueológicas na bacia do rio das Cinzas utilizam-se dessa nomenclatura para classificar seus achados, embora nem sempre seja possível atribuir filiação cultural a todos os artefatos. A ficha do CNSA adota essa classificação, nela encontra-se um

<sup>61</sup> Ver DIAS, A. S.. Novas Perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas** Belém-PA. v. 2, p. 59-76, 2007.

<sup>62</sup> PARELLADA, C.I. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná São Paulo**. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo-SP: USP, 2005.p. 25.

espaço para caracterização desse material e campos para serem preenchidas com atribuições de Tradição e Fase. (Anexo 1).

Na bacia do rio das Cinzas as tradições estão ligadas a populações de caçadores-coletores, que produziam artefatos líticos, e a populações indígenas agricultores, que geralmente estão associados à confecção de cerâmica. Também há sítios ligados a tradição Neobrasileira, constituída por colonizadores, caboclos e imigrantes.

A tradição arqueológica denominada Umbu está ligada a povos caçadores - coletores que habitaram as terras do Brasil meridional. Eles foram classificados a partir de sua tecnologia lítica. Para André Prous, a tradição é caracterizada pela presença de pontas de projétil e de uma indústria lítica com lascas retocadas.

O retoque é frequentemente feito com cuidado, podendo ocupar toda a superfície de uma ou de ambas as faces da lasca. Os portadores desta indústria parecem ter ocupado as regiões menos arborizadas; realizando raras incursões nas encostas do planalto, chegaram até o litoral em pelo menos dois pontos. Tardiamente, parece que se espalharam por vários vales, influenciando no Rio Grande do Sul portadores da outra grande tradição (Humaitá), que adotaram as pontas de flecha<sup>63</sup>.

Prous ainda chama atenção para o fato de que, em relação à matéria-prima, os portadores da tradição Umbu davam preferência às rochas frágeis que proporcionavam uma melhor extração de lascas e permitiam a utilização de retoques por pressão, o que possibilitava melhor acabamento para seus artefatos.

Claudia Inês Parellada também caracteriza os caçadores - coletores da Tradição Umbu.

---

63 PROUS, André. Arqueologia **Brasileira**. Brasília-DF: Editora UNB, 1992. p. 149.

Outra tradição relacionada a caçadores-coletores e a **Umbu**, que agrupa sítios pré-cerâmicos caracterizados, principalmente, pela presença de grande quantidade de pontas de projéteis (KERN, 1981; SCHMITZ, 1984). Os assentamentos Umbu foram tanto em abrigos, sempre que os mesmos estivessem naturalmente disponíveis, como a céu aberto, existindo sítios multifuncionais, com reocupação relativamente freqüente, sendo alguns somente estações de caça (SCHMITZ, 1991).

Os artefatos líticos típicos seriam pontas de projétil pedunculadas, triangulares, foliáceas, de formas e dimensões variadas, raspadores, furadores e percutores, podendo ainda aparecer talhadores e grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões (SCHMITZ, 1984). Discussões bastante consistentes sobre os sistemas de assentamento, estilos tecnológicos, e possíveis modelos de mobilidade dos grupos Umbu podem ser observados em De Blasis (1988, 1996) e Dias (2003).

Os sítios Umbu geralmente estão localizados próximos a arroios, rios, banhados ou lagoas, e, mais raramente, junto ao mar. No Paraná já foram registrados nos vales dos rios Ribeira, Iguaçu, Tibagi, Ivaí, Itararé, Paranapanema, na Serra do Mar e no litoral<sup>64</sup>.

Existe outra tradição arqueológica ligada às populações de caçadores - coletores do Brasil meridional, a tradição Humaitá, mas esta não foi diagnosticada na bacia do rio das Cinzas. Ao contrário da tradição Humaitá, a tradição Umbu quase não possui artefatos pesados confeccionados através de blocos.

Os objetos pesados são raros ou ausentes: *chopping tools*, lâminas de machado (raríssimas) e bolas de boleadeiras com sulco equatorial (presentes em metade dos sítios da fase Rio Pardinho), alisadores, trituradores para corante (assinalados exclusivamente na fase Umbu) com vestígios de pigmento vermelho<sup>65</sup>.

Além das tradições arqueológicas atribuídas a grupos de caçadores - coletores, existem outras duas tradições arqueológicas que estão relacionadas a grupos indígenas que habitaram o Sul do Brasil em um

---

64 PARELLADA, C.I. Estudo **arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná São Paulo**. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo-SP: USP, 2005.. p. 33.

65 PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília-DF: Editora UNB, 1992. p. 153.

período mais recente, praticavam a agricultura e confeccionavam objetos de cerâmica, a Tradição Tupiguarani e a Tradição Itararé.

No ano de 1968, Igor Chmyz, em seu artigo "*Notas Sobre A Arqueologia do Vale Do Rio Itararé*", definiu uma fase cerâmica denominada Itararé.

Entre os sítios com evidências cerâmicas, destacamos um grupo mais ou menos com a mesma área de dispersão que os da fase Andirá: são sítios pertencentes a FASE ITARARÉ. O conjunto cerâmico desta fase difere completamente do de tradição Guaraní.

A cerâmica Itararé é simples, havendo um pequeno grupo com engobo vermelho nas faces. De uma maneira geral, as peças são de pequeno tamanho e as formas pouco variadas. Do estudo realizado no vale do rio Paranapanema, em sítios da fase Itararé, foram obtidas 12 formas básicas de recipientes, algumas com bases planas.

Nos sítios da fase Itararé a cerâmica é pouco numerosa, sendo o material lítico mais numeroso. Existe muita semelhança entre o material lítico da fase Andirá e o da fase Itararé. Como matéria-prima foi utilizado o sílex, diabase e arenito fritado. Ocorrem muitos núcleos e lascas com evidências de uso. Aparecem alguns raspadores elaborados sobre núcleos de grandes dimensões, com formato alongado ou circular<sup>66</sup>.

A então nova fase havia sido constatada no Nordeste do Estado do Paraná, entre as confluências dos rios Itararé e Paranapanema, próxima a divisa com o Estado de São Paulo. Em 1968, Chmyz publicou "*Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná*". Baseado nas características da cerâmica encontrada na região próxima ao rio Itararé e em outras partes do Estado do Paraná ele propôs a definição da Tradição Itararé.

André Prous afirma que esta tradição ocupa uma região elevada (sempre mais de 600 metros de altitude, por vezes mais de 1.100 metros) e

---

<sup>66</sup> CHMYZ, I. et al. Notas sobre a arqueologia do Vale do Rio Itararé. **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba-PR, 1968, 1:7-24. p. 16.

fria, com ocorrência de geadas no inverno. Prous ainda caracteriza a cerâmica pertencente à Tradição Itararé.

A cerâmica Itararé se caracteriza pela raridade da decoração, que nunca atinge 10% dos cacos, e raramente 5%. É uma cerâmica simples que utiliza um antiplástico de areia com quartzo e grãos de hematita de tamanho e quantidade por vezes tão grandes que chegam a prejudicar a qualidade das paredes, que tendem a se desagregar. A quase totalidade dos cacos evidencia uma queima redutora. Os recipientes são pequenos (quase todos têm entre 12 e 20 centímetros de diâmetro maior), com paredes finas (de três até 11 milímetros, e em certas regiões sempre menos de sete); as formas, pouco numerosas, são simples e geralmente mais altas do que largas; existem vasos cônicos, hemisféricos, quase cilíndricos, com base arredondada. A cor das paredes vai de tijolo a cinza, geralmente escura, quase preta. A queima é boa e a forma dos cacos sugere que os potes eram normalmente modelados, não roletados.

Quando existe decoração, esta parece restrita às partes superiores de vasos particularmente pequenos (menos de 14 centímetros de diâmetro), sendo exclusivamente plástica. O unglado domina amplamente (41% dos decorados na maior coleção, reunida pelo Pe. Rohr), havendo vários tipos incisos, ponteados, e impressões de cestaria. A presença de engobo vermelho é assinalada muito raramente, em um ou outro caco<sup>67</sup>.

Claudia Inês Parellada, em seu artigo *Manifestações estéticas Kaingang e Xokleng no Paraná: a análise do acervo do Museu Paranaense*, traz novas informações referentes às características das cerâmicas da tradição Itararé que estão relacionadas aos ancestrais de índios Jê no Estado do Paraná.

A cerâmica relacionada aos ancestrais de índios Jê no Paraná caracteriza-se pelo pequeno volume e a espessura fina, com eventual engobo negro ou vermelho, e em alguns casos marcada com impressão de tecido ou malha, ou mesmo carimbada e incisa, na face externa dos vasilhames. O engobo é uma fina camada de pigmentos, aplicados posteriormente a manufatura do vasilhame, na superfície, antes, durante ou depois da queima, e que pode modificar a cor e aumentar a impermeabilização da peça<sup>68</sup>.

67 PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília-DF: Editora UNB, 1992. p.322.

68 PARELLADA, C.I. **Manifestações estéticas Kaingang e Xokleng no Paraná: a análise do acervo do Museu Paranaense**. Artigo editado no CD-ROM dos Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul. Porto Alegre-RS, 2007. p. 12.

Parellada ainda descreve a tecnologia empregada na confecção das vasilhas da tradição Itararé e o material lítico a ela associada.

A confecção dos vasilhames era feita pelas técnicas do modelado, paleteado e roletado. No modelado a argila era modelada com as mãos, como exemplo estão os cachimbos com forninho redondo e haste cerâmica recuperados no sítio arqueológico Estirão Comprido, em Prudentópolis, Paraná, e podia-se também usar porongos, frutos ocos, como moldes internos de pequenas vasilhas, Esses frutos eram queimados com a argila aderida na superfície, desaparecendo com as altas temperaturas, mas deixando impressões no interior das vasilhames. No paleteado confeccionava-se o vasilhame inicialmente através de um cone de argila apoiado em seixo arredondado de pedra, que era batido sucessivamente com uma paleta de madeira ou outro seixo, fazendo-se diferentes formas e tamanhos. A técnica usada para os vasilhames cônicos e para as tigelas era roletado, ou seja, através de roletes ou cordéis de argila, sucessivamente ligados e apoiados uns sobre os outros. Os artefatos em pedra eram polidos e/ou lascados, como os raspadores, plainas, lâminas de machado com formas petalóides e mais raramente semi-lunares, pilões e mãos de pilão, virotes em diabásio e outros. Os virotes são pontas de projétil com forma rombuda, para derrubar pinhas e abater pássaros<sup>69</sup>.

A segunda tradição ceramista também constatada na bacia do rio das Cinzas é a Tupiguarani<sup>70</sup>. André Prous dedicou um capítulo de seu livro *Arqueologia Brasileira* aos Tupiguarani, abordando diversos aspectos sobre esse grupo. Este autor afirma que a cerâmica é:

Elemento diagnóstico da cultura Tupiguarani, caracterizada pela presença de uma decoração policrômica com traços lineares sobre fundo engobado, a cerâmica foi basicamente utilizada para fabricar recipientes, mas também para outros tipos de instrumentos<sup>71</sup>.

---

69 PARELLADA, C.I. **Manifestações estéticas Kaingang e Xokleng no Paraná: a análise do acervo do Museu Paranaense**. Artigo editado no CD-ROM dos Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul. Porto Alegre-RS, 2007. p. 12.

70 Com a necessidade de classificar os achados arqueológicos brasileiros os pesquisadores do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), passaram a chamar os vestígios da família lingüística Tupi-guarani, de Tupiguarani sem hífen, para que se diferencia-se os achados arqueológicos dos grupos conhecidos etnologicamente.

71 PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília-DF: Editora UNB, 1992.p. 390.

Parellada afirma que, há cerca de 2.000 anos no território paranaense se constata a presença dos ceramistas da tradição Tupiguarani. Estes estão relacionados aos agricultores e ceramistas da família linguística Tupiguarani.

No Paraná ocorrem em quase todo território, aparecendo com maior frequência nos vales dos grandes rios: Paraná, Ivaí, Tibagi, e Iguaçu. Caracterizam-se basicamente pela cerâmica, com diferentes tipos decorativos, principalmente o corrugado, o corrugado-ungulado, o escovado e o pintado em linhas vermelhas e/ou pretas sobre engobo branco, entre vários outros.

Os artefatos líticos característicos são lâminas de machado lascadas ou polidas, tembetás, raspadores, unifaces, bifaces, polidores em canaleta e adornos peitorais polidos perfurados. São comuns os enterramentos em vasilhames cerâmicos, onde eram inseridos os objetos principais do morto, como lâminas de machado ou pequenas vasilhas<sup>72</sup>.

As pinturas rupestres também foram agrupadas em duas tradições estilísticas: tradição Geométrica e tradição Planalto. No Paraná, Parellada aponta que, a maioria das pinturas rupestres aparece junto a afloramentos do arenito Furnas nas regiões centro-leste e nordeste do Paraná.

A maioria das pinturas rupestres paranaenses aparece junto a afloramentos do arenito Furnas nas regiões centro-leste e nordeste do Paraná, nos vales dos rios Iapó e Tibagi, e seus afluentes. Também ocorrem junto ao alto rio Ribeira, nos vales dos rios das Cinzas, São Jorge, Jagaricatu e Itararé, e ainda na escarpa de São Luiz do Purunã, próximo à Ponta Grossa<sup>73</sup>.

As pinturas rupestres que ocorreram na bacia do rio das Cinzas foram classificadas nas duas tradições. Sobre a tradição Geométrica afirma Prous:

Apesar de mencionados por numerosos autores e de existirem algumas monografias descritivas de sítios (Rohr, Plaza, Aytai,

---

72 PARELLADA, C.I. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X**, Paraná São Paulo. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo-SP: USP, 2005. p. 48.

73 PARELLADA, C. I. . Arte rupestre no Paraná. **Revista Científica/FAP**. Curitiba-PR (Online), v. 4, p. 1-25, 2009. p. 4-5.

Caldarelli, Collet, Pereira Jr., Schmitz, Souza e Parnes, etc.), os sítios que agrupamentos provisoriamente formam um conjunto heterogêneo, cuja extensão vai desde o planalto catarinense no Sul até o Nordeste, descrevendo um arco de círculo para oeste, atravessando os estados do Paraná, São Paulo (onde há poucos sítios conhecidos), de Goiás e Mato Grosso (muito mais ricos). Caracteriza-se mais uma vez por gravuras geométricas inexistindo quase completamente representações figurativas. Provavelmente será preciso reconhecer pelo menos duas subdivisões: uma meridional e central (Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso) e outra, setentrional, que N. Guidon já chamou “tradição Itacoatiara” (Ceará, Paraíba, Talvez Goiás) <sup>74</sup>.

Sobre a tradição Planalto Prous salienta que foi definida a partir de uma centena de sítios espalhados no Planalto Central brasileiro.

Nós a definimos a partir de mais de uma centena de sítios espalhados no Planalto Central brasileiro desde sua fronteira, entre Paraná e São Paulo (rios Iapó e Tibagi) até o estado da Bahia, sendo que seu foco principal parece estar no centro de Minas Gerais. A quase totalidade dos sítios só apresenta grafismos pintados, geralmente em vermelho (mais raramente em preto ou amarelo, por vezes, em branco) <sup>75</sup>.

Sobre a caracterização das figuras afirma Prous:

As figuras mais destacadas são sempre zoomorfos monocromáticos, cuja frequência pode ser muito alta, sendo raramente inferior à dos sinais geométricos; aparecem antropomorfos, também monocromáticos, em pequena quantidade, a não ser quando muito esquematizados; neste caso, formam conjuntos de pequenas figuras filiformes, que parecem cercar os zoomorfos. Entre os animais, os quadrúpedes são os mais representados, particularmente os cervídeos (até dois terços dos zoomorfos em alguns grandes sítios, a totalidade em outros menores)<sup>76</sup>.

Com base nos dados revelados pelas pesquisas arqueológicas realizadas na bacia hidrográfica do rio das Cinzas apontados nessa pesquisa, fica evidente que não é conveniente metodologicamente abordar o processo de ocupação da região como tendo sido iniciado pelas “frentes pioneiras”.

---

74 PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília-DF: Editora UNB, 1992.p. 515.

75 PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília-DF: Editora UNB, 1992.p. 515.

76 PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília-DF: Editora UNB, 1992.p. 519.



Antes da chegada dos mineiros, paulistas, nordestinos, paranaenses (vindos dos Campos Gerais e da região de Curitiba), entre outros que se instalaram no Valuto, o vale do rio das Cinzas já havia sido ocupado por diversas populações, mesmo antes dos indígenas conhecidos etnograficamente. Portanto, ao tratar da chegada dessas populações pós-coloniais o termo melhor aplicado seria o de (re)ocupação.

“O Tchan vem contar o que a história  
não contou”.

Cal Adan / Paulinho Levi (É o Tchan)

### CAPÍTULO III

## BACIA DO RIO DAS CINZAS: VAZIO AGUDO? NÃO, ESTAVA CHEIO DE TUDO

Mesmo com o “esforço” de alguns historiadores que tentaram incluir as populações indígenas em suas pesquisas, o problema da ocupação da bacia do rio das Cinzas não foi solucionado. A metodologia aplicada e a resistência em trabalhar com fontes não escritas resultaram em uma abordagem etnocêntrica, que fez triunfar a ideia de que história é a trajetória de um povo que possui essa ferramenta de poder. No entanto, a memória indígena da bacia do rio das Cinzas, está lucida, e viva, mesmo que ofuscada pela memória coletiva construída a partir do didático discurso dominante. É possível perceber a presença dessas populações até mesmo na origem do nome dos municípios que pertencem ao sistema hidrográfico do rio das Cinzas, dos trinta e quatro que integram a bacia, dezessete possuem nome de origem indígena. (Tabela 5)

**Tabela 5 Municípios com nomes de variações indígenas.**

Municípios	Significado	Origem	Referência
Abatiá	Denominação do cabelo da espiga de milho	Tupi	<a href="http://biblioteca.ibge.gov.br">http://biblioteca.ibge.gov.br</a>
Andirá	Morcego	Tupi	<a href="http://biblioteca.ibge.gov.br">http://biblioteca.ibge.gov.br</a>
Arapoti	Campo florido	Tupi	<a href="http://biblioteca.ibge.gov.br">http://biblioteca.ibge.gov.br</a>
Barra do Jacaré	“îakaré” ou “yacaré” = do que olha torto, encurvado, aquele que vê pelos lados	Tupi	<a href="http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_jacare.html">http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_jacare.html</a>

Congonhinhas	Diminutivo de Congonha: sustenta/alimenta	de que que	Tupi	<a href="http://www.congonhas.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6488">http://www.congonhas.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6488</a>
Curiúva	Árvore da pinha, Pinheiro		Tupi	<a href="http://www.verbetes.com.br/def:29271">http://www.verbetes.com.br/def:29271</a>
Guapirama	Região onde começam os vales, cabeceira ou nascente		Tupi	<a href="http://www.viiieducacaofiscal.fazenda.pr.gov.br/modules/contenuto/contenuto.php?contenuto=18?contenuto=8">http://www.viiieducacaofiscal.fazenda.pr.gov.br/modules/contenuto/contenuto.php?contenuto=18?contenuto=8</a>
Ibaiti	Água da Pedra		Tupi	<a href="http://biblioteca.ibge.gov.br">http://biblioteca.ibge.gov.br</a>
Itambaracá	Pedra de águas correntes		Tupi	<a href="http://biblioteca.ibge.gov.br/">http://biblioteca.ibge.gov.br/</a>
Jaboti	O que é persistente		Tupi	<a href="http://chc.cienciahoje.uol.com.br/vida-longa-e-prospera/">http://chc.cienciahoje.uol.com.br/vida-longa-e-prospera/</a>
Jacarézinho	Diminutivo de Jacaré -"iakaré" ou "yacaré" = do que olha torto, encurvado, aquele que vê pelos lados		Tupi	<a href="http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_jacare.html">http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_jacare.html</a>
Jaguariaíva	Tyaguariahibá = Rio da onça braba		Tupi	<a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Jaguaria%C3%ADva#cite_note-6">http://pt.wikipedia.org/wiki/Jaguaria%C3%ADva#cite_note-6</a>
Japira	Mel, ira (Yapira)		Tupi	<a href="http://www.paty.posto7.com.br/palavrastupiguarani.htm">http://www.paty.posto7.com.br/palavrastupiguarani.htm</a>
Jundiá do Sul	Jundiá do Tupi Jundiá		Tupi	<a href="http://www.ferias.tur.br/informacoes/9295/jundi-ai-sp.html">http://www.ferias.tur.br/informacoes/9295/jundi-ai-sp.html</a>
Pirai do Sul	Pirahy = Rio do Peixe		Tupi	<a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Pira%C3%AD">http://pt.wikipedia.org/wiki/Pira%C3%AD</a>
Quatiguá	Katiguá = Espécie de árvore utilizada como colorante		Tupi	<a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Quatigu%C3%A1">http://pt.wikipedia.org/wiki/Quatigu%C3%A1</a>
Sapopema	Raiz que esquinada, que se projeta para fora, raiz chata		Tupi	<a href="http://www.citybrazil.com.br/pr/sapopema/historia-da-cidade">http://www.citybrazil.com.br/pr/sapopema/historia-da-cidade</a>

As referências sobre o contato dos colonizadores foram feitas de maneira que o indígena fosse visto apenas como elemento natural a ser

vencido no território que estava sendo (re)ocupado. Essa premissa dos conquistadores refletiu nos textos dos historiadores que escreveram sobre a região e não consideraram os índios como sujeitos históricos. Mas o fato é que essa ideia não passa de uma falácia da historiografia regional. Essas populações permaneceram nos seus antigos territórios e resistiram bravamente para proteger seus domínios e seu modo de vida.

Mesmo com a instalação de vilas ou cidades em localidades sem uma presença permanente dessas populações, essas terras faziam parte do seu nicho de recursos. Com a expansão territorial do novo sistema que estava sendo implementado na região, essas populações não deixaram de recorrer a esses nichos. No entanto, se as florestas tinham sido transformadas em cidades, ou em áreas de plantio e/ou pastagens, o ambiente continuou a ser explorado por essas populações. Kimiye Tommasino afirma que essa é uma característica dessas populações, que adaptaram seu modo de ser a uma nova situação histórica.

Por isso, também, a cidade se tornou a “floresta” do índio. Essa metáfora da cidade como floresta do passado contém um sentido antropológico profundo. Eu já afirmei, em outro lugar, que os Kaingang de hoje “caçam” e “coletam” nas cidades os recursos que obtinham, no passado, nas suas imensas florestas. Isto é da maior importância para compreendermos melhor a dinâmica cultural de uma sociedade no tempo, que se refere à preservação ethos culturais<sup>77</sup>.

Hoje, a presença de populações indígenas ainda é facilmente diagnosticada na região do rio das Cinzas. Existem duas Terras Indígenas

---

77 TOMMASINO, Kimiye. Algumas considerações acerca das exposições proferidas pelos representantes dos povos indígenas no simpósio “as cidades de e os povos indígenas: mitologias e visões”. In: MOTA, L. T.. (Org.). **As cidades e os povos indígenas: mitologias e visões**. Maringá-PR: Eduem, 2000. p. 41.

(TI), no território da bacia. A TI Laranjinha, situada no município de Santa Amélia, e a TI Pinhalzinho no município de Tomazina. (Figura 3).

Figura 3 - Terras Indígenas na Bacia do rio das Cinzas.

## Terras Indígenas na Bacia do Rio das Cinzas

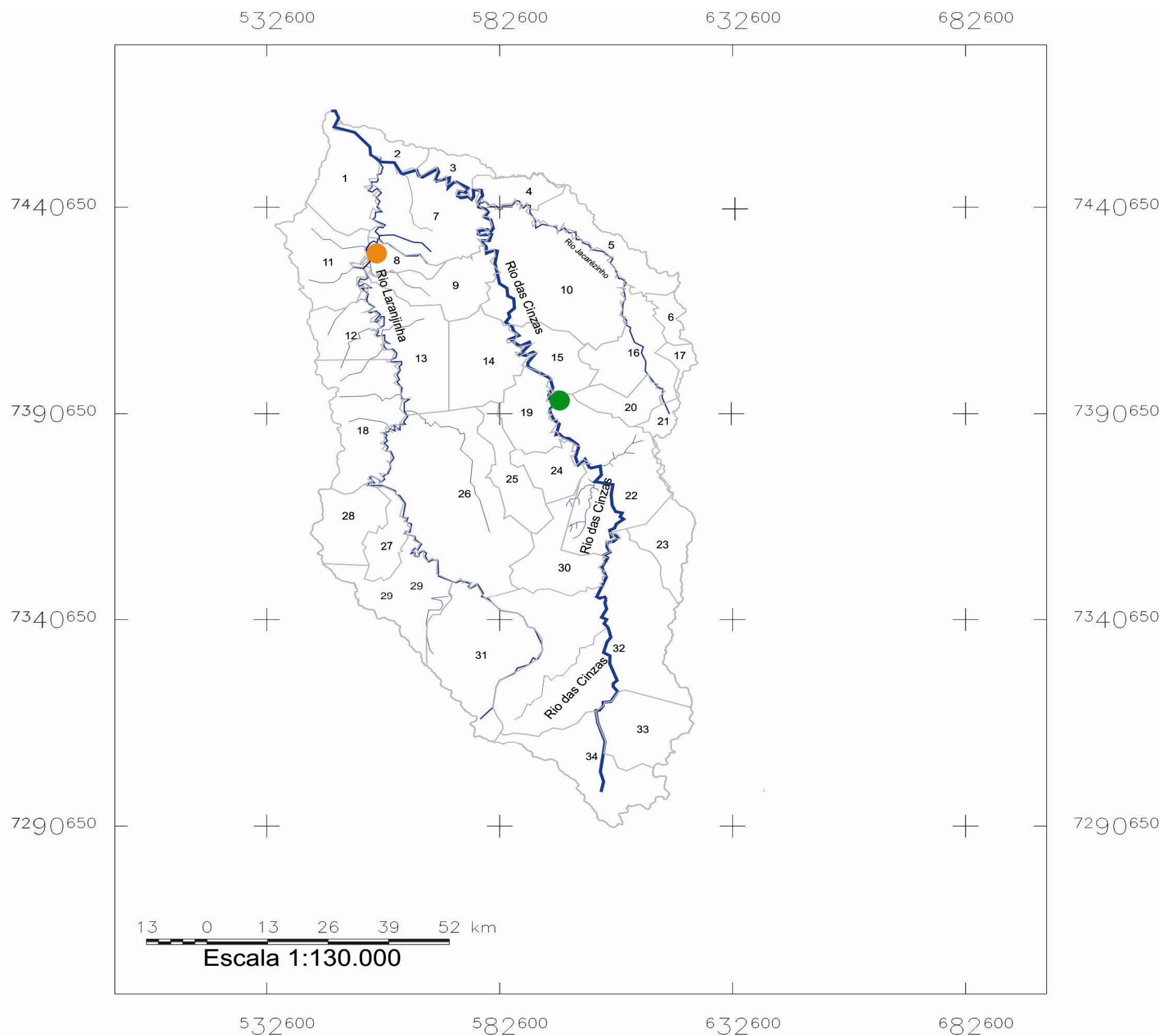
### Municípios:

- 1 - Santa Mariana
- 2 - Itambaracá
- 3 - Andirá
- 4 - Barra do Jacaré
- 5 - Jacarézinho
- 6 - Ribeirão Claro
- 7 - Bandeirantes
- 8 - Santa Amélia
- 9 - Abatiá
- 10 - Santo Antônio da Platina
- 11 - Cornélio Procopio
- 12 - Nova Fátima
- 13 - Ribeirão do Pinhal
- 14 - Jundiá do Sul
- 15 - Guapirama
- 16 - Joaquim Távora
- 17 - Carlópolis
- 18 - Congoninhas
- 19 - Conselheiro Mairinck
- 20 - Quatiguá
- 21 - Siqueira Campos
- 22 - Tomazina
- 23 - Wenceslau Braz
- 24 - Jaboti
- 25 - Japira
- 26 - Ibaiti
- 27 - Figueira
- 28 - Sapopema
- 29 - Curiúva
- 30 - Pinhalão
- 31 - Ventania
- 32 - Arapoti
- 33 - Jaguariaíva
- 34 - Piraí do Sul

### Convenções

- Terra indígena Pinhalzinho
- Terra indígena Laranjinha

 Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História Universidade Estadual de Maringá		
Denominação: Terras indígenas na Bacia do Rio das Cinzas	Data: Junho de 2012	Fonte: ITCS. Mapa de Limites Municipais 2010.
Autores: Aluizio A. Carsten, Marcelo L. Chicati.		



No século XX, populações indígenas permaneceram na bacia do rio das Cinzas, seja nos aldeamentos oficiais delimitados pelo poder estatal ou dispersos em busca de recursos. Mesmo com um território definido os indígenas continuam resistindo em seus antigos domínios. Circulavam (e ainda circulam), nos arredores de suas terras, comercializando produtos e aproveitando-se dos produtos e bens de consumo da sociedade envolvente. Essa presença é facilmente evidenciada em livros de memorialistas, na documentação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em relatos de etnólogos, antropólogos e em textos acadêmicos de diversas áreas. Na historiografia eles aparecem implicitamente, ou enquadrados na classificação de etno-história<sup>78</sup>.

Ainda no século XX, existem índios não aldeados na região da bacia do rio das Cinzas. Embora as Terras Indígenas oficiais seja destinada a índios Guarani, há notícias de grupos de Kaingang na região, estes mantinham-se entre os territórios Guarani e próximos de fazendas, o que gerava conflitos entre brancos e índios.

Tommasino em sua tese de doutorado referencia violentos conflitos na região do rio das Cinzas. Segundo a antropóloga, nos anos de 1911, 1913 e 1923 houve verdadeiras chacinas contra grupos Kaingang, aldeados próximos ao rio das Cinzas. O de 1911 foi conhecido como "O massacre de Santo Antônio da Platina" e ganhou repercussão nos jornais da época. A autora cita a notícia do jornal.

É gravíssima a situação dos índios cainguangues que habitam as florestas compreendidas entre os rios Laranjinha e Cinzas. Suas terras passaram a domínio particular, apesar da posse immemorial, como se fossem devolutas. Os felizes

---

78 No início do século XX, o etnólogo Curt Nimuendaju Unkel faz referências importantes sobre aldeamentos no rio das Cinzas. No livro *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva - Guarani*, Nimuendaju aponta que a aldeia de Itapeva, no rio das Cinzas é uma das mais antigas da região, e que ainda havia alguns outros índios que se separavam do bando e se reuniam perto da cidade de Jacarezinho.



proprietários querem a ferro e fogo esbulhar os silvícolas de seus legítimos domínios<sup>79</sup>.

Os conflitos de fazendeiros com indígenas, sobretudo Kaingang não são novidades no século XX, com a chegada dos colonizadores em meados do século XIX, houve contato frequente entre essa população invasora e as populações indígenas que ocupavam a região. São deste século as Colônias Indígenas criadas pelo governo do Império, e no Paraná, as Colônias Indígenas não serviram só como estratégia de branco para inserir o índio ao novo sistema que estava sendo implantado, mas também foram utilizadas pelas populações indígenas como fonte de recursos e de segurança<sup>80</sup>. Enquanto alguns grupos preferiam o contato com os aldeamentos para explorar os novos recursos disponibilizados pelos brancos, outros grupos preferiam o afastamento como estratégia. Dessa maneira todos os grupos indígenas estabeleceram uma forma de lidar com os "brancos" que chegavam em seus territórios.

É claro que o contato entre os conquistadores e indígenas aconteceu, e nem sempre de maneira pacífica. Para a região do rio das Cinzas existe o relato do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que percorreu o Paraná na primeira metade do século XIX. Ao penetrar na bacia do Cinzas, ele afirmou que a região era habitada por populações indígenas as quais o francês assim como seus contemporâneos chamavam de selvagens.

---

<sup>79</sup> TOMMASINO, Kimiye. **A História dos Kaingang da Bacia do Tibagi: Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento**. Tese de Doutorado. São Paulo. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1995, p. 124.

<sup>80</sup> Para saber mais sobre as Colônias Indígenas ver: MOTA, Lúcio Tadeu. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. 1ª. Ed. Curitiba-PR: Aos Quatro Ventos, 2000.

Dirigi-me para os lados do leste e atravessei o rio da Cinza; passando por trilhas pouco freqüentadas, eu me aproximei, tanto quanto possível, das terras habitadas pelos índios selvagens<sup>81</sup>.

Saint-Hilaire foi categórico ao afirmar que atravessou o rio das Cinzas, e que esse era o limite territorial entre a sociedade instalada nos Campos Gerais e as populações indígenas que resistiam no atual Norte Pioneiro do Paraná. Cabe ressaltar aqui, que Saint-Hilaire não percorreu todo o interior da bacia do rio, mas, conforme ele deixa claro, chegou tão perto quanto possível das terras habitadas pelos indígenas. O francês percorreu parte da bacia que começa a se formar ainda no território dos Campos Gerais. Ao visitar a fazenda Jaguariaíba, (localidade que deu origem ao hoje município de Jaguariaíva), Saint-Hilaire ouviu as queixas do proprietário, o coronel Luciano Carneiro, que tinha sofrido prejuízos causados pelos ataques dos índios. Dias antes da chegada do naturalista, alguns indígenas tinham sido vistos rondando a sede da fazenda.

O coronel queixou-se bastante da vizinhança dos paulistas. Como a população branca tivesse diminuído a partir de certa época, por razões que explicarei em breve, os selvagens se tinham voltado mais índios inimigos, que às vezes atacavam as propriedades audaciosos, e a seca de 1819, cujos tristes efeitos eles também experimentaram, contribuiu para aumentar a sua ousadia. Fazia pouco tempo eles tinham invadido os pastos do coronel, e mataram alguns cavalos e comeram a sua carne, coisa que jamais haviam feito até então. Poucos dias antes da minha chegada a Jaguariaíba eles tinham sido vistos rondando as vizinhanças da casa-sede. O coronel mandou buscar imediatamente alguns de seus soldados, para perseguí-los, e fazia poucas horas que eu havia chegado à fazenda quando vi apareceram oito homens a cavalo, bem armados e prontos para marchar contra o inimigo, no dia seguinte. Alguns deles já tinham tomado parte nessa espécie de caçada, e me deram algumas informações sobre a maneira como faziam. Procuravam com cuidado rastros dos índios, e quando os descobriam seguiam até que se chegasse a

---

81 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba-PR: Fundação Cultural, 1995. p. 43.

sua morada, caindo sobre eles de surpresa. Os homens empreendiam fuga sem se defender, tão logo ouviam os tiros de fuzil, e os atacantes se apoderavam das mulheres e das crianças. Como os índios, esperando vingar-se, habitualmente armavam emboscadas no caminho por onde os brancos passavam, estes faziam outro circuito para evitá-los em seu retorno<sup>82</sup>.

O relato do naturalista evidencia que os indígenas que ocupavam as adjacências da fazenda não se sentiam acuados pela presença dos colonizadores. A invasão da fazenda após a seca de 1819 demonstra que os índios continuam buscando os recursos dos seus antigos domínios. Outro fator importante a ser explorado é a atitude do coronel em relação ao fato dos índios rondarem as proximidades da fazenda. A “caçada” realizada pelos soldados do coronel é descrita como uma cena digna dos filmes estrelados por John Wayne nos faroestes estadunidenses. Mesmo que Saint-Hilaire tenha incrementado seu texto para dar maior ênfase ao fato, a atitude do coronel e de seus soldados não deve ter sido muito diferente do relatado. Porém, se mal interpretada, a narrativa pode colocar o índio como covarde, que foge sem se defender abandonando mulheres e crianças ao ouvirem os tiros de fuzil. Essa atitude, de fugir sem se defender, não pode ser interpretada como ato indigno. É uma tática de guerra. Ao empreenderem a retirada, os homens do grupo teriam tempo para se reorganizarem e realizarem as emboscadas, onde provavelmente teriam mais êxito do que quando pegos de surpresa pelos soldados. Afinal, quem em sã consciência enfrentaria com arcos e flechas os soldados armados de fuzis? Só o Rambo!

É preciso ter em mente que, mesmo com uma tecnologia superior os colonizadores também ficavam apavorados quando atacados pelos indígenas.

---

<sup>82</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba-PR: Fundação Cultural, 1995. p. 45.

Thomas P. Bigg-Wither escreve um relato impressionante sobre o ataque a fazenda Fortaleza, na bacia do rio Tibagi. Mesmo não tendo ocorrido na bacia do rio das Cinzas, mas nas suas proximidades, o relato do feitor da fazenda transcrito por Bigg-Wither é digno de ser citado, pois demonstra que o índio não estava apenas assistindo a invasão de seus territórios passivamente.

Um dia, o pai do atual dono – já tinha morrido o avô nessa ocasião – estava trabalhando com os escravos em uma das roças, acompanhado de seu pequeno filho Manuel, sem suspeitar perigo, quando de súbito os índios começaram a atacar da floresta. Fugir sem lutar era impossível, pois os índios os tinham cercado. Protegidos pelo mato, ele atiravam setas de todos os lados. O pequeno Manuel brincava num monte de espigas de milho, tiradas naquele dia, ignorando o risco que corria. Dado o primeiro alarme, o pai às pressas o escondeu sob as espigas frescas, dizendo-lhe que os índios ali estavam e que ele ficasse quieto, sem se mover, para ele poder sair lutando com os doze escravos que estavam consigo. Conseguiram chegar à Fortaleza com a perda de um ou dois dos seus. Reforçados com grande número de “negros”, voltaram a toda pressa para a roça, onde o pai nutria poucas esperanças de encontrar o filho. Os índios não apareceram e o pai, correndo ao lugar onde tinha escondido o filho, tirou, nervosamente, de sob o monte de espigas de milho, a criança sã e salva. Os índios não a descobriram, porque ela obedecera às determinações paternas, não se mexendo ou fazendo qualquer ruído que denunciasse a sua presença.

Naquela noite os índios atacaram a Fortaleza em grande número. Tão violento foi o ataque que os defensores não tiveram tempo de carregar as armas pelo processo moroso e habitual. Cada dois homens, portanto, faziam um montão de pólvora no chão, entre eles, e assim carregavam e atiravam com a maior rapidez possível. A luta prosseguiu durante toda a noite, por parte dos índios, com gritos demoníacos, setas incendiadas e, por parte dos defensores, como homens cujo destino estava nas próprias mãos<sup>83</sup>.

Esses conflitos não revelam só a presença dos índios, mas que esses enfrentamentos ocorreram seja pela guerra de conquista ou pela resistência

---

83 BIGG-WITHER, Thomas Plangente, 1845-1890. **Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos em suas florestas e campos**. Rio de Janeiro-RJ: José Olympio/Curitiba-PR: UFPR, 1974. p. 406.

indígena. Porém, Saint-Hilaire não estava preocupado somente com as relações belicosas estabelecidas entre as populações que habitavam a região. Seu aguçado olhar de naturalista captou e processou informações que recebeu sobre o modo de vida dos indígenas que habitavam o território da bacia do rio das Cinzas. O francês registra informações sobre arquitetura, agricultura e artesanato dos indígenas.

Os paulistas dão aos bugres vizinhos de Jaguariaíba o nome de Coroados porque, segundo dizem, esses selvagens costumam fazer no alto da cabeça uma pequena tonsura, que em português tem o nome de coroa. Segundo relatos unânimes dados pelas pessoas mais instruídas do lugar, esses índios constroem suas casas com paus cruzados, à maneira dos "Brasileiros – Portugueses", e as cobrem de folhas de bambu ou de palmeiras; mas não rebocam as paredes com barro, e fazem as casas extremamente compridas, de maneira que várias famílias podem morar numa mesma moradia. Esses selvagens, como os Guanhanãs, cultivam o feijão e o milho, e parece que não são totalmente estranhos a alguns tipos de indústria. Um dos soldados da milícia que tinham vindo à fazenda de Jaguariaíba para atacá-los, mostrou-me uma saia de uma mulher coroadada, feita de um tecido muito grosseiro, é bem verdade, mas extraordinariamente resistente. Uma índia coroadada, que havia sido aprisionada e que o coronel conservava em sua casa, me disse que para fazer aquele tipo de tecido era empregada a casca de um certo cipó, que se colocava inicialmente na água e depois se batia com pedaços de pau até se transformar em estopa; com esta eles faziam uma espécie de corda, enrolando-a sobre a coxa. Finalmente o tecido se fazia com os dedos, sem a ajuda de uma agulha ou de qualquer instrumento análogo<sup>84</sup>.

Os Coroados presentes no relato do naturalista são os atuais Kaingang, que tradicionalmente usavam um corte de cabelo que lembrava uma coroa. Com a identificação étnica feita, e mesmo não sendo o objetivo dessa pesquisa, já é possível estabelecer algumas considerações sobre esse povo, comparando as informações produzidas por esse viajante com a de outros cronistas que tiveram contato com essa população. Conforme foi relatado,

---

84 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba-PR: Fundação Cultural, 1995. p. 46.

suas casas eram construídas com paus cruzados e cobertas com folhas de bambu ou de palmeiras. A descrição dessas habitações é semelhante às feitas pelos Kaingang de outras regiões do Paraná, encontradas em Bigg-Wither (1974), Borba (1908), Botelho (1956) e Keller (1974), e reunidas de maneira sucinta no livro *Uri e Wãxi estudos interdisciplinares dos Kaingang* organizado por Lúcio Tadeu Mota, Francisco S. Noelli e Kimiye Tommasino<sup>85</sup>.

Mas o território ao norte de Jaguariaíba não foi habitado só pelos Kaingang. A índia aprisionada na fazenda do coronel Luciano Carneiro fica apavorada ao ver Firminiano (um índio que acompanha o naturalista). Seu medo tem uma razão: ela contou para Saint-Hilaire que, não muito longe de sua aldeia, existem outros índios, que seriam perversos e que frequentemente guerreavam com seu povo. A prisioneira ainda informa que esses índios tinham o costume de furar os lábios e as orelhas.

A índia coroadada do coronel Luciano Carneiro ficou terrivelmente assustada quando viu Firminiano, porque existiam – disse ela – não muito longe de sua tribo alguns índios muito perversos, que também tinham o costume de furar os lábios e as orelhas. É quase impossível que esses índios pertencessem à mesma nação dos legítimos Botocudos do Jequitinhonha e do rio Doce, mas nada impede que tenham sido irmãos desses índios que os paulistas encontraram, em 1845, no Guaíra, tendo dado a eles o nome de Botocudos, porque esses selvagens tinham no lábio inferior botoques de resina da mesma cor e aspecto do âmbar<sup>86</sup>.

Mesmo sendo inviável nesta pesquisa a tentativa de definir que etnia era essa que causou tanto terror na mulher Kaingang, fica evidenciado que há mais de uma etnia habitando a bacia do rio das Cinzas na metade do

---

85 No texto de SIMIEMA, J. Em que abrigos se alojarão eles? In: MOTA, L.T.; NOELLI, F.S.; TOMMASINO, K. (Org.). **Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingáng**. Londrina-PR: Eduel, 2000. p. 227-260. A autora traz informações sobre as habitações dos Kaingang a partir das narrativas de Afonso Botelho (1773), Franz Keller (1866), Bigg-Wither (1872) e Telêmaco Borba (1908).

86 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba-PR: Fundação Cultural, 1995. p. 47.

século XIX. A presença de povos indígenas na região provavelmente recua ao início desse século. Isso é evidenciado nos escritos de Saint-Hilaire quando esse afirma que os indígenas que habitavam próximos a Fazenda Juaguariaíba também sofreram os efeitos da seca de 1818.

Além dos Kaingang, chamados de Coroados, é possível apontar a presença de indígenas de língua Tupi. No livro *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva - Guarani* do etnólogo alemão Curt Nimuendaju Unkel (1883 – 1945), há referência de povos Guarani que, em um movimento religioso em busca pela “Terra sem Mal”, transitaram pela bacia do rio das Cinzas no início do século XIX. (Figura 4).

Pajés\*, inspirados por visões e sonhos, constituíram-se em profetas do fim iminente do mundo; juntaram à sua volta adeptos em maior ou menor número, e partiram em meio a danças rituais e cantos mágicos, em busca da “Terra sem Mal”; alguns a julgavam situada, conforme a tradição, no centro da terra, mas a maioria a punha no leste, além do mar. Somente deste modo esperavam poder escapar à perdição ameaçadora.

Os primeiros que abandonaram a sua pátria, migrando para leste (cf. Mapa, Fig. 1) foram os vizinhos meridionais dos Apapocúva: a horda dos Tañyguá, sob a liderança do pajé-chefe Ñanderyquyní, que era um temido feiticeiro\*. Subiram lentamente pela margem direita do Paraná, atravessando a região dos Apapocúva até chegar à dos Oguaiá, onde seu guia morreu. Seu sucessor, Ñanderuí, atravessou com a horda o Paraná – sem canoas, como conta a lenda -, pouco abaixo da foz do Ivahy, subindo então pela margem esquerda deste rio até a região de Villa Rica, onde, cruzando o Ivahy, passou-se para o Tibagy, que atravessou na região de Morros Agudos. Rumando sempre em direção ao leste, atravessou com seu grupo o rio das Cinzas e o Itararé até se deparar, finalmente, com os povoados de Paranaipitinga e Pescaria na cidade de Itapetininga, cujos primeiros colonos nada melhor souberam fazer que arrastar os recém-chegados para a escravidão. Eles, porém, conseguiram fugir, perseverando tenazmente em seu projeto original, não de volta para oeste, mas para o sul, em direção ao mar. Escondidos nos ermos das montanhas da Serra dos Itatins fixaram-se então, a fim de se prepararem

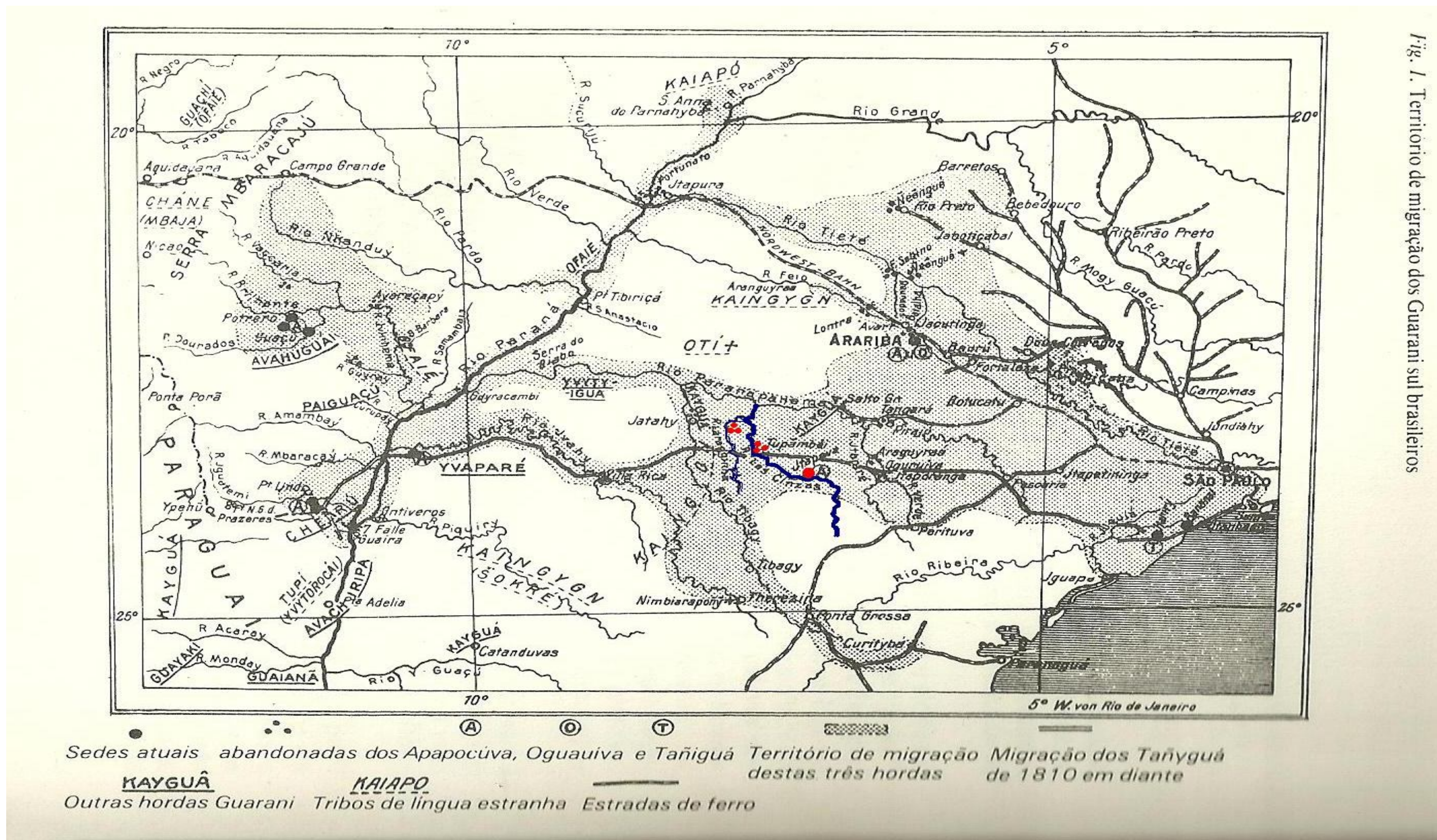
para a viagem milagrosa através do mar à terra onde não mais se morre<sup>87</sup>.

---

87 NIMUENDAJU, Curt Unkel. **As Lendas da Criação e Destruição do Mundo Como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani.** São Paulo-SP: Hucitec/Edusp. 1987. p. 8-9.



Figura 4 - Mapa elaborado por Curt Nimuendaju Unkel marcando a presença indígena no rio Laranjinha e rio das Cinzas<sup>88</sup>.



<sup>88</sup> Realcei para melhor visualização o rio Laranjinha e o rio das Cinzas na cor azul, e em vermelho, os aldeamentos presentes na bacia do rio das Cinzas, seguindo os símbolos já utilizados por Curt Nimuendaju. Fonte: NIMUENDAJU, Curt Unkel. *As Lendas da Criação e Destruição do Mundo Como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo-SP: Hucitec/Edusp. 1987



Com essa retrospectiva histórica fica evidente a presença de populações indígenas de pelo menos duas etnias no território da bacia do rio das Cinzas durante o século XIX, podendo ter atravessado também o século XVIII. Portanto, somente com os habituais documentos escritos já foi possível apontar a presença desses indígenas desde antes do momento da chegada dos migrantes mineiros e paulistas a região, que, já era habitada por populações indígenas. Não é possível constituir uma linearidade temporal que demonstre onde e quando exatamente estavam essas populações, mas o argumento que as terras eram vazias no momento da chegada dos fazendeiros mineiros e paulistas já não convence mais.

Com o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Paraná, é possível afirmar o território hoje denominado Paraná foi densamente povoado por populações indígenas conhecidas historicamente e anteriormente por populações de caçadores – coletores, desde cerca de 10 mil anos AP (Antes do Presente).

Segundo Lúcio Tadeu Mota<sup>89</sup>, a região compreendida no quadrilátero formado pelos rios Tibagi a leste, Paraná a oeste, Iguaçu ao Sul e Paranapanema ao norte é uma grande área de terras férteis cortadas por centenas de rios e riachos, rica em animais e árvores frutíferas e que se encontrava habitada por índios antes da chegada do branco europeu. A área da bacia do rio das Cinzas compreende a parte nordeste do quadrilátero. Nela, a presença indígena é marcada tanto pelos vestígios de sua indústria

---

<sup>89</sup> MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2ª Ed. Revisada e Ampliada. Maringá-PR: Eduem, 2009.

lítica e cerâmica como também, pelos vestígios de sua cultura religiosa (simb e através de restos mortais encontrados em enterramentos.

Claudia Inês Parellada realizou um balanço das datações com mais de seis mil anos AP<sup>90</sup> no Estado do Paraná. Elas revelam que o território hoje denominado Paraná foi povoado por populações de caçadores – coletores, desde cerca de 9.040±400 anos AP.

Entre 1995 e 2001, no vale do baixo Iguaçu, no sudeste paranaense, durante as pesquisas do resgate arqueológico da UHE Salto Caxias, em Boa Esperança do Iguaçu, foi datada a ocupação mais antiga do Paraná, publicada até o momento, em 9.040±400 anos BP (ANU 2001, método C14AMS; Parellada, 2005), proveniente do nível inferior do sítio Ouro Verde I, relacionado a grupos caçadores – coletores Umbu. Neste sítio caracterizaram-se cerca de 500 gravuras rupestres, em afloramentos e blocos soltos de basaltos e andesitos, predominando representações geométricas, com círculos concêntricos, raiados pontos enfileirados e grades (Parellada et AL., 1996), observar figura 1. Parte dessas gravuras pode estar relacionada ao nível inferior do sítio Ouro Verde I. Nesse sítio também ocorrem vestígios mais recentes de grupos ceramistas Itararé – Taquara, ancestrais de grupos indígenas do tronco lingüístico Jê, datados em cerca de 300 anos BP.<sup>91</sup>

Além de grupos de caçadores-coletores ligados ao povoamento original da América do Sul, o atual Estado do Paraná também foi (re)ocupado por populações agricultoras e ceramistas, como demonstra Parellada.

Há cerca de 4.000 anos atrás, com o clima tornando-se mais quente e úmido, as florestas de araucária já em expansão, e as áreas de campos e estepes diminuindo, aparecem os primeiros vestígios de horticultores e ceramistas em território atualmente compreendido pelo Estado do Paraná, os da tradição Itararé-Taquara; e há dois mil anos atrás já se tem assentamentos Tupiguarani<sup>92</sup>.

---

90 Antes do presente é antes de 1950, em decorrência da descoberta da datação radiocarbônica, em 1949, pelo químico Willard Libby, a qual permitiu os arqueólogos determinar a idade dos vestígios.

91 PARELLADA, C. I. . Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. **FUMDHAMentos**. Piauí-PI, v. 7, p. 117-135, 2008.

92 PARELLADA, C.I. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X**, Paraná **São Paulo**. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo-SP: USP, 2005. p. 37.

Na área que compreende essa pesquisa, ainda são poucas as datações, porém elas já permitem indicar onde, quando e que tradições arqueológicas habitaram o território da bacia do rio das Cinzas<sup>93</sup>. As datações foram organizadas em ordem decrescente, da mais antiga até a mais recente, utilizando-se das informações da publicação anteriormente citada, a conversão de AP para aC ou dC, também foi elaborada e publicada pelos autores do trabalho já mencionado. (Tabela 6).

**Tabela 6 – Sítios arqueológicos datados na bacia do rio das Cinzas** <sup>94</sup>

Datações	Tradição Arqueológica	Nome do sítio	Município	Referência bibliográfica
9630±40 AP ou 7680±40 aC (C-14)	Umbu	PRWB 16	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
9190±60 AP ou 7240±60 aC (C-14)	Umbu	PRSA 14	Sapopema	CHMYZ, I. 2008.
7170±60 AP ou 5220±60 aC (C-14)	Umbu	PRWB 16	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
1343±90 AP ou 707±90 dC (TL)	Tupiguarani	PRWB 2	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
837±60 AP ou 1113±60 dC (TL)	Itararé	PRSA 6	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
777±50 AP ou 1173±50 dC (TL)	Tupiguarani	PRRP 11	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
735±50 AP ou 1215±50 dC (TL)	Itararé	PRSA 8	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
732±48 AP ou 1218±48 dC (TL)	Tupiguarani	PRWB 15 C	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
706±47 AP ou 1224±47 dC (TL)	Itararé	PRWB 1	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
698±46 AP ou 1252±46 dC (TL)	Tupiguarani	PRWB 15 A	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.

<sup>93</sup> Todas as datações da Tabela 4 abaixo se encontram em: CHMYZ, I.; SGANZELA, E. M.; VULCOV, J.E.; BORA, E.; CECCON. R.S. Arqueologia da Área da LT 750 KV Ivaiporã – Itaberá III, Paraná – São Paulo. In: **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. (Número especial), UFPR, Curitiba-PR, v. 5, p. 1-305, 2008.

<sup>94</sup> As datações foram obtidas por dois métodos: **termoluminescência (TL), que foi realizado pelo** Lacivid/USP. E as pelo método do Carbono 14 (C-14), obtido no Smithsonian Institution, através da colaboração da arqueóloga Dr<sup>a</sup> Betty J. Meggers. Para saber mais ver: CHMYZ, I.; SGANZELA, E. M.; VULCOV, J.E.; BORA, E.; CECCON. R.S., 2008.

654±43 AP ou 1296±43 dC (TL)	Itararé	PRWB 5	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
649±45 AP ou 1310±45 dC (TL)	Tupiguarani	PRRP 12	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
626±40 AP ou 1324±40 dC (TL)	Tupiguarani	PRWB 7	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
623±45 AP ou 1327±45 dC (TL)	Tupiguarani	PRSA 5	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
570±46 AP ou 1380±46 dC (TL)	Tupiguarani	PRSA 9 A	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
560±60 AP ou 1390±60 dC (TL)	Itararé	PRRP 10	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
531±40 AP ou 1419±40 dC (TL)	Tupiguarani	PRSA 1	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
504±40 AP ou 1446±40 dC (TL)	Itararé	PRWB 16	Arapoti	CHMYZ, I. 2008.
504±40 AP ou 1446±40 dC (TL)	Itararé	PRSA 2	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
464±35 AP ou 1486±35 dC (TL)	Tupiguarani	PRSA 9 B	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
440±5 AP ou 1510±5 dC (TL)	Tupiguarani	PRSA 57	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.
337±25 AP ou 1613±25 dC (TL)	Tupiguarani	PRSA 7	Curiúva	CHMYZ, I. 2008.

Entre os grupos de agricultores as datações não revelam a ordem de ocupação, uma vez que foram datadas amostras de alguns sítios, portanto pode haver sítios que alcancem datações mais recuadas para grupos agricultores e ceramistas que habitaram a bacia do rio das Cinzas, porém ainda não foram apontados pelas pesquisas.

As três datações mais recentes pertencem à Tradição Tupiguarani. A mais recente foi constatada no sítio Camargo – 3 (PRSA 7), localizado no município de Curiúva, e atesta a presença desses indígenas no século XVII da era cristã, e datando 337±25 anos AP.

No século marcado pela chegada dos europeus ao Brasil apenas um sítio foi datado. Também no município de Curiúva, o sítio Córrego Jacutinga (PRSA 57), evidenciou materiais líticos lascados e cerâmicos relacionado à

Tradição Tupiguarani. A datação foi de  $440\pm 5$  anos AP, que situa-se no início do século XVI.

As datações que indicam a presença indígena durante o século XV foram constatadas nos sítios: Ribeirão Barra Grande – 1 (PRSA 9) com  $464\pm 35$  anos AP, pertencente a Tradição Tupiguarani. Bairro do Felisberto (PRSA 2) pertencente a Tradição Itararé foi datado em  $504\pm 40$  anos AP. O sítio (PRWB 16) que teve sua primeira ocupação por caçadores-coletores relacionados a Tradição Umbu, foi reocupado pelos portadores da Tradição Itararé o sítio Abrigo-sob-rocha Tunas (PRWB 16), a reocupação do sítio indicou presença Itararé em  $504\pm 40$  anos AP. O sítio Ribeirão Água Grande (PRSA 1) registrou a presença da tradição Tupiguarani em cerca de  $531\pm 40$  anos AP.

Para o século XIV, obteve-se 5 datações, somente um desses sítios, o (PRRP 10): Rio Alecrim – 1 foi atribuído a Tradição Itararé, com data de  $560\pm 60$  anos AP. Com  $570\pm 46$  anos AP o sítio Ribeirão Barra Grande – 1 (PRSA 9) registrou a presença da Tradição Tupiguarani. A mesma Tradição foi registrada no Sítio Camargo – 1 (PRSA 5) datado em  $623\pm 45$  anos AP. No (PRWB 7) Rio das Cinzas – 2 a datação foi efetuada e indicou a presença Tupiguarani em  $626\pm 40$  anos AP. A data mais recuada para o século XIV, foi no sítio (PRRP 12) Bairro do Rio do Engano – 2 onde foi datado  $649\pm 45$  anos AP.

O sítio Rio do Café 2 (PRWB 5) datado em  $654\pm 43$  anos AP, ou  $1296\pm 43$  anos d C, nele foi constatado a presença da Tradição Itararé, que deixou sua presença registrada próxima à passagem entre os séculos XIII e XIV. Outra datação aponta a presença de índios portadores da Tradição Tupiguarani em

meados do século XIII, datando  $698 \pm 46$  anos AP, o sítio Ribeirão do Veado - 3 (PRWB15) atesta em sua concentração A, a presença indígena aproximadamente no ano de 1252 anos d C. No sítio Rio Laranjinha (PRWB 1), a data chegou em  $706 \pm 47$  anos AP, ou  $1224 \pm 47$  d C, período em que foi habitado pelos portadores da Tradição Itararé. Na concentração C do sítio Ribeirão do Veado - 3 (PRWB 15) a Tradição Tupiguarani foi datada em  $732 \pm 48$  anos AP, equivalente ao ano 1218 d. C. No início do século XIII, por volta de  $1215 \pm 50$  d C, a Tradição Itararé deixou vestígios de sua ocupação datada em  $735 \pm 50$  anos AP.

O século XII, também foi marcado pela presença de duas tradições arqueológicas associadas a grupos de agricultores. A Tradição Tupiguarani datada em  $777 \pm 50$  anos AP no sítio Bairro Rio do Engano (PRRP 11) marca a segunda metade do século XII. Os portadores da Tradição Itararé também estiveram presentes no território da bacia do rio das Cinzas, com datação de  $837 \pm 60$  anos AP.

A data mais recuada para a presença grupos agricultores na bacia do rio das Cinzas está ligada a indígenas ceramistas da Tradição Tupiguarani que alcançam  $1343 \pm 90$  anos AP ou 707 d C. No entanto, como demonstrei no capítulo anterior, a bacia do rio das Cinzas não foi ocupada originalmente por grupos indígenas conhecidos pela história, isto é, que permanecem até o presente na região como os Guarani.

A ocupação da região foi realizada por populações de caçadores - coletores relacionadas à Tradição Umbu. Três sítios pesquisados na área foram datados pelo método do C-14, e a presença mais recente desses grupos apontada nessa pesquisa ocorreu por volta de  $7170 \pm 60$  anos AP ou

5220 anos a C. No município de Sapopema a Tradição Umbu obteve 9190±60 anos AP, equivalente há 7240 anos a C. Também é da bacia do rio das Cinzas a datação mais antiga do Estado do Paraná publicada até a conclusão dessa pesquisa. Com aproximadamente 9.630 anos AP, efetuada no município de Arapoti o sítio Abrigo-sob-rocha Tunas (PRWB 16).

O abrigo PR WB 16 foi inicialmente datado pelo método de Termoluminescência (TL) no Lacidiv/USP, com amostras do Corte I: entre 65 e 75 cm de profundidade, obteve-se 3400 ± 300 AP, entre 85 e 95 cm; 8993 ± 800 AP, entre 95 e 105cm; 29055 ± 2700 AP entre 105 e 115 cm; correspondente ao início da ocupação 13072 ± 1100 AP. Devido a discrepância existente, novas escavações foram realizadas no local e duas amostras do Corte 4 foram datadas pelo método do Carbono – 14. A referente ao nível de 65 a 75 cm alcançou 7170 ± 60 AP ou 5220 a.C. (BETA – 210871) E, ao de 135 a 145 cm, 9630 ± 40 AP ou 7680 a.C. (BETA – 210872). A última profundidade refere-se ao início da ocupação no espaço do corte<sup>95</sup>.

As pesquisas arqueológicas revelaram que a região da Bacia do rio das Cinzas foi sucessivamente ocupada por diversas populações. Antes da convivência e do contato com populações provenientes da Europa, África e Ásia, essa região foi reocupada por populações indígenas de diferentes etnias que praticavam agricultura e que geralmente estão associadas ao uso da tecnologia cerâmica. No entanto, antes da chegada desses grupos indígenas essa região já havia sido ocupada por populações de caçadores-coletores ligados ao povoamento das Américas. Não é possível elaborar grandes hipóteses sobre contatos interétnicos ou dissertar sobre os complexos modos de vida por eles adotados. Os dados arqueológicos disponíveis pelas pesquisas até o presente estão limitadas às áreas impactadas por

---

95 CHMYZ, I.; SGANZELA, E. M.; VULCOV, J.E.; BORA, E.; CECCON. R.S. Arqueologia da Área da LT 750 KV Ivaiporã – Itaberá III, Paraná – São Paulo. In: **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. (Número especial), UFPR, Curitiba-PR, v. 5, p. 1-305, 2008.p. 241.



empreendimentos onde são realizadas ações preventivas e medidas de arqueologia de resgate que visam proteger o patrimônio arqueológico conforme prevê a lei 3.924 de 16 de julho de 1961.

Por falta de pesquisas sistemáticas que procurem revisar as informações fornecidas pelo registro arqueológico, e pela pouca extensão territorial investigada, ainda há muito que pesquisar sobre os processos de ocupação e reocupação da bacia hidrográfica do rio das Cinzas por populações indígenas que já alcançam um recuo de aproximadamente 10.000 anos.

Como demonstrei nesse capítulo, a inserção dos dados arqueológicos possibilitam rever alguns aspectos da história regional. Nos locais prospectados na bacia do rio das Cinzas foi diagnosticada uma densa ocupação, realizada por diferentes grupos e por populações portadoras de tecnologias diferenciadas. A distribuição dos sítios arqueológicos foi demarcada e suas ocorrências podem ser visualizadas de acordo com a classificação atribuída por cada pesquisador ao sítio por ele pesquisado. (Figura 5 – Apêndice II).

## CONCLUSÃO

Os autores que mencionaram ou pesquisaram o processo de ocupação do chamado Norte Pioneiro do Paraná abordaram o tema a partir de uma perspectiva historiográfica que considera apenas a história da região, especialmente a partir da passagem de tropeiros e de latifundiários pela região do Valuto em meados do século XIX. Ou seja, a partir do momento em que insere o modo de produção capitalista, desconsiderando os povos sem escrita e seu modo de vida. Portanto, todos os autores que assuntaram a história da região não abordaram o processo de ocupação do Norte Pioneiro, mas a sua (re)ocupação por populações não indígenas.

Nenhum deles se preocupou com as populações que anteriormente havia ocupado e mesmo reocupado essa região. Com essa perspectiva, tais autores construíram e/ou reafirmaram um discurso dominante que omitiu ou desqualificou a presença indígena no Norte Pioneiro do Paraná, construindo dessa forma, a ideologia que criou o mito do vazio demográfico.

Ideologia essa que se utilizou de termos como: "terras devolutas", "sertão", "região desabitada", "região desocupada", "terras abandonadas", "selváticas", "sertão bravo", "vazias", e "prontas a serem ocupadas". Esses termos foram amplamente reproduzidos pela historiografia regional, que produziu uma história equivocada sobre o Norte pioneiro do Estado do Paraná, ignorando os dados arqueológicos e históricos que já registravam a presença de populações indígenas no vale do rio das Cinzas.

Sendo assim o povoamento da bacia do rio das Cinzas supostamente ocorreu de forma pacífica, sem lutas ou resistência, já que segundo esses

historiadores que compactuaram com a ideia do vazio demográfico, tais populações não existiram.

Embora as pesquisas arqueológicas na bacia do rio das Cinzas ainda não permitam estabelecer um modelo real de ocupação do seu espaço, elas já possibilitam: romper com a ideia consolidada de que a região do Valuto era desocupada e estava pronta a ser povoada, por populações não indígenas do próprio Paraná (Província ou Estado) ou vindas de outras regiões do Brasil.

Mesmo que a historiografia consolidada tenha repetido exaustivamente que a região estava vazia, os resultados desta pesquisa apontam que na região da bacia do rio das Cinzas já foram cadastrados 270 sítios arqueológicos que constam no CNSA, podendo esse número ser ultrapassado com novas pesquisas ou com sítios ainda não registrados. Nesses sítios foram encontrados desde vestígios líticos até restos de sepultamentos que atestam que a área foi densamente ocupada. A maioria dos achados não foi relacionada a nenhuma tradição, os quais somam 161 sítios arqueológicos. Os sítios ligados à tradição Tupiguarani chegam a 63; seguidos de conjuntos de vestígios Itararé-Taquará que contabilizam 32; os sítios ligados à tradição Umbu somam 13. Todos esses números podem se alterar com uma análise mais criteriosa dos sítios pesquisados. Além disso, devemos lembrar que cada sítio pode apresentar mais de uma tradição sobreposta sobre a outra, já que algumas reocuparam terrenos ocupados anteriormente por grupos distintos.

As pesquisas arqueológicas contribuem para marcar a presença e fazer emergir a história dessas populações. Mas, por serem na maioria, resultados

de pesquisas restritas a espaços que são impactados com a instalação de empreendimentos, esses dados ainda não revelam aspectos particulares dessas populações. Por conta da metodologia de campo ser ocasionalmente condicionada às necessidades impostas pelo empreendimento, o arqueólogo realiza ações de resgate arqueológico que visam proteger e valorizar o patrimônio, minimizando os impactos causados aos sítios e possibilitando trabalhos como este, realizados a partir dos dados fornecidos por essas pesquisas.

Na figura 5 (apêndice 2), é visível que os sítios arqueológicos estão quase sempre agrupados, e/ou alinhados, de acordo com a delimitação espacial dos trabalhos oriundos da chamada arqueologia de resgate. Essa abordagem gera dados quantitativos que permitem a visualização de sítios que atestam a presença de grupos indígenas. No entanto, pelas pesquisas estarem sempre vinculadas a empreendimentos, os espaços investigados e o tempo de pesquisa não favorecem a reflexões instantâneas acerca de tais informações, porém, alguns pesquisadores fazem reflexões póstumas ao trabalho de campo e aos primeiros resultados, continuando a investigar dados fornecidos por pesquisas antigas e que acabam por estabelecer hipóteses sobre organização e sobre as relações sociais vividas por essas populações, e trazidas à tona através de sua cultura material. Mas enquanto essas reflexões não forem construídas é difícil elaborar um texto mais detalhado, que interconecte dados produzidos por diferentes pesquisadores, com diferentes metodologias. Sem maiores informações, seria leviano apresentar uma narrativa sobre o processo de ocupação da bacia do rio das Cinzas.

No entanto, os resultados obtidos apontam que a inserção dessas populações na história regional recuam a aproximadamente 10 mil anos de história, que, ainda precisam ser investigadas e problematizadas, e dessa forma, abrem novas possibilidades de pesquisas.

Outras metodologias também permitem demonstrar a presença indígena na bacia do rio das Cinzas, tais como fontes escritas que abordam memórias coletivas, como os trabalhos de memorialistas, todavia, essa pesquisa primou pela utilização de dados arqueológicos.

Essa reflexão procura mostrar aos historiadores, que se dedicam a trabalhar com história regional, que a utilização dos dados arqueológicos e antropológicos poderá ampliar o entendimento da história da ocupação do vale do rio das Cinzas, e de que ela não será mais só a narrativa da saga dos colonizadores.

Assim, essa dissertação cumpre seus objetivos que eram: (a) demonstrar a exaustiva repetição e propagação da ideia do vazio demográfico pela historiografia regional; (b) levantar e reunir os dados fornecidos pelas pesquisas arqueológicas na bacia do rio das Cinzas; (c) estabelecer diálogo transdisciplinar entre ciências distintas para um entendimento maior sobre a ocupação da bacia do rio das Cinzas; (d) demonstrar a presença de populações indígenas na região em diferentes temporalidades, contrariando assim a historiografia tradicional que a ocultou, desconstruindo assim o mito do vazio demográfico.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, A. G. M. **A tradição cerâmica Itararé-Taquara**: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia* (Belém), v. 20, p. 9-38, 2007.
- BAHN, Paul. **Manual do blefador**: tudo que você precisa saber sobre arqueologia para nunca passar vergonha. Rio de Janeiro-RJ: Editora Ediouro, 1993.
- BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba-PR: GRAFIPAR, 1969.
- BIGG-WITHER, Thomas Plangente, 1845-1890. **Novo caminho no Brasil meridional**: a província do Paraná, três anos em suas florestas e campos. Rio de Janeiro-RJ: José Olympio/Curitiba-PR: UFPR, 1974.
- BINFORD, Lewis R. A tradução do registro arqueológico. In: **Em busca do passado**. Mira – Sintra: Europa – América, 1991.
- BORBA, Telêmaco. **Actualidade Indígena**. Curitiba, Typ. e Lith. a vapor Impressora Paranaense, 1908.
- BOTELHO, Afonso. **Anais da Biblioteca Nacional**. V. 76. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1956.
- CABRAL, Diogo de Carvalho. A bacia hidrográfica como unidade de análise em história ambiental. In: **Revista de História Regional**. Ponta Grossa-PR: Editora UEPG, 1996.
- CAMBIAGHI, S. M. O Povoamento do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. V. 2. Londrina: Humanidades, 2007.
- CANCIAN, Nadir. **Conjuntura Econômica da Madeira no Norte do Paraná**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Curitiba: UFPR, 1974.
- CARSTEN, A.A.; MOTA, L.T. **Relatório de Pibic - Organização e regularização do acervo arqueológico do senhor José Aluizio Carsten da cidade de Tomazina**. Maringá-PR: UEM/CNPq, 2008.
- CARSTEN, A.A.; MOTA, L.T. **Relatório Pibic - Cadastramento e georeferenciamento de sítios arqueológicos na Bacia do rio das Cinzas no Norte do Paraná**. Maringá-PR: UEM/CNPq 2009.
- CHILDE, V. Gordon. **A Evolução Cultural do Homem**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores, 1964.
- CHMYZ, I. et al. Notas sobre a arqueologia do Vale do Rio Itararé. **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba-PR, 1968, 1:7-24.
- CHMYZ, I. Pré-história do Paraná. In: **Historia do Paraná. Idéias em Debate**. Curitiba-PR: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, v 5, 1986.
- CHMYZ, I.; SGANZELA, E. M.; VULCOV, J.E.; BORA, E.; CECCON. R.S. Arqueologia da Área da LT 750 KV Ivaiporã – Itaberá III, Paraná – São Paulo.

In: **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. (Número especial), UFPR, Curitiba-PR, v. 5, p. 1-305, 2008.

CURTY, Marlene G.; CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. **Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses (NBR 14724/2002)**. 2ª ed. Maringá: Dental Press Editora, 2006.

DIAS, A. S. Novas Perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas Belém-PA. v. 2, p. 59-76, 2007.

FARIA, Alice do Amaral. **Alma da Terra Cambará: Portal de Ouro do Norte Pioneiro**. Curitiba-PR: Opta Gráfica e Editora, 2001.

FEBVRE, Lucien. **A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história**. Lisboa: Edições Cosmos, 1991.

GOTTARDI NETO. A. Análise cerâmica do projeto Cavernas de Morro Azul. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo-SP, v. 5, p.63-75, 1995.

HODDER, I; ORTON, C. **ANÁLISIS ESPACIAL EN ARQUEOLOGÍA**. Editora Crítica, Barcelona 1990.

IBGE. **Manual Técnico da vegetação Brasileira (Manuais Técnicos de Geociências nº.1)**. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Derna, 1992.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Leituras Regionais: Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense**. Curitiba-PR: IPARDES: BRDE, 2004.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social **O Paraná: economia e sociedade**. Curitiba-PR, 1981.

IPHAN. Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do>> Acesso em: 13 jun 2011.

KELLER, Franz. Noções sobre os indígenas da Província do Paraná. In: LOVATO, Leda. Contribuição de Franz Keller à Etnografia do Paraná. **Boletim do Museu do Índio, Antropologia**, v.1, p. 3-44. Rio de Janeiro, 1974.

LUZ, Américo Machado Da. Norte Pioneiro: um pouco de sua história. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba-PR, V. XVIII, 1973.

MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba-PR: BADEP/UFPR/IBPT, 1968.

MARSON, Elzio dos Reis. **No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política integracionista no Paraná (1920-1975)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Assis-SP, 2005.

- MOTA, Lúcio Tadeu. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. 1ª. Ed. Curitiba-PR: Aos Quatro Ventos, 2000.
- MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2ª Ed. Revisada e Ampliada. Maringá-PR: Eduem, 2009.
- MÜLLER, N. L. Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. V. 2. Londrina: Humanidades, 2007.
- MUSSALAM, René. **Norte Pioneiro do Paraná: formação e crescimento através dos censos**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Curitiba-PR: UFPR, 1974.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Ocupação do território, população e migrações**. Curitiba-PR: SEED, 2001.
- NEVES, W.; PILÓ, Luis Beethoven. **O povo de Luzia**. 1ª Ed.. São Paulo-SP: Editora Globo, 2008.
- NIMUENDAJU, Curt Unkel. **As Lendas da Criação e Destruição do Mundo Como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo-SP: Hucitec/Edusp. 1987.
- NOELLI, F. S. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872 – 2000. **Revista USP**. São Paulo-SP, v. 44, 2, p. 218-269, dez/fev. 1999-2000.
- OLIVEIRA, J. A. **História da arqueologia paranaense: um balanço da produção arqueológica no Estado do Paraná no período de 1876-2001**. Dissertação (Mestrado) – Programa associado de pós-graduação em História UEM/UEL. Maringá-PR, UEM, 2002.
- PAPAVERO, N.; SANTOS, C. F. M.. Nos bastidores da teoria da evolução: Wallace e Darwin. In: SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. (Org.). **História das Idéias: Viajantes, Naturalistas e Ciências na Modernidade**. 1ª Ed. Maringá-PR: Eduem, 2010.
- PARELLADA, C. I. . Arte rupestre no Paraná. **Revista Científica/FAP**. Curitiba-PR (Online), v. 4, p. 1-25, 2009.
- PARELLADA, C. I. . Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. **FUMDHAMentos**. Piauí-PI, v. 7, p. 117-135, 2008.
- PARELLADA, C.I. As pinturas rupestres em Morro Azul/Ventania-PR. In: **REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA**. Boletim de Resumos. João Pessoa-PR: Editora Universitária/UFPB, 1993.
- PARELLADA, C.I. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná São Paulo**. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo-SP: USP, 2005.



- PARELLADA, C.I. **Manifestações estéticas Kaingang e Xokleng no Paraná: a análise do acervo do Museu Paranaense.** Artigo editado no CD-ROM dos Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul. Porto Alegre-RS, 2007.
- PELLINI, J. R. Georeferenciamento de Sítios Arqueológicos na região Centro Oeste do Brasil. Resultados Preliminares.. In: **XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira.** Florianópolis.-SC, 2007.
- PERARO, Maria Adenir. **Estudo do Povoamento, Crescimento e Composição da População do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970.** Dissertação (Mestrado) – Departamento de História. Curitiba-PR: UFPR, 1978.
- PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasília-DF: Editora UNB, 1992.
- REIS, J. A. **Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto Meridional.** 1. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2002.
- REIS, J. A. **“Não pensa muito que dói” - um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira.** Tese de Doutorado. Campinas. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.2003.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela comarca de Curitiba.** Curitiba-PR: Fundação Cultural, 1995.
- SANCHES, Luciano Arantes. **Tomazina: Cidade das Belezas Naturais.** Tomazina-PR: Editora Espaço da Sophia, 2009.
- SCHNAPP, Alain. A Arqueologia. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). **História: Novas Abordagens.** 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Livraria Francisco Alves Editora S. A. 1986.
- SIMIEMA, J. Em que abrigos se alojarão eles? In: MOTA, L.T.; NOELLI, F.S.; TOMMASINO, K. (Org.). **Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang.** Londrina-PR: Eduel, 2000.
- SOUZA, J. G. **A cerâmica de Tradição Itararé-Taquara (RS/SC/PR) e a difusão das línguas Jê meridionais: uma reanálise dos dados.** Porto Alegre: UFRGS, 2009 (Monografia).
- SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro – Norte Velho, Siqueira Campos no cenário do Norte do Paraná.** Curitiba-PR: Imprensa Oficial, 2007.
- STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950.** Londrina-PR, Eduem, 2001.
- SUDERHSA (Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental). Disponível em: <<http://www.suderhsa.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38>> Acesso em 1 mar 2009.
- TOMAZI, N.D. Construções e Silêncios Sobre a (Re)ocupação da Região Norte do Estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José

Henrique Rollo (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná**. 1ª Ed. Maringá-PR: Eduem, 2007.

TOMMASINO, Kimiye. **A História dos Kaingang da Bacia do Tibagi: Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento**. Tese de Doutorado. São Paulo. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1995.

TOMMASINO, Kimiye. Algumas considerações acerca das exposições proferidas pelos representantes dos povos indígenas no simpósio "as cidades de e os povos indígenas: mitologias e visões". In: MOTA, L. T.. (Org.). **As cidades e os povos indígenas: mitologias e visões**. Maringá-PR: Eduem, 2000.

TRIGGER, B.G. **Além da história: os métodos da pré-história**. São Paulo-SP: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1973.

WACHOWICZ, R. C. Frentes Pioneiras. In: **Historia do Paraná**. Idéias em Debate. Curitiba-PR: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, v 5, 1986.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. 9ª Ed. Curitiba-PR: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba-PR: Gráfica Vicentina, 1987.

WOLF, E. R. **A Europa e os Povos sem História**. São Paulo-SP: Edusp, 2005.

## APÊNDICES

Apêndice I: Tabela 2 – Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio das Cinzas

	Municípios	Nº do CNSA	Outras designações	Nome do Sítio	Vestígios	Tradições Arqueológicas	Responsável pelo registro	Data do registro
1	Andirá	PR00005	PR – JA - 037	Corredeira das Três Ilhas	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	10/06/1985
2	Andirá	PR00785	PR – JA - 075	Ribeirão das Antas 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	22/09/1985
3	Andirá	PR00786	PR – JA – 076	Ribeirão das Antas 2	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	23/09/1997
4	Andirá	PR00787	PR – JA – 077	Ribeirão das Antas 3	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	24/09/1997
5	Andirá	PR00788	PR – JA – 078	Ribeirão das Antas 4	Lítico lascado	Não atribuída	Igor Chmyz	25/09/1997
6	Andirá	PR00789	PR – JA – 079	Ribeirão Pimenteira 3	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	27/09/1997
7	Andirá	PR00793	PR – JA – 083	Ribeirão Pimenteira 4	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	01/10/1997
8	Andirá	PR00826	PR – JA – 038	Barragem UHE Canoas II	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	11/12/1992
9	Andirá	PR00844	PR – JA – 056	Barreiro da Capivara 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	11/05/1994
10	Andirá	PR00845	PR – JA – 057	Barreiro do Capivara 2	Lítico lascado	Não atribuída	Igor Chmyz	11/05/1994
11	Andirá	PR00846	PR – JA – 058	Córrego da Raposa 2	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	13/05/1994
12	Andirá	PR00847	PR – JA – 059	Córrego da Raposa 3	Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	13/05/1994
13	Andirá	PR00849	PR – JA – 061	Duas Lagoas	Lítico lascado	Não atribuída	Igor Chmyz	17/05/1994
14	Andirá	PR00851	PR – JA – 063	Ribeirão Pimenteira 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	15/07/1994

15	Andirá	PR00852	PR - JA - 064	Ribeirão Pimenteira 2	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	16/07/1994
16	Andirá	PR00857	PR - JA - 069	Córrego Jacutinga	Lítico lascado	Não atribuída	Igor Chmyz	15/05/1994
17	Arapoti	PR01109	Não	PR.AR.INP.001 - Santa Cruz	Sítio Histórico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
18	Arapoti	PR01110	Não	PR.AR.INP.002 - Ponte Velha	Lítico lascado	Pré-cerâmico	Miguel Gaissler	22/08/2010
19	Arapoti	PR01111	Não	PR.AR.INP.003 - Casa de Pedra	Lítico lascado	Não atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
20	Arapoti	PR01112	Não	PR.AR.INP.004 - Arroinho	Não	Não atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
21	Arapoti	PR01113	Não	PR.AR.INP.005 - Campinão	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
22	Arapoti	PR01114	Não	PR.AR.INP.006 - Oliveira Cavernoso	Lítico lascado	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
23	Arapoti	PR01115	Não	PR.AR.INP.007 - Paraíso I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
24	Arapoti	PR01116	Não	PR.AR.INP.010 - Ponte do Arrozal I	Cerâmico	Pré-cerâmico	Miguel Gaissler	22/08/2010
25	Arapoti	PR01117	Não	PR.AR.INP.011 - Menarim	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
26	Arapoti	PR01118	Não	PR.AR.INP.012 - Cerradinho do Anhaia I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
27	Arapoti	PR01119	Não	PR.AR.INP.013 - Casarão Velho	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
28	Arapoti	PR01120	Não	PR.AR.INP.015 - Lagoa Falsa	Lítico lascado	Pré-cerâmico	Miguel Gaissler	22/08/2010
29	Arapoti	PR01121	Não	PR.AR.INP.016 - Dois Irmãos	Lítico lascado	Pré-cerâmico	Miguel Gaissler	22/08/2010

30	Arapoti	PR01122	Não	PR.AR.INP.024 – Arrozal	Cerâmico	Pré-cerâmico *	Miguel Gaiessler	22/08/2010
31	Arapoti	PR01123	Não	PR.AR.INP.027 – Cavernoso I	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
32	Arapoti	PR01124	Não	PR.AR.INP.028 – Paraíso II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
33	Arapoti	PR01125	Não	PR.AR.INP.029 – Arrozal III	Cerâmico	Pré-cerâmico *	Miguel Gaiessler	22/08/2010
34	Arapoti	PR01126	Não	PR.AR.INP.030 – Sítio as Saída	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
35	Arapoti	PR01127	Não	PR.AR.INP.031 – da Saída I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
36	Arapoti	PR01128	Não	PR.AR.INP.032 – da Saída II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
37	Arapoti	PR01129	Não	PR.AR.INP.033 – da Saída III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
38	Arapoti	PR01130	Não	PR.AR.INP.034 – Defrente	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	22/08/2010
39	Arapoti	PR01131	Não	PR.AR.INP.035 – Defrente I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010
40	Arapoti	PR01132	Não	PR.AR.INP.036 – Defrente II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010
41	Arapoti	PR01133	Não	PR.AR.INP.037 – da Curva	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010
42	Arapoti	PR01134	Não	PR.AR.INP.038 – Sítio da Nascente	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010
43	Arapoti	PR01135	Não	PR.AR.INP.039 – Sítio Francatto	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010
44	Arapoti	PR01136	Não	PR.AR.INP.040 – Sítio Trapp	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010
45	Arapoti	PR01137	Não	PR.AR.INP.041 – Sítio Trapp I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaiessler	23/08/2010

46	Arapoti	PR01138	Não	PR.AR.INP.042 – Sítio Trapp II	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
47	Arapoti	PR01139	Não	PR.AR.INP.043 – Sítio Trapp III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
48	Arapoti	PR01140	Não	PR.AR.INP.044 – Sítio Trapp IV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
49	Arapoti	PR01141	Não	PR.AR.INP.045 – Sítio Kalipial do Céu	Lítico polido / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
50	Arapoti	PR01142	Não	PR.AR.INP.046 – Sítio do Homem Morto	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
51	Arapoti	PR01143	Não	PR.AR.INP.047 – Sítio do Mero	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
52	Arapoti	PR01144	Não	PR.AR.INP.048 – Sítio da Porteira	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
53	Arapoti	PR01145	Não	PR.AR.INP.049 – Sítio Jango	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
54	Arapoti	PR01146	Não	PR.AR.INP.050 – Sítio Jango I	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	23/08/2010
55	Arapoti	PR01147	Não	PR.AR.INP.051 – Retão do Peixe	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
56	Arapoti	PR01148	Não	PR.AR.INP.052 – Retão do Peixe I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	24/08/2010
57	Arapoti	PR01149	Não	PR.AR.INP.053 – Retão do Peixe II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	24/08/2010
58	Arapoti	PR01150	Não	PR.AR.INP.054 – Retão do Peixe III	Lítico polido / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
59	Arapoti	PR01151	Não	PR.AR.INP.055 – Passador do Peixe	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010

60	Arapoti	PR01152	Não	PR.AR.INP.056 – Passador do Peixe I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
61	Arapoti	PR01153	Não	PR.AR.INP.057 – Guaranã	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
62	Arapoti	PR01154	Não	PR.AR.INP.058 – Buraco do Céu	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
63	Arapoti	PR01155	Não	PR.AR.INP.059 – Estaleiro	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
64	Arapoti	PR01156	Não	PR.AR.INP.060 – Torre I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
65	Arapoti	PR01157	Não	PR.AR.INP.061 – Torre II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
66	Arapoti	PR01158	Não	PR.AR.INP.062 – Torre III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
67	Arapoti	PR01159	Não	PR.AR.INP.063 – Torre IV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
68	Arapoti	PR01160	Não	PR.AR.INP.064 – Torre V	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
69	Arapoti	PR01161	Não	PR.AR.INP.065 – Torre VI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	25/08/2010
70	Arapoti	PR01162	Não	PR.AR.INP.066 – Campinão I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
71	Arapoti	PR01163	Não	PR.AR.INP.067 – Campinão II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
72	Arapoti	PR01164	Não	PR.AR.INP.068 – Campinão III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
73	Arapoti	PR01165	Não	PR.AR.INP.069 – Campinão IV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
74	Arapoti	PR01166	Não	PR.AR.INP.070 – Campinão V	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
75	Arapoti	PR01167	Não	PR.AR.INP.071 – Campinão VI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010



76	Arapoti	PR01168	Não	PR.AR.INP.073 – Paraíso IV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	26/08/2010
77	Arapoti	PR01169	Não	PR.AR.INP.074 – Paraíso V	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	27/08/2010
78	Arapoti	PR01170	Não	PR.AR.INP.075 – Paraíso VI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	27/08/2010
79	Arapoti	PR01171	Não	PR.AR.INP.076 – Paraíso VII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	27/08/2010
80	Arapoti	PR01172	Não	PR.AR.INP.077 – Paraíso VIII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	27/08/2010
81	Arapoti	PR01173	Não	PR.AR.INP.078 – Paraíso IX	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	28/08/2010
82	Arapoti	PR01174	Não	PR.AR.INP.083 – Portão do Peixe	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	29/08/2010
83	Arapoti	PR01175	Não	PR.AR.INP.084 – Jararaca do Rabo Branco	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	29/08/2010
84	Arapoti	PR01176	Não	PR.AR.INP.085 – Jararaca do Rabo Branco I	Lítico lascado	Não Atribuída	Miguel Gaissler	29/08/2010
85	Arapoti	PR01177	Não	PR.AR.INP.086 – Formigão	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	30/08/2010
86	Arapoti	PR01178	Não	PR.AR.INP.087 – Perna Quebrada	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	30/08/2010
87	Arapoti	PR01179	Não	PR.AR.INP.115 – Barra Mansa VIII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
88	Arapoti	PR01180	Não	PR.AR.INP.116 – Barra Mansa IX	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
89	Arapoti	PR01181	Não	PR.AR.INP.117 – Barra Mansa X	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
90	Arapoti	PR01182	Não	PR.AR.INP.118 – Barra Mansa XI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010

91	Arapoti	PR01183	Não	PR.AR.INP.119 – Barra Mansa XII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
92	Arapoti	PR01184	Não	PR.AR.INP.120 – Barra Mansa XIII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
93	Arapoti	PR01185	Não	PR.AR.INP.121 – Barra Mansa XIV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
94	Arapoti	PR01186	Não	PR.AR.INP.122 – Barra Mansa XV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
95	Arapoti	PR01187	Não	PR.AR.INP.123 – Barra Mansa XVI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
96	Arapoti	PR01188	Não	PR.AR.INP.124 – Barra Mansa XVII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
97	Arapoti	PR01189	Não	PR.AR.INP.125 – Barra Mansa XVIII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
98	Arapoti	PR01190	Não	PR.AR.INP.126 – Barra Mansa XIX	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
99	Arapoti	PR01191	Não	PR.AR.INP.127 – Barra Mansa XX	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
100	Arapoti	PR01192	Não	PR.AR.INP.127 – Barra Mansa XXI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
101	Arapoti	PR01196	Não	PR.AR.INP.090 – Subidão	Lítico lascado	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010
102	Arapoti	PR01197	Não	PR.AR.INP.091 – Arrozal II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010

103	Arapoti	PR01198	Não	PR.AR.INP.092 – Arrozal IV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010
104	Arapoti	PR01199	Não	PR.AR.INP.093 – Floresta Negra	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010
105	Arapoti	PR01200	Não	PR.AR.INP.095 – Monte Lindo	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
106	Arapoti	PR01201	Não	PR.AR.INP.096 – Lagoa Seca	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
107	Arapoti	PR01202	Não	PR.AR.INP.097 – Pedreira	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
108	Arapoti	PR01203	Não	PR.AR.INP.098 – Trevo	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
109	Arapoti	PR01204	Não	PR.AR.INP.099 – Aldeia	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
110	Arapoti	PR01205	Não	PR.AR.INP.100 – Machado Polido	Lítico lascado	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
111	Arapoti	PR01206	Não	PR. AR. INP. 101 – Arrozal V	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	02/09/2010
112	Arapoti	PR01207	Não	PR.AR.INP.102 – Arrozal VI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	03/09/2010
113	Arapoti	PR01208	Não	PR.AR.INP.103 – Arrozal VII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	03/09/2010
114	Arapoti	PR01209	Não	PR.AR.INP.104 – Carnaval	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	03/09/2010
115	Arapoti	PR01210	Não	PR.AR.INP.105 – Aldeia II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	03/09/2010
116	Arapoti	PR01211	Não	PR.AR.INP.106 – Portal do Caxambu	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	03/09/2010
117	Arapoti	PR01212	Não	PR.AR.INP.107 – Vista da Faz. B.V. Das Cinzas	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	03/09/2010

118	Arapoti	PR01214	Não	PR.AR.INP.079 - Bonanza	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
119	Arapoti	PR01215	Não	PR.AR.INP.080 - Bonanza I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
120	Arapoti	PR01216	Não	PR.AR.INP.081 - Bonanza II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
121	Arapoti	PR01217	Não	PR.AR.INP.082 - Bonanza III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
122	Arapoti	PR01218	Não	PR.AR.INP.088 - Dois Irmãos I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010
123	Arapoti	PR01219	Não	PR.AR.INP.089 - Portão do Matarazo	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010
124	Arapoti	PR01220	Não	PR.AR.INP.108 - Barra Mansa I	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
125	Arapoti	PR01221	Não	PR.AR.INP.109 - Barra Mansa II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
126	Arapoti	PR01222	Não	PR.AR.INP.110 - Barra Mansa III	Lítico polido / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
127	Arapoti	PR01223	Não	PR.AR.INP.111 - Barra Mansa IV	Lítico polido / Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
128	Arapoti	PR01224	Não	PR.AR.INP.112 - Barra Mansa V	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
129	Arapoti	PR01225	Não	PR.AR.INP.113 - Barra Mansa VI	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
130	Arapoti	PR01226	Não	PR.AR.INP.114 - Barra Mansa VII	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
131	Arapoti	PR01247	Não	PR.AR.INP.072 - Paraíso III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	27/08/2010
132	Arapoti	PR01248	Não	PR.AR.INP.094 - Serraria Velha	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	01/09/2010
133	Arapoti		Não	Fazenda Três Pinheiros 01 - A	Lítico lascado	Não Atribuída	Francisco Silva Noelli	2003

134	Arapoti		Não	Fazenda Três Pinheiros 01 - B	Lítico lascado	Não Atribuída	Francisco Silva Noelli	2003
135	Arapoti		PRWB1 N°C3545 e 3546	Rio Laranjinha	Lítico lascado	Itararé	Igor Chmyz	12/10/2001
136	Arapoti		PRWB3 N°C3548	Rio do Café - 1	Lítico lascado	Itararé	Igor Chmyz	14/10/2001
137	Arapoti		PRWB2 N°C3547	Água Caratuva - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	14/10/2001
138	Arapoti		PRWB5 N°C3553	Rio do Café - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	18/10/2001
139	Arapoti		PRWB6 N°C3554, 3555 e 3556	Rio do Café - 3	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	18/10/2001
140	Arapoti		PRWB7 N°C3557 e 3558	Rio das Cinzas	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	25/10/2001
141	Arapoti		PRWB8 N°C3559	Ribeirão do Veado - 1	Lítico lascado	Umbu	Igor Chmyz	26/10/2001
142	Arapoti		PRWB9 N°C3560	Ribeirão do Veado - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	26/10/2001
143	Arapoti		PRWB11 N°C3571	Água Caratuva - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	20/10/2001
144	Arapoti		PRWB13 N°C3615	Arroio do Vinho	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	24/10/2001
145	Arapoti		PRWB14 N°C3576	Abrigo-sob-rocha Rio do Café	Lítico lascado	Umbu	Igor Chmyz	13/10/2001
146	Arapoti		PRWB15 N°C3617, 3618 e 3619	Ribeirão do Veado - 3	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	05/02/2002
147	Arapoti		PRWB16 N°C3626 a 3644 e 4326 a 4354	Abrigo-sob-rocha Tunas	Lítico lascado e Cerâmico	Lítico: Umbu Cerâmico: Itararé	Igor Chmyz	14/02/2002
148	Arapoti		PRWB17 N°C3645	Ribeirão das Tunas	Lítico lascado	Umbu	Igor Chmyz	14/02/2002
149	Arapoti		PRWB18 N°C4372	Água Caratuva - 3	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	02/03/2005

150	Bandeirantes	PR00718	PR-RB-006	Chácara Regina	Cerâmico	Tupiguarani	João Carlos	30/04/1972
151	Carlópolis	PR00074	PR-CO-001 (PR-AN-016)	Corredeira das Ilhas 1	Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	14/02/1968
152	Carlópolis	PR00075	PR-AN-017	Morro Alto	Lítico	Não Atribuída	Igor Chmyz	17/02/1968
153	Carlópolis	PR00076	PR-AN-018	Boca do Verde	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	17/02/1968
154	Carlópolis	PR00077	PR-AN-019	Corredeira das Ilhas 2	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	18/02/1968
155	Carlópolis	PR00078	PR-AN-020	Praia de Areia	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	21/02/1968
156	Carlópolis	PR00079	PR-AN-021	Praia de Areia 2	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	30/12/1968
157	Carlópolis	PR00080	PR-AN-022	Praia de Areia 3	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	21/02/1968
158	Carlópolis	PR00081	PR-AN-023	Praia de Areia 4	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	21/02/1968
159	Carlópolis	PR00082	PR-AN-024	Água Suja	Lítico / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	21/02/1968
160	Carlópolis	PR00083	PR-AN-025	Colina do Pasto 1	Lítico / Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	24/02/1968
161	Carlópolis	PR00084	PR-AN-026	Colina do Pasto 2	Lítico	Não Atribuída	Igor Chmyz	24/02/1968
162	Carlópolis	PR00085	PR-AN-027	Segunda Corredeira	Lítico	Não Atribuída	Igor Chmyz	15/02/1968
163	Curiúva	PR01232	Não	PR.CUR.INP.017 - Caetê	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
164	Curiúva	PR01244	Não	PR.CUR.INP.139 - Torre II do Caetê	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
165	Curiúva	PR01240	Não	PR.CUR.INP.135 - Lasca Vermelha	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
166	Curiúva	PR01233	Não	PR.CUR.INP.018 - Caetê II	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
167	Curiúva	PR01234	Não	PR.CUR.INP.019 - Caetê III	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
168	Curiúva	PR01235	Não	PR.CUR.INP.022 - Caetê IV	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010

169	Curiúva	PR01236	Não	PR.CUR.INP.130 - Ponte do Caeté	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
170	Curiúva	PR01237	Não	PR.CUR.INP.131 - Águas do Meio	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
171	Curiúva	PR01238	Não	PR.CUR.INP.133 - das Araucárias	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
172	Curiúva	PR01239	Não	PR.CUR.INP.134 - Ombrófila do Caeté	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
173	Curiúva	PR01241	Não	PR. CUR. INP. 136	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
174	Curiúva	PR01242	Não	PR.CUR.INP.137 - Lagoa	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
175	Curiúva	PR01243	Não	PR.CUR.INP.138 - Fogão do Caeté	Cerâmico	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
176	Curiúva		PRSA8N°3655 a 3658 e3776 a 3783	Água da Cangaia	Lítico Lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	26/02/2002
177	Curiúva		PRSAN°C4569 a 4574	Bairro Xaxim - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	28/02/2006
178	Curiúva		PRSAN°C3715 a 3718	Rio do Café - 5	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	29/05/2002
179	Curiúva		PRSA10N°C4568	Bairro Xaxim - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	26/01/2006
180	Curiúva		PRSAN°C3653	Sítio Camargo - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	23/02/2002
181	Curiúva		PRSA4N°C3651	Córrego do Felisberto - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	22/02/2002
182	Curiúva		PRSA2N°C3647, 3648 e 3649	Bairro do Felisberto	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	18/02/2002

183	Curiúva		PRSA1N°C3646	Ribeirão Água Grande	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	15/02/2002
184	Curiúva		PRSA3N°C3650	Córrego do Felisberto - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	19/02/2002
185	Curiúva		PRSA5N°C3652	Sítio Camargo - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	22/02/2002
186	Curiúva		PRSA7N°C3654	Sítio Camargo - 3	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	25/02/2002
187	Curiúva		PRRP9N°C3539	Ribeirão Erveira	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	03/10/2001
188	Curiúva		PRSA9N°C3659 a 3663	Ribeirão Barra Grande - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	02/03/2002
189	Curiúva		PRRP10N°C3540	Rio Alecrim - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	04/10/2001
190	Curiúva		PRRP11N°C3541 e 3542	Bairro Rio do Engano - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	04/10/2001
191	Curiúva		PRSA11N°C3714	Córrego do Couro	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	25/05/2002
192	Curiúva		PRRP12N°C3543 e 3544	Bairro Rio do Engano - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	08/10/2001
193	Curiúva		PRRP13N°C3568	Rio Alecrim - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	04/10/2001
194	Curiúva		PRSA13N°C3719 a 3727	Córrego do Mato Bom - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	01/06/2002
195	Curiúva		PRRP14N°C3569	Rio Alecrim - 3	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	08/10/2001
196	Curiúva		PRSA15N°C3731	Ribeirão Barra Grande - 4	Lítico lascado / Cerâmico	Lítico: a ser definida	Igor Chmyz	05/06/2002
197	Curiúva		PRSA43N°C4581 a 4584	Bairro Xaxim - 3	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	05/02/2006
198	Curiúva		PRSA57N°C4355 a 4369	Córrego Jacutinga	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	05/03/2005
199	Curiúva		PRSA59N°C3804	Córrego do Felisberto - 3	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	26/08/2002



200	Curiúva		PRSA62N°C4585 a 4588	Bairro Xaxim - 3	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	06/02/2006
201	Itambaracá	PR00307	PR-JÁ-034 (PR26/66)	Porto Galvão - 7	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	01/03/1966
202	Itambaracá	PR00308	PR-JÁ -035 (PR27/66)	Porto Galvão - 8	Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	01/03/1966
203	Itambaracá	PR00309	PR-JÁ-036 (PR28/66)	Porto Galvão - 9	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	01/03/1966
204	Itambaracá	PR00310	PR30/66. Em 21/04/1982 recadastrado como PR-RP-001	Porto Galvão Segunda Corredeira - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz (1966 e 1982)	01/03/1966
205	Itambaracá	PR00311	PR-RP-002 (PR36/66)	Porto Galvão Corredeira - 7	Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	01/03/1966
206	Itambaracá	PR00775	PR-RP-007	Rio das Cinzas	Lítico polido / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	18/12/1992
207	Itambaracá	PR00776	PR-RP-008	Pontal do Cinzas	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	12/07/1994
208	Itambaracá	PR00827	PR-JÁ-039	Fazenda Alegria	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	18/01/1994
209	Itambaracá	PR00828	PR-JÁ-040	Água da Onça - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	20/01/1994
210	Itambaracá	PR00829	PR-JÁ-041	Taquaruçu	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	21/01/1994
211	Itambaracá	PR00830	PR-JÁ-042	Jatobá	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	24/01/1994
212	Itambaracá	PR00831	PR-JÁ-043	Pesqueiro - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	03/02/1994
213	Itambaracá	PR00832	PR-JÁ-044	Pesqueiro - 2	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	14/02/1994
214	Itambaracá	PR00833	PR-JÁ-045	Água da Onça - 2	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	10/01/1994
215	Itambaracá	PR00834	PR-JÁ-046	Pesqueiro - 3	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	26/04/1994
216	Itambaracá	PR00835	PR-JÁ-047	Corredeira Tira Couro	Lítico lascado	Não atribuída	Igor Chmyz	27/04/1994
217	Itambaracá	PR00836	PR-JÁ-048	Corredeira Pratão - 1	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	27/04/1994

218	Itambaracá	PR00837	PR-JÁ-049	Corredeira Pratao - 2	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	27/04/1994
219	Itambaracá	PR00838	PR-JÁ-050	Pedra Branca - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	30/12/1899
220	Itambaracá	PR00839	PR-JÁ-051	Pedra Branca - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	30/04/1994
221	Itambaracá	PR00840	PR-JÁ-052	Canalão - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	06/05/1994
222	Itambaracá	PR00841	PR-JÁ-053	Canalão - 2	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	06/05/1994
223	Itambaracá	PR00842	PR-JÁ-054	Porto Raul Marinho - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	06/05/1994
224	Itambaracá	PR00843	PR-JÁ-055	Córrego da Raposa - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	10/05/1994
225	Itambaracá	PR00848	PR-JÁ-060	Recanto da Paz	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	13/05/1994
226	Itambaracá	PR00856	PR-JÁ-068	Porto Raul Marinho - 2	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	06/08/1994
227	Itambaracá		Não	PR-JÁ-62 = Buracão	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	18 a 26/05/1994
228	Jacarezinho		Gruta dos Criminosos	Jacarezinho	Gravuras Rupestre	Não Atribuída	Erika Robrahn González	Fevereiro / Março de 1994
229	Jaguariaíva	PR01246	Não	PR.JA.INP.020 - Matarazo	Pintura Rupestre	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
230	Jaguariaíva	PR01230	Não	PR.AR.INP.025 - Faz. Das Almas	Pintura Rupestre	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
231	Jaguariaíva		Não	Torre 250 LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	21/08/2003
232	Jaguariaíva		Não	Torre 252 LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	21/08/2003

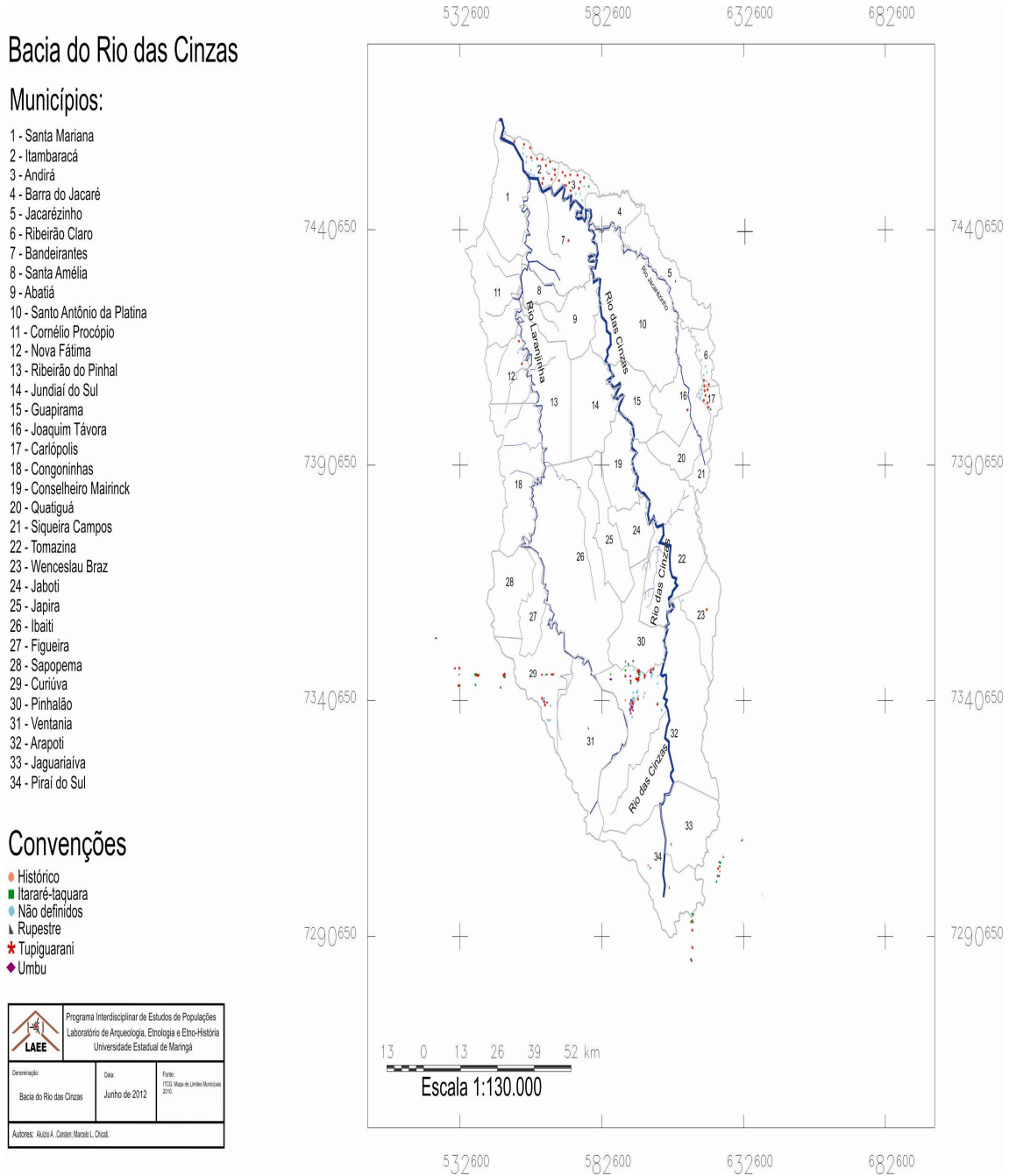
233	Jaguariaíva		Não	Torre 253 LT230KV BAT- JAG	Lítico lascado / Lítico polido / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	28/01/2003
234	Jaguariaíva		Não	Torre 254 LT230KV BAT- JAG	Cerâmico	Neobrasileira	Claudia Inês Parellada	28/01/2003
235	Jaguariaíva		Não	Torre 255 LT230KV BAT- JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Tupiguarani	Claudia Inês Parellada	28/01/2003
236	Jaguariaíva		Não	Torre 256 LT230KV BAT- JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	03/02/2003
237	Jaguariaíva		Não	Torre 259 LT230KV BAT- JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	03/02/2003
238	Jaguariaíva		Não	Torre 260 LT230KV BAT- JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	03/02/2003
239	Jaguariaíva		Não	Abrigo Butiá - 1	Pintura Rupestre	Geométrica	Claudia Inês Parellada	28/01/2003
240	Jaguariaíva		Vão entre torres 279 e 280 LT230KV BAT-JAG	Abrigo Jaguariaíva - 1	Lítico lascado / Cerâmico	Lítico: Umbu Lítico e cerâmico: Itararé / Pintura Rupestre: Planalto e Geométrica	Claudia Inês Parellada	23/08/2003
241	Joaquim Távora	PR00712	PR-JS-001	Rio Jacarezinho	Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	22/08/1965
242	Nova Fátima	PR00719	PR-RP-003	Ribeirão Corredeira Lisa - 1	Cerâmico	Tupiguarani	Vicente M. dos Santos	01/02/1968

243	Nova Fátima	PR00721	PR-RP-005	Ribeirão Corredeira Lisa - 3	Lítico lascado	Não Atribuída	Vicente M. dos Santos	01/02/1968
244	Nova Fátima	PR00720	PR-RP-004	Ribeirão Corredeira Lisa - 2	Cerâmico	Tupiguarani	Vicente M. dos Santos	01/02/1968
245	Pinhalão		PRWB4N°C3549 a 3552	Abrigo-sob- rocha do Serro	Lítico lascado / Pintura / Gravura	Umbu	Igor Chmyz	15/10/2001
246	Pinhalão		PRWB10N°C3570	Rio do Café - 4	Lítico lascado	Umbu	Igor Chmyz	19/10/2001
247	Pinhalão		PRWB12N°C3572	Rio do Café - 5	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Igor Chmyz	22/10/2001
248	Piraí do Sul	PR01231	Não	PR.AR.INP.014 - Caxambu	Construção histórica	Não Atribuída	Miguel Gaissler	22/08/2010
249	Piraí do Sul	PR01245	Não	Abrigo das Bromélias	Pintura Rupestre	Não Atribuída	Miguel Gaissler	06/09/2010
250	Piraí do Sul		Não	Torre 227LT230KV BAT-JAG	Cerâmico / Louça/ Vidro	Tupiguarani - Neobrasileira	Claudia Inês Parellada	05/01/2003
251	Piraí do Sul		Não	Torre 229LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado/ Lítico polido/Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	22/08/2003
252	Piraí do Sul		Não	Vão entre torres 233 e 234LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado/ Cerâmico	Tupiguarani	Claudia Inês Parellada	22/08/2003
253	Piraí do Sul		Não	Torre 240LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado/ Cerâmico/ Louça	Tupiguarani / Neobrasileira	Claudia Inês Parellada	26/01/2003
254	Piraí do Sul		Não	Torre 243LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado/ Cerâmico/ Louça	Tupiguarani / Neobrasileira	Claudia Inês Parellada	28/01/2003

255	Pirai do Sul		Não	Torre 244LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado	Itararé	Claudia Inês Parellada	26/01/2003
256	Pirai do Sul		Não	Acesso a torre 245LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado/ Lítico polido/ Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	28/01/2003
257	Pirai do Sul		Não	Torre 247LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado/ Lítico polido/ Cerâmico	Itararé /e Tupiguarani	Claudia Inês Parellada	28/01/2003
258	Pirai do Sul		Não	Torre 248LT230KV BAT-JAG	Lítico lascado / Cerâmico	Itararé	Claudia Inês Parellada	22/08/2003
259	Pirai do Sul	CNSA1982	-----	Não identificado	-----	-----	-----	-----
260	Ribeirão Claro	PR00468	PR-JÁ-018 (PR41/65)	Corredeira da Ilha	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	15/11/1965
261	Ribeirão Claro	PR00466	PR-JÁ-016 (PR39/65)	Estradinha - 2	Lítico lascado / Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	14/11/1965
262	Ribeirão Claro	PR00465	PR-JÁ-015 (PR38/65)	Estradinha - 1	Lítico lascado/ Lítico polido/Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	14/11/1965
263	Ribeirão Claro	PR00464	PR-JÁ-014 (PR35/65)	Acampamento - 1	Lítico lascado/ Lítico polido/ Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	13/11/1965
264	Ribeirão Claro	PR00224	Não	Ribeirão Claro - 3	Cerâmico	Não Atribuída	Erika M. Robrahn González	1994
265	Ribeirão Claro	PR00223	Não	Ribeirão Claro - 2	Lítico lascado	Não Atribuída	Erika M. Robrahn González	1994
266	Ribeirão Claro	PR00222	Não	Ribeirão Claro	Lítico lascado/ Cerâmico	Não Atribuída	Erika M. Robrahn González	1994

267	Ribeirão Claro		Não	PR40/65 Estradinha - 3	Lítico lascado	Não Atribuída	Igor Chmyz	14/11/1965
268	Sapopema		PRSA14N°C3728, 3729 e 3730, 4575 a 4580	Ribeirão Barra Grande - 3	Lítico lascado	A ser definida	Igor Chmyz	04/06/2002
269	Wenceslau Braz	PR00579	PR17/64	Fazenda Tamanduá	Cerâmico	Não Atribuída	Igor Chmyz	02/10/1964
270	Wenceslau Braz		PRAN29N°C3677	Rio da Corredeira	Lítico lascado/Cerâmico	Tupiguarani	Igor Chmyz	06/02/2002


Apêndice II: Figura 5 - Distribuição das Tradições arqueológicas na bacia do rio das Cinzas



## ANEXO



## Anexo 1- ficha modelo do CNSA

<b>Ministério da Cultura</b> <small>Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC</small>	<b>Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos</b> <b>CNSA / SGPA*</b>	 <b>IPHAN</b> <small>Centro Nacional de Arqueologia</small>
- CNSA PR00005 -		
<b>Nome do sítio:</b> Corredeira das Três Ilhas		
<b>Outras designações e siglas:</b> PR-JA-037		<b>CNSA:</b>
<b>Município:</b> Andará		
<b>Descrição sumária do sítio:</b> Sítio cerâmico com enterramento a céu aberto, constituído por quatro concentrações material. Tradição Tupiguarani, Fase Cambará.		
<b>Sítios relacionados:</b>		
<hr/>		
<b>Comprimento:</b> 80m	<b>Largura:</b> 40m	<b>Altura máxima:</b> 0m (a partir do nível do solo)
<b>Área:</b> 2512m <sup>2</sup>	<b>Medição</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Estimada</b>
		<input checked="" type="checkbox"/> <b>Passo</b>
		<input checked="" type="checkbox"/> <b>Mapa</b>
		<input checked="" type="checkbox"/> <b>Instrumento</b>
<b>Unidade geomorfológica:</b>		
<b>Compartimento topográfico:</b>		
<b>Altitude:</b> 0m (com relação ao nível do mar)		
<b>Água mais próxima:</b> Rio Paranapanema		
<b>Distância:</b> 18m		
<b>Rio:</b>		
<b>Bacia:</b> Paraná		
<hr/>		
<b>Vegetação atual</b>		<b>Uso atual do terreno</b>
<input type="checkbox"/> <b>Floresta ombrófila</b>	<input type="checkbox"/> <b>Savana (cerrado)</b>	<input type="checkbox"/> <b>Atividade urbana</b>
<input type="checkbox"/> <b>Floresta estacional</b>	<input type="checkbox"/> <b>Savana-estépica (Caatinga)</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Pasto</b>
<input type="checkbox"/> <b>Campinarana</b>	<input type="checkbox"/> <b>Estepe</b>	<input type="checkbox"/> <b>Via pública</b>
<input type="checkbox"/> <b>Capoeira</b>	<b>Outra:</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Estrutura de fazenda</b>
<b>Propriedade da terra</b>	<input type="checkbox"/> <b>Área pública</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Área privada</b>
	<b>Outra:</b>	<input type="checkbox"/> <b>Área militar</b>
		<input type="checkbox"/> <b>Área indígena</b>
<b>Proteção legal</b>	<input type="checkbox"/> <b>Unid. de conservação ambiental</b>	<b>Outro:</b>
<b>Em área tombada</b>	<input type="checkbox"/> <b>Municipal</b>	<input type="checkbox"/> <b>Área devoluta</b>
	<input type="checkbox"/> <b>Estadual</b>	<b>Outro:</b>
	<input type="checkbox"/> <b>Federal</b>	<input type="checkbox"/> <b>Patrim. da humanid</b>
<hr/>		
<b>Categoria</b>		<b>Tipo de sítios:</b> Habitação
<input checked="" type="checkbox"/> <b>Unicomponencial</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Pré-colonial</b>	<b>Forma:</b>
<input type="checkbox"/> <b>Multicomponencial</b>	<input type="checkbox"/> <b>De contato</b>	<b>Tipo de solo:</b>
	<input type="checkbox"/> <b>Histórico</b>	
<b>Estratigrafia:</b>		
<b>Contexto de deposição</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Em superfície</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Em profundidade</b>
<b>Exposição</b>	<input checked="" type="checkbox"/> <b>Céu aberto</b>	<input type="checkbox"/> <b>Gruta</b>
	<input type="checkbox"/> <b>Abrigo sob rocha</b>	<input type="checkbox"/> <b>Submerso</b>
	<input type="checkbox"/> <b>Outra:</b>	
<hr/>		
<small>* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.</small>		
<b>Página 1 de 3</b>		
<hr/>		

Sist. Nac. de Patrimônio Cultural - SNPC

- CNSA PR00005 -

Centro Nacional de Arque

## Estrutura

 Área de refugio De lascamento De Combustão  
(fogueira, forno, fogão) Funerárias Vestígios de edificações Vestígios de mineração Alinhamento de pedras Manchas pretas Canais tipo trincheiras,  
valetas Círculos de pedra Estacas, buracos de  
Fossas Fossas Muros de terra, linhas de  
argila Palafitas Paliçadas Concentrações cerâmica -  
quant.:

## Artefatos

 Lítico lascado Lítico polido Sobre material orgânico**Outros vestígios líticos:** Cerâmico Sobre concha

Outras:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Arte rupestre:

 Pintura: Gravura: Ausente:

## FILIAÇÃO CULTURAL

Artefatos líticos:

Tradições:

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:

Tradições: Tupiguarani

Fases: Cambará

Complementos: Subtradição Pintada

Outras atribuições:

Artefatos rupestre:

Tradições:

Estilos:

Complementos:

Outras atribuições:

Datações Absolutas:

Datações Relativas:

Grau de integridade

 mais de 75% entre 25 e 75% menos de :

Fatores de destruição

 Erosão eólica Erosão fluvial Vandalism Erosão pluvial Atividades agrícolas Construção de estrada Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos: Cultivo com trator e construções

Possibilidades de destruição:

Medidas para preservação:

Relevância do sítio

 Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local

 Registro Sondagem ou Corte estratigráfico Coleta de superfície Escavação de grande superfície Levantamento de grafismo rupest

Nome do responsável pelo registro: Igor Chmyz

Data do registro: 10/06/1986

Ano do registro:

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

## Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos\*

Sist. Nac. de Patrimônio Cultural - SNPC

- CNSA PR00005 -

Centro Nacional de Arqueol

**Nome do projeto:** (**Documentação produzida (quantidade)**

<b>Mapa com sítio plotado:</b> 0	<b>Foto preto e branco</b>
<b>Croqui:</b> 0	<b>Reprografia de imagem</b>
<b>Planta baixa do sítio:</b> 1	<b>Imagem de satélite</b>
<b>Planta baixa dos locais afetados:</b> 0	<b>Cópia total de arte rupestre</b>
<b>Planta baixa de estruturas:</b> 0	<b>Cópia parcial de arte rupestre</b>
<b>Perfil estratigráfico:</b> 0	<b>Ilustração do material</b>
<b>Perfil topográfico:</b> 0	<b>Caderneta de campo</b>
<b>Foto aérea:</b> 0	<b>Video / Filme</b>
<b>Foto colorida:</b> 0	<b>Outros</b>

**Bibliografia****Responsável pelo preenchimento da ficha:** Maria do Carmo Mattos Monteriro dos Santos**Data:** 07/08/1997**Localização dos dados:** 10ª CR**Atualizações:**

Assinatura

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

